UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PROLING

MARIA JABERLÂNYE DA SILVA NELO

O AGIR DE TUTORES NA EAD: "*minha experiência na tutoria me permite dizer...*"

JOÃO PESSOA, PB
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PROLING

MARIA JABERLÂNYE DA SILVA NELO

O AGIR DE TUTORES NA EAD: "*minha experiência na tutoria me permite dizer...*"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba, como instrumento de qualificação e posterior obtenção de título de pós-graduação em Linguística, em nível de Mestrado. Área de concentração: Linguística e Práticas Sociais.
Orientadora: Prof.ª Drª. Regina Celi Mendes Pereira

JOÃO PESSOA, PB
2017

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N423a Nelo, Maria Jaberlânye da Silva.
O agir de tutores na EAD: "minha experiência na tutoria me permite dizer..." / Maria Jaberlânye da Silva Nelo. - João Pessoa, 2017.
134 f. : il.

Orientador: Dr. Regina Celi Mendes Pereira.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA

1. Linguística aplicada. 2. Interacionismo sociodiscursivo (ISD). 3. Trabalho docente. I. Pereira, Regina Celi Mendes. II. Título.

UFPB/BC

O AGIR DE TUTORES NA EAD: "*minha experiência na tutoria me permite dizer*"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção de grau de Mestre em Linguística.

Data de aprovação: 31/03/2017

MENBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Regina Celi Mendes Pereira (UFPB)
Orientadora

Profa. Dra. Betânia Passos Medrado (UFPB)
Membro

Prof. Dr. Fábio Pessoa da Silva (UFPB)
Membro

Dedico este trabalho à minha avó Matilde Teixeira (*in memoriam*), exemplo de força, persistência e doçura.

AGRADECIMENTOS

Ao longo da nossa vida, Deus nos presenteia com verdadeiros anjos que fazem essa jornada parecer mais leve. A emoção que me toma ao escrever estes agradecimentos é tamanha. Pois, como não lembrar de todo o percurso até aqui, de todos os que passaram por mim e que de alguma forma deixaram sua marca? Como não lembrar dos momentos de dificuldades, de quase desespero pelos dados que não chegavam? Como não lembrar daqueles que estavam mais próximos e sempre nos davam palavras de apoio e motivação? Esse processo de recordação me faz saber exatamente a quem devo agradecer. Esta pesquisa não é só minha, ela é nossa! É de cada um que esteve ao meu lado, e a estes expresso minhas mais sinceras palavras de gratidão.

Agradeço a Deus por ter me conduzido nesta jornada, dando-me força e discernimento em todos os momentos, realizando os seus sonhos em minha vida.

Aos meus pais, que sempre me deram os melhores ensinamentos e, em incontáveis vezes, colocaram, a mim e as minhas irmãs, como as prioridades de suas vidas, estando sempre ao meu lado em cada passo. Ao meu pai, Cosme Antônio que, mesmo sem ter-lhe sido concedida a oportunidade de concluir os estudos, nunca mediu esforços para que suas filhas estudassem, ensinando-as que a sabedoria proporcionada pelas experiências da vida, muitas vezes é superior a qualquer conhecimento presente nos livros. À minha mãe, Josefa Teixeira que, desde sempre, foi meu exemplo de profissional, mesmo trabalhando com carga horária dobrada, nunca deixou a desejar, nem como professora, nem como mãe. Ela foi minha primeira professora e é a maior influenciadora da profissional a qual me tornei. Obrigada por serem os pais que são. Eu os amo!

Ao meu amado/amigo/esposo Arlem Nelo, que desde a época do namoro sempre tinha uma palavra de motivação, não permitindo que eu desistisse de tentar, que adiou seus sonhos para que eu realizasse os meus. Que compreendeu minhas ausências, meus momentos de isolamento. Que me ouvia incansavelmente quando eu precisava de um interlocutor para definir os objetivos de pesquisa. Que por muitas vezes foi também um coorientador. A você, meu grande amor, que sonha junto comigo, e que sobe cada degrau dessa escada ao meu lado, muito obrigada! Quero tê-lo sempre aqui partilhando dos mesmos ideais. Eu te amo!

À minha orientadora Regina Celli Mendes Pereira, meu reconhecimento e eterna gratidão. Sempre a ouço dizer que os orientandos são para ela como filhos e é exatamente assim que ela

nos faz sentir. Agradeço por todo carinho e compreensão. Pela serenidade com que conduz esse processo de orientação. Por sempre me fazer enxergar além, fazendo-me vislumbrar outras possibilidades e novos caminhos. Não há como expressar a gratidão e admiração que sinto. Obrigada por ser esse anjo guia!

Às minhas irmãs, sempre companheiras e grandes incentivadoras. Cada uma, ao seu modo, me inspira e me desperta o desejo de ser sempre alguém melhor. Jarbele Cássia, Jacimara Teixeira e Simone Teixeira, tenho muito orgulho de vocês! Obrigada por me ensinarem o valor do perdão e por sempre estarem prontas a me ajudar no que for preciso, obrigada por todo incentivo, mas obrigada, principalmente, pela amizade de vocês.

Falando em amizade, como não lembrar dos novos amigos que fiz ao longo desses dois anos. Agradeço então pelas discussões sempre produtivas e inspiradoras, pelos momentos de descontração nos intervalos das aulas, pelas parcerias nos eventos e publicações e, principalmente, por tornarem esses dois anos mais leves. Obrigada, meus anjos acadêmicos: Liane Leitão, Rosycléa Dantas, Daniel Mendes, Lilia, Luciano Leal, Bruna Costa e Gerthrudes Araújo, a quem faço um agradecimento especial por ter sido um canal para que eu conseguisse o acesso aos dados e às autorizações necessárias para dar continuidade à pesquisa.

Os anjos terrenos adentram em nossas vidas e quando nos damos conta, não há mais como viver sem eles. Este anjo apareceu em forma de professora, logo se tornou a madrinha e hoje, além disso tudo, é uma grande amiga e inigualável companheira acadêmica. A você, querida Luana Farias, não poderia deixar de externar minha gratidão. Obrigada por todo ensinamento, incentivo, companheirismo e, principalmente, obrigada por ser este exemplo de mulher e profissional.

Agradeço também a esta grande família que são os grupos ATA e GELIT. Com vocês, a cada encontro, pude aprender um pouco mais e amadurecer academicamente. Sinto muito orgulho por fazer parte desses grupos!

Não há vida acadêmica sem a presença de professores. A professora que sou hoje, sem dúvida alguma tem um pouquinho de cada um dos docentes que passaram por minha vida. Agradeço especialmente a Fábio Pessoa e Socorro Cláudia pelas preciosas contribuições na qualificação e às professoras Betânea Medrado e Carla Reichmann por me proporcionarem ricas reflexões acerca do trabalho docente.

Agradeço ainda aos meus familiares, aqui representados pela minha querida tia Adnalva Teixeira, que mesmo de longe torciam e torcem por mim. E aos amigos, em especial Alberto Araújo, que com a gentileza que lhe é característica, fez uma leitura atenciosa deste trabalho.

Agradeço ainda ao coordenador de EaD do Instituto Federal da Paraíba, que me possibilitou ter acesso aos dados aqui apresentados, e aos tutores que de maneira muito solícita dispuseram de seu tempo para contribuir com esta pesquisa.

“Porque cada um, independente das habilitações que
tenha, ao menos uma vez na vida
fez ou disse coisas muito acima da sua natureza e
condição, e se a essas pessoas
pudéssemos retirar do quotidiano pardo em que vão
perdendo os contornos, ou elas a si
próprias se retirassem de malhas e prisões, quantas mais
maravilhas seriam capazes de
obrar, que pedaços de conhecimento profundo poderiam
comunicar, porque cada um de
nós sabe infinitamente mais do que julga e cada um dos
outros infinitamente mais do
que neles aceitamos reconhecer.”

José Saramago (A Jangada e a Pedra)

RESUMO

Concomitante à expansão da modalidade de Educação a distância (EaD), surge a necessidade de ampliação dos estudos voltados à atividade docente de tutoria. Exercendo uma função de extrema relevância no cenário educacional *online*, o tutor atravessa impasses que, por muitas vezes, geram dúvidas e insegurança acerca do papel que desempenha. Dessa forma, esta pesquisa tem por objetivo investigar quais as representações do agir dos tutores da EaD sobre o trabalho que desenvolvem, a fim de constatar qual a função social do tutor, a partir dos textos/discursos produzidos por estes profissionais e de documentos prescritivos desta atividade. Ancorados nos aportes teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) a partir de Bronckart (2012/1999, 2007, 2006); Machado (2004, 2007); Abreu-Tardelli (2004); Pereira, Medrado e Reichmann (2015), e nas Ciências do trabalho com Amigues (2004); Saujat (2004); Clot (2007, 2010); Nouroudine (2002), compreende-se que o agir e a linguagem possuem um papel fundamental no desenvolvimento humano, sendo assim possível compreender, a partir da visão dos próprios tutores, egressos de diferentes áreas do conhecimento, e das funções que desempenham em sua atividade profissional, qual é o lugar que ocupam na sociedade. Para melhor compreender essa multiplicidade de saberes que envolve a atividade docente de tutoria na EaD, analisamos documentos prescritivos da atividade de tutoria, textos produzidos nos fóruns de discussão de um curso de formação *online* oferecido aos tutores egressos dos processos seletivos, que objetivam prepará-los tanto para a atuação com os alunos, quanto para a navegação no ambiente virtual de aprendizagem. e textos/discursos gerados a partir de entrevistas semiestruturadas. As análises nos permitiram observar que as modalizações presentes nos textos/discursos produzidos pelos tutores são marcas de profissionais que se responsabilizam por suas ações e que, apesar da não experiência, ou da falta de prescrições, são capazes de conduzir seu trabalho com base no que podem e devem fazer. As representações acerca da atividade de tutoria nos direcionam para uma concepção de que ainda há uma (in)compreensão sobre o trabalho do tutor. Sob a ótica da legislação brasileira, as menções a esse profissional são ainda poucas e vagas. Nas postagens do fórum do curso de capacitação, percebemos que em alguns pontos as representações de cada colaborador convergem, mas, em outros, se percebe uma falta de unidade, principalmente com relação às funções que devem ser desempenhadas pelo tutor. Nas entrevistas, observamos que as representações dos tutores ancoram-se, principalmente, nas experiências anteriores que eles tiveram com a EaD, o que fez emergir as várias atribuições do tutor, algumas delas, ausentes nos próprios documentos prescritivos.

Palavras-chave: Linguística Aplicada. ISD. Trabalho docente. Tutor. Representações do Agir.

ABSTRACT

Concurrently with the expansion of the e-learning mode, the need to expand studies focused on the tutoring activity arises. Playing an extremely important role in online educational setting, the tutor crosses impasses that, in many cases, generate doubts and insecurity about the role they play. Thus, this research aims to investigate the representations of acting of e-learning tutors on the work they develop, in order to verify the tutor social function, based on the texts/speeches produced by them and the prescriptive documents of this activity. Based on the theoretical contributions of Socio-Discursive Interacionism (SDI) from Bronckart (2012/1999, 2007, 2006); Machado (2004, 2007); Abreu-Tardelli (2004); Pereira, Medrado and Reichmann (2015), and in the work sciences with Amigues (2004); Saujat (2004); Clot (2007, 2010); Nouroudine (2002), we understand that action and language play a fundamental role in human development, so it is possible to understand from the view of the tutors themselves, coming from different fields of knowledge, and the functions they perform in their professional activity, the place they occupy in society. To better understand this multiplicity of knowledge that involves the activity of tutoring in e-learning, we analyzed prescriptive documents of the tutorial activity, texts produced in the discussion forums of an online training course offered to tutors from selective processes and texts/speeches generated from semi-structured interviews. The analysis showed that the modalizations present in the texts/speeches produced by the tutors are characteristics of professionals responsible for their actions, and that despite non-experience, or lack of prescriptions, they are able to conduct their work based on what they can and should do. The representations about teaching activity in e-learning found, lead us to a conception that there is still an (mis) understanding about the tutor's work. Under the Brazilian legislation, the mentions to these professionals are still few and vague. In the forum posts of the training course we observe that the representations of each collaborator converge in some aspects, but in others there are disagreements, especially with regard to the duties to be performed by the tutor. In the interviews, we observed that the representations of the tutors are anchored mainly in the previous experiences they had with e-learning, which gave rise to the various duties of the tutor, some of them, absent in the prescriptive documents themselves.

Keywords: Applied Linguistics. ISD. Teaching work. Tutor, e-learning. Representations of Acting.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Principais características da LA Contemporânea..... 53
Figura 2 - Folhado Textual (Adaptado de Bronckart, 2012/1999). 56
Figura 3 - O triângulo que representa o trabalho do professor 62
Figura 4 - Compreensão de Trabalho docente. 64
Figura 5 - Processo de (re)construção das normas. 66
Figura 6 - Práticas linguageiras acerca do trabalho 68
Figura 7 - Taxas de evasão registradas pelas instituições, por tipo de curso (%). 77
Figura 8 - Resumo das atribuições dos tutores apresentadas pelos colaboradores. 79

QUADROS

Quadro 1 - Códigos utilizados na transcrição dos dados 27
Quadro 2 - Resumo do perfil acadêmico/profissional dos tutores-colaboradores 30
Quadro 3 - Gênero do Discurso x Gênero Profissional 43
Quadro 4 - As modalizações e suas expressões linguísticas. 59
Quadro 5 - Conteúdos Temáticos presentes nos dados. 70

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANATED – Associação Nacional de Tutores na Educação a Distância

ANDIFES – Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior

AVA – Ambientes Virtuais de Aprendizagem

CT – Conteúdos Temáticos

EaD - Educação a Distância

E-TEC – Escola Técnica Aberta do Brasil

IFPB – Instituto Federal da Paraíba

ISD – Interacionismo Sociodiscursivo

LA – Linguística Aplicada

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

NEE – Necessidades Educacionais Especiais

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PROLING – Programa de Pós-graduação em Linguística

TICS – Tecnologias da Informação e Comunicação

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UECE – Universidade Estadual do Ceará

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14

2 OS (DES)CAMINHOS DA PESQUISA: PERCURSOS METODOLÓGICOS 19

2.1 A natureza da pesquisa 21

2.2 Os instrumentos metodológicos 24

2.1.1 Informações do questionário 25

2.1.2 Informações da entrevista 25

2.1.3 Informações do fórum 27

2.3 Delineando os colaboradores da pesquisa e o seu contexto de trabalho 29

2.4 Procedimentos de análise dos dados 32

3 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: (IN) DEFINIÇÕES E PERSPECTIVAS 34

3.1 Percurso histórico 37

3.2 A tutoria na EaD 40

3.3. Gênero Profissional Docente 41

3.3.1 Gêneros do discurso e gênero profissional: em busca de uma associação 42

3.3.2 Tutor, um novo gênero profissional? 45

3.4 A ausência de prescrições para o trabalho de tutoria 46

4 LINGUÍSTICA APLICADA, ISD E CIÊNCIAS DO TRABALHO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS. 51

4.1 O Interacionismo Sociodiscursivo 54

4.1.1 A análise com base na arquitetura dos textos 57

4.1.2 O nível enunciativo 58

4.2 As Ciências do Trabalho e as pesquisas sobre o trabalho docente 59

4.2.1 Linguagem e trabalho 64

5 "O TUTOR É UM PROFISSIONAL QUE ATUA COMO PROFESSOR" : O TRABALHO DOCENTE NA TUTORIA EAD 69

5.1 O que dizem os tutores sobre o seu trabalho? 70

5.1.1 As atribuições do tutor a distância 71

5.1.2 Interação entre tutores e alunos nos AVA. 79

5.1.3 A importância do tutor a distância X A desvalorização social e profissional 82

5.1.4 Desmistificação acerca da qualidade de ensino na EaD 88

5.1.5 A importância do curso de capacitação 89
5.2 O que revelam os modalizadores? 91
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES 93
REFERÊNCIAS 97
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL 103
APÊNDICE B – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA 104
APÊNDICE C- ENTREVISTA COM A TUTORA ÁGATA 105
APÊNDICE D- ENTREVISTA COM A TUTORA EVA 114
APÊNDICE E – ENTREVISTA COM O TUTOR DANILO 122
APÊNDICE F – PARTICIPAÇÕES DA TUTORA ÁGATA NOS FÓRUNS DO CURSO DE CAPACITAÇÃO 124
APÊNDICE G – PARTICIPAÇÕES DA TUTORA EVA NOS FÓRUNS DO CURSO DE CAPACITAÇÃO 125
APÊNDICE H – PARTICIPAÇÕES DO TUTOR DANILO NOS FÓRUNS DO CURSO DE CAPACITAÇÃO 128

1 INTRODUÇÃO

"A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê."
(Arthur Schopenhauer)

Na Linguística Aplicada (doravante LA), antes da década de 90, o que se via eram pesquisas que, apesar de também se desenvolverem no âmbito da sala de aula, detinham-se a analisar apenas as metodologias. Só muito recentemente é que o olhar dos pesquisadores tem se voltado para investigar, também no âmbito da sala de aula, o professor, enquanto trabalhador, que tem muito a dizer acerca da atividade que desenvolve, contribuindo, assim, para uma compreensão do rumo que segue a educação e a identidade docente nos dias atuais, deixando de lado aquela tradicional concepção de docência como dom ou doação.

Com base na perspectiva de uma LA que se tem feito na *modernidade recente* (cf. MOITA LOPES, 2006*)*, seguimos a ideia de que as formas de se fazer pesquisa em linguística tem se modificado para acompanhar as mudanças. E a quantidade de estudos que têm voltado seu olhar para o trabalho docente são a prova dessa mudança (BUENO, 2009; FERREIRA; MACHADO; LOUSADA, 2011; PÉREZ, 2014). Se fizermos um apanhado histórico, perceberemos que áreas como a Sociologia, a Educação, a Filosofia e as Ciências do trabalho, por exemplo, têm tomado o trabalho docente como objeto de estudo, e o resultado desses estudos já vêm contribuindo de forma positiva para a formação inicial e continuada dos professores.

No entanto, é fácil constatar que esse olhar, se volta, em sua maioria, para o professor atuante na modalidade de ensino presencial (ARAÚJO, 2015; FREUDENBERGER, 2015) e muito pouco se tem refletido sobre o professor da Educação a Distância (doravante EaD). E quando se trata da atividade docente de tutoria em EaD, profissional imprescindível nessa modalidade de ensino, menos ainda se tem discutido.

Apesar de todos os avanços galgados pela Educação a Distância, essa modalidade de ensino ainda é permeada por uma série de questões que não são bem compreendidas pela sociedade. Quando comparada à educação presencial, o preconceito se apresenta até mesmo no discurso dos próprios profissionais da área, que não inferem credibilidade ao ensino que é oferecido nesta modalidade.

Nessa perspectiva, a LA comtemporânea assume o papel de realizar pesquisas com um olhar direcionado às *vozes do sul*[1] e de cunho *interdisciplinar/transdisciplinar*. Assim, no sentido de encontrar novos espaços que nos possibilitem refletir sobre a vida social, é que esta pesquisa insere-se nesse panorama. Pois, pesquisar o trabalho docente é uma possibilidade de dar voz aos professores, que muitas vezes não têm a possibilidade de refletir sobre a atividade que desenvolvem.

A partir desse viés da interdisciplinaridade, citado por Moita Lopes (2006), ancoramos nossa pesquisa também nos aportes do Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD) idealizado por Bronckart e colaboradores (2012/1999, 2006, 2007, 2008), que se difundiu no Brasil a partir de Machado (2004, 2007), Abreu-Tardelli (2004) Cristóvão (2008), Abreu-Tardelli e Cristóvão (2008), Bueno (2009), Medrado (2011), Pereira, Medrado e Reichmann (2015), entre outros.

Com base no ISD, compreendemos que o agir e a linguagem possuem um papel fundamental no desenvolvimento humano e, a partir desse pressuposto, buscamos compreender, apoiados na visão dos próprios tutores e das funções que desempenham em sua atividade profissional, qual é o lugar que ocupam na sociedade. A fim de melhor compreender o trabalho docente, procuramos respaldo também na Ergonomia, com Amigues (2004) e Saujat (2004), abordando as noções de textos prescritivos, trabalho prescrito e trabalho realizado; na Clínica da atividade, Clot (2007, 2010), Faita (2004) e Bensassoli e Soboll (2011) e Nouroudine (2002) nos trazem uma abordagem da linguagem *como*, *no* e *sobre* o trabalho. Tudo isso para compreender essa multiplicidade de saberes que envolve a atividade docente, e para o contexto de nossa pesquisa, a atividade docente do tutor de EaD.

De fato, pode-se constatar que, embora se perceba um crescente investimento e organização direcionados à EaD, a expansão desta modalidade de ensino fez com que algumas práticas, bem como alguns atores envolvidos neste processo, fossem prejudicados, pois, ao passo em que se investe na disseminação do ensino, poupa-se no investimento e na valorização dos profissionais envolvidos.

O fato de já termos desempenhado a função de tutor em um curso a distância, nos fez direcionar um olhar mais crítico, e de dentro, para esse trabalho. Percebemos, ao longo da nossa atuação, alguns impasses em relação ao trabalho do tutor, visto que, devido ao fato de ainda não haver uma regulamentação que o considere profissão, (con)funde-se este trabalho

[1] Moita Lopes (2006) considera como "vozes do sul" as vozes daqueles que experienciam as práticas sociais, mas são marginalizados e não têm a oportunidade de contribuir nas decisões de novas políticas públicas nos contextos em que estão inseridos.

com o do professor, embora vejamos uma diferenciação entre as duas atividades profissionais, o que gera nos tutores, em alguns casos, uma insegurança oriunda da falta de autonomia na execução das atividades inerentes à sua função.

Assim, observa-se que, a partir das inúmeras atribuições a serem executadas, habilidades e competências que devem ser desenvolvidas, o tutor exerce uma função de extrema relevância no cenário educacional. Diante desta realidade, faz-se necessária a ampliação de estudos voltados para análise desta atividade docente. Por estes motivos, destacamos a relevância desta pesquisa, uma vez que, ao analisar as representações dos profissionais acerca do papel que desempenham, poderemos suscitar algumas reflexões sobre qual seria a real função social do tutor, a fim de contribuir de forma significativa para o crescimento da Educação a Distância no Brasil. Apesar dos estudos já existentes direcionadas à EaD e ao tutor — dentre os quais podemos citar como mais relevantes o de Bentes (2009) e o de Ferreira (2015), que versam acerca de *representações sobre o agir na tutoria*, nos quais inspiramos e que servirão de suporte no decorrer deste trabalho — nenhuma outra pesquisa discutiu a temática a que nos propomos neste estudo, evidenciando o olhar de áreas do conhecimento distintas sobre o trabalho do tutor.

O fato de também trazermos para esta discussão o contexto de formação/capacitação dos tutores, antes da realização da atividade de tutoria, abre espaço para reflexões acerca da importância desse momento de pensar sobre a atividade que irão desenvolver. A maneira de interagir dos participantes nos fóruns do curso de formação, conforme se verá, deixa claro que muitos ainda tinham uma visão deturpada acerca do ensino a distância, e isso se dava por conta do não conhecimento da modalidade. Sendo assim, propiciar aos futuros tutores uma experiência, enquanto aluno da modalidade, também é considerada por nós uma necessidade, tanto para se familiarizem com o ambiente virtual de aprendizagem como para que tenham um olhar mais realista com relação à EaD.

Em vista disso, objetivamos, por meio deste estudo, investigar quais as representações do agir profissional de sujeitos que atuam como tutores na EaD em diferentes áreas do conhecimento, sobre o trabalho que desempenham, a fim de discutir qual a função social do tutor, a partir dos textos/discursos produzidos por estes profissionais e dos documentos prescritivos da atividade de tutoria.

De modo mais específico, objetivamos:

- Analisar, através das ações linguageiras, quais as impressões dos tutores em relação à atividade profissional que desenvolvem, buscando identificar se as

diferentes áreas do conhecimento influenciam na percepção dos tutores acerca do seu trabalho e da EaD.

- Compreender até que ponto o trabalho do tutor da EaD pode (con)fundir-se com o trabalho do professor, observando se as nomenclaturas tutor e professor não passam de meras denominações e que, a depender das escolhas dos profissionais envolvidos, ambos podem assumir responsabilidades semelhantes e/ou iguais.
- Construir uma definição que oriente os tutores, bem como toda a comunidade envolvida nesse processo, na construção do que seria a função social desses profissionais que, mesmo sendo, na maioria dos casos, enquadrados na profissão de professores, não possuem uma regulamentação que resguarde seus direitos enquanto tais.

Dessa forma, ancorados no pressuposto de que é possível compreender a função social do tutor através da linguagem, uma vez que, segundo as concepções do ISD, "interpretar um texto seria (principalmente) interpretar figuras interpretativas da ação nele contidas e, assim, seria interpretar a ação humana" (BRONCKART, 1999, p. 35), levantamos as seguintes asserções:

- ✓ O tutor desempenha, na maioria dos casos, a função de docente (ainda que alguns deles, a depender do curso em que atuam, não tenham formação em licenciatura), visto que ele atua na mediação do conhecimento e, se a profissão de professor é considerada como trabalho, a tutoria também deveria ser vista como tal; este reconhecimento profissional poderia culminar na criação de políticas públicas que assegurassem garantias ao profissional.
- ✓ A escassez de documentos prescritivos do trabalho do tutor pode ser uma das causas desta indefinição acerca das atribuições que dizem respeito a este profissional.
- ✓ A formação acadêmica, a experiência ou não na educação presencial e/ou a experiência enquanto tutores podem levar os profissionais das diferentes áreas do conhecimento a ter representações diferentes acerca do trabalho que desenvolvem, e tais representações podem nos ajudar a constituir uma definição sobre qual seria a função do tutor na EaD.

O corpus desta pesquisa são formados por documentos que prescrevem o trabalho do tutor da EaD no Instituto Federal da Paraíba (IFPB), instituição na qual nossos três colaboradores atuavam como tutores. Para complementar esta análise e atender os nossos

objetivos de pesquisa, coletamos participações dos tutores nos fóruns do Curso de Capacitação para Tutores, oferecido pela instituição e, em seguida, aplicamos um questionário sociocultural e uma entrevista semiestruturada. Nossos colaboradores têm formação acadêmica distinta, por isso, atuaram em cursos diferentes, mas fizeram o curso de formação na mesma turma. Após a coleta dos dados, realizamos uma análise com base no Folhado Textual elaborado por Bronckart e colaboradores.

Este trabalho, então, encontra-se estruturado em cinco capítulos: no Capítulo I, apresentaremos, de forma introdutória, esta pesquisa; no Capítulo II, trazemos o percurso metodológico pelo qual segue nossa pesquisa, os instrumentos de coleta e geração de dados e os procedimentos e categorias de análise de dados que foram utilizados; nos Capítulos III e IV, trazemos os aportes teóricos escolhidos para conduzir a análise dos dados, apresentando ainda, neste último, a análise de alguns documentos prescritivos da atividade de tutoria; e no Capítulo V, explicitamos as análises realizadas com base nos textos/discursos que foram produzidos pelos colaboradores. E, por último, apresentamos nossas considerações finais.

2 OS (DES)CAMINHOS DA PESQUISA: PERCURSOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é um modo de construir a vida social ao tentar entendê-la.
(Luiz Paulo da Moita Lopes)

Toda pesquisa requer dos sujeitos envolvidos, um longo e incerto caminhar, em que o pesquisador atravessa momentos de dúvidas, incertezas, dificuldades, descobrimento, superação e crescimento. Ao longo deste caminho, breves pausas são indispensáveis. Nelas, temos a oportunidade de ir agregando conhecimento à nossa bagagem, pois a cada "parada" diante de um colaborador, do orientador ou de um texto, somos convidados a deixar a bagagem mais pesada, ou mais leve, quando nos damos conta de que nem tudo é relevante para o estudo. Neste caminhar, passamos por mundos distintos, repletos de saberes a serem desvendados. Assim, percorreremos, a partir de então, as vias que nos direcionaram a este percurso na busca pelo conhecimento.

Ao ISD, quadro teórico em que se situa esta pesquisa, algumas teorias e/ou instrumentos têm sido agregados para melhor compreender o trabalho do professor. Dessa forma, o caminho teórico por nós percorrido perpassa, a partir da indicação de Flick (2009, p. 62), os quatro tipos necessários de literatura em um estudo qualitativo:

> i. literatura teórica sobre o tema do estudo;
> ii. literatura empírica sobre pesquisas anteriores na área do estudo ou em áreas similares;
> iii. literatura metodológica sobre como realizar as pesquisa e sobre como utilizar os métodos escolhidos;
> iv. literatura teórica e empírica para a contextualização, a comparação e a generalização das descobertas.

Neste sentido, inicialmente, ancoramo-nos em Belloni (1999), Maciel e Fontana (2013) e Araújo (2013), com considerações sobre a EaD no Brasil, e Azevedo (2005; 2014), contribuindo com algumas reflexões sobre o papel do tutor na EaD, que se enquadrariam na *literatura teórica sobre o tema do estudo.*

Também foi preciso consultar uma *literatura empírica sobre pesquisas anteriores na área do estudo ou em áreas similares*, que contribuem com nosso trabalho, por já ter desenvolvido anteriormente atividades na mesma linha (FERREIRA, 2015).

Como norte metodológico no decorrer de toda esta pesquisa, buscamos respaldo, principalmente, em Flick (2009) e Bortoni-Ricardo (2008) que estariam enquadrados como a

literatura metodológica sobre como realizar as pesquisas e sobre como utilizar os métodos escolhidos.

Também tomamos como embasamento teórico-metodológico, os aportes gerais da Linguística Aplicada, dentre os quais, situamo-nos mais especificamente, no Interacionismo Sociodiscursivo, que comporiam a *literatura teórica e empírica para a contextualização, a comparação e a generalização das descobertas.*

Após este momento de aprofundamento teórico, iniciamos o período de geração e coleta de dados[2], considerado por nós o de maior complexidade para o pesquisador. É neste momento que o pesquisador precisa sair da sua "zona de conforto", e para nós, que optamos por realizar nossas pesquisas com a colaboração de seres humanos, é preciso, literalmente, entrar em campo. Inicia-se, então, um período de negociação, quando o pesquisador sai em busca daqueles que darão vida à sua pesquisa. Mas, para que isto aconteça, é preciso enveredar por uma série de etapas, que exigem organização e dinamismo. É preciso selecionar os colaboradores, solicitar a participação aos próprios sujeitos (e, no nosso caso, à instituição de que fazem parte), conseguir uma autorização do Comitê de Ética da instituição a que pertencemos e gerar uma documentação em que tanto os colaboradores da pesquisa, quanto o pesquisador estejam respaldados de situações como sigilo, manipulação e publicação dos dados, por exemplo.

A partir de então, iniciamos um longo período de espera pelas autorizações para a realização da pesquisa. Concomitante a esta etapa, debruçamo-nos sobre os documentos prescritivos que regem a EaD no Brasil, objetivando investigar, através da ótica deste material, como se organiza esta modalidade de educação em nosso país, e qual deve ser o espaço assumido pelos tutores na Educação a distância.

Após esse levantamento, partimos para a seleção dos colaboradores da pesquisa, que se deu de forma aleatória, a partir de sua disponibilidade. Em seguida, iniciamos o processo de geração e coleta de dados, constituído por entrevistas semiestruturadas, direcionadas aos participantes, e pela coleta de textos produzidos nos fóruns de discussão do curso de capacitação direcionado aos tutores. A escolha deste espaço, enquanto objeto de coleta de dados, se deu por acreditarmos que, em um ambiente de interação real, os colaboradores se sentiriam mais livres para relatar suas impressões e experiências.

[2] Optamos por utilizar as duas expressões porque uma parte dos dados foi gerada (entrevistas) e outra parte coletada (fóruns).

Posteriormente à coleta e geração de dados, iniciou-se o período de análise, momento que exige do pesquisador uma relação de intimidade com os dados e com a teoria, a fim de colocá-los em uma situação de completude, em que um apoiará e complementará o outro.

Estruturado em quatro seções, este capítulo objetiva delinear cada uma das etapas exigidas para a realização deste estudo. Inicialmente, refletiremos sobre a natureza desta pesquisa (2.1) e, em seguida, na segunda seção, dividida em subseções, discorreremos sobre cada um dos instrumentos de coleta de dados (2.2): o questionário (2.2.1), o fórum (2.2.2) e a entrevista (2.2.3). Na terceira seção, apresentaremos um delineamento dos colaboradores da pesquisa e do seu contexto de trabalho (2.3). E, por último, explicaremos os procedimentos de análise dos dados (2.4).

2.1 A natureza da pesquisa

Manuais de Metodologia Científica indicam, em sua maioria, que, para se conceber a natureza de uma pesquisa, os primeiros passos devem ser os de direcionar o olhar para os objetivos e pergunta da pesquisa, eles irão indicar qual/quais instrumentos serão necessários para obter os dados necessários para a realização do estudo.

Dada a natureza dos objetivos deste trabalho: *investigar quais as representações do agir, dos profissionais das diversas áreas do conhecimento que atuam como tutores na EaD, sobre o trabalho que desenvolvem, a fim de descrever qual a função social do tutor, a partir dos textos/discursos produzidos por estes profissionais e dos documentos prescritivos desta atividade*, classificamos de exploratório este estudo, quanto a seus objetivos. Quanto aos seus procedimentos técnicos, como sendo de caráter documental e de base qualitativo-interpretativista, que se utiliza também de alguns instrumentos de pesquisa etnográfica.

Documental, porque serão analisados alguns documentos que regem a Educação a Distância no Brasil e no Instituto Federal da Paraíba, documentos estes que, ao prescreverem o trabalho dos tutores na EaD, nos ajudam a compreender como se organiza esta modalidade de educação e como estes profissionais são vistos e enquadrados em sua atividade docente.

Gil (2008) afirma que a pesquisa documental é semelhante à bibliográfica. A diferença tênue entre ambas está tão somente na natureza das fontes. Pois, diferentemente da bibliográfica, a primeira vale-se da análise de materiais (documentos de arquivos, igrejas, sindicatos, instituições etc.), que ainda não receberam um tratamento analítico ou que, mesmo já tendo sido analisados em outro momento, podem receber outras interpretações.

Os objetivos deste estudo, de caráter exploratório, também nos levaram a optar pelo desenvolvimento de uma pesquisa de base qualitativo-interpretativista, uma vez que, em contraposição ao Paradigma Positivista, para o qual a natureza da realidade é sempre tangível, única e simplificadora, no Interpretativismo, encontramos uma realidade múltipla.

> Segundo o paradigma interpretativista, surgido como uma alternativa ao positivismo, não há como observar o mundo independentemente das práticas sociais e significados vigentes. Ademais, e principalmente, a capacidade de compreensão do observador está enraizada em seus próprios significados, pois ele (ou ela) não é um relator passivo, mas um agente ativo (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32).

Assim, o que mais caracteriza esse paradigma é a possibilidade de descrever, delinear e compreender os significados de determinado fenômeno a partir do ponto de vista de um sujeito, na tentativa de entender por que os sujeitos agem da forma como agem.

Neste modelo investigativo, os valores do pesquisador também exercem influência no processo e em seu objetivo, conforme nos indica Flick (2009, p. 24), "está, então, menos em testar aquilo que já é bem conhecido (por exemplo, teorias já formuladas antecipadamente) e mais em descobrir o novo e desenvolver teorias empiricamente fundamentadas." A partir das percepções dos sujeitos, podemos compreender as situações que os cercam. Por meio de uma amostra que não está previamente fechada, mas que em oposição a isto se encontra aberta e flexível, os dados vão-se alinhando aos objetivos, não precisando ser estatisticamente representativos, ajustam-se às necessidades da pesquisa.

> Pesquisadores qualitativos estudam o conhecimento e as práticas dos participantes. [...] As inter-relações são descritas no contexto concreto do caso e explicadas em relação a este. A pesquisa qualitativa leva em consideração que os pontos de vista e as práticas no campo são diferentes devido às diversas perspectivas e contextos sociais a eles relacionados (FLICK, 2009, p. 24 e 25).

Acreditamos que, ao analisarmos problemas temporalmente situados, como é o caso da EaD — que tem ganhado visibilidade nos últimos tempos — bem como, quando damos voz aos tutores para falarem a partir do contexto em que estão inseridos, assumimos também uma responsabilidade social, característica das pesquisas qualitativas em Linguística Aplicada na modernidade. Pois, como afirma Moita Lopes (2011), é preciso ouvir as vozes do sul, dar visibilidade àqueles sujeitos que até pouco tempo eram esquecidos pelos pesquisadores.

Ao mesmo tempo, também realizamos uma pesquisa reflexiva que, para Miller (2013, p. 115), pode ser considerada a mola propulsora para a aprendizagem e para a formação inicial ou continuada do professor, "com vistas à formação do professor crítico, reflexivo e ético". Quando atuávamos como tutor na EaD, muitas indagações e questionamentos pairavam durante a realização das atividades docentes e, no processo de construção desta pesquisa, percebemos que esta reflexibilidade acerca das situações problema que surgiam nos fazia amadurecer, tanto como pesquisador, quanto como professor. Assim, esta pesquisa contribui não só a partir dos seus resultados, mas também em seu processo, pois tanto corrobora com a nossa formação enquanto professores/pesquisadores, quanto possibilitam aos nossos colaboradores um momento de reflexão sobre as suas práticas, conforme demonstra a citação abaixo.

> O projeto que vejo como parte de uma agenda ética de investigação para a LA envolve crucialmente um processo de renarração ou redescrição da vida social como se apresenta, o que está diretamente relacionado à necessidade de compreendê-la. Isso é essencial para que o linguista aplicado possa situar seu trabalho no mundo, em vez de ser tragado por ele ao produzir conhecimento que não responda às questões contemporâneas em um mundo que não entende ou que vê como separado de si como pesquisador: a separação entre teoria e prática é o nó da questão (MOITA LOPES, 2006, p. 90).

Uma das preocupações do pesquisador em Linguística Aplicada da modernidade deve ser a responsividade. Uma pesquisa responsiva às necessidades da sociedade ganha vida e colabora para essa não separação entre teoria e prática, que para o autor é o cerne da questão.

Nas pesquisas qualitativas, a subjetividade do pesquisador é considerada como algo positivo, e quando se trata de estudos sobre o trabalho do professor, uma das características é a de levar o pesquisador a repensar a sua prática. "Para o professor, o pesquisar é uma possibilidade para contrastar a sua potencialidade com a do outro, promovendo, em determinadas situações, (re)direcionamento da sua prática e (re)configurações do seu agir docente" (LEITÃO, 2015, p. 58).

O viés etnográfico deste estudo define-se porque nos utilizamos de alguns instrumentos que compõem este tipo de pesquisa, na constituição e no tratamento dos dados. No nosso caso, o fato de utilizarmos o ambiente virtual e materiais nele disponíveis como meio de geração e coleta de dados, realizamos o que para Polivanov (2013) seria a Etnografia

virtual ou Netnografia[3]. Segundo a autora, esta é uma tendência para todos que buscam novos processos de pesquisa, pois ela admite que o pesquisador analise, interprete e observe uma comunidade, mesmo que seja no ciberespaço. Quando optamos por coletar dados no fórum do curso de capacitação para tutores, tínhamos como objetivo primordial analisar o discurso dos tutores em um ambiente real de interlocução.

Quanto ao papel do pesquisador em uma pesquisa netnográfica, Polivanov (2013) alerta para os graus de inserção e implicações éticas que, nas palavras da autora, sempre foram questões muito caras à etnografia. Com base em Fragoso, Recuero e Amaral (2011), Polivanov (2013, p. 63) afirma haver "dois tipos extremos de pesquisador na rede em termos de seu grau de inserção: o silencioso (lurker) e o insider".

> O primeiro tipo seria aquele que apenas observa determinado grupo social, objetivando interferir o mínimo possível em suas práticas cotidianas (sabe-se que uma não interferência em grau absoluto não é possível, tendo em vista que sua presença, ainda que não anunciada, afetará o objeto de estudo). [...] Um outro "tipo" de pesquisador que seria o extremo oposto do lurker é o insider. Neste caso o pesquisador está inserido no ou tem ligações próximas com o objeto de estudo e, portanto, seu comportamento dificilmente poderia ser o de alguém que apenas observa o grupo (POLIVANOV, 2013, p. 64).

Ao longo da pesquisa, em alguns momentos éramos um pesquisador *lurker,* e em outros, comportávamo-nos como um *insider*. Devido aos nossos instrumentos de coleta de dados, quando reunimos as postagens do fórum do Curso de Formação para tutores, basicamente não houve interferência alguma por parte do pesquisador, o que consideramos positivo, pois, dessa forma, não houve qualquer tipo de interferência nos dados. No entanto, quando realizamos a entrevista-semiestruturada, assumimos a posição de *insider*, já que, mesmo objetivando não interferir nas respostas dos colaboradores, o direcionamento e as intervenções que vão sendo feitas durante a entrevista trazem a marca da subjetividade e sensibilidade do pesquisador que, neste momento, deixa de ser alguém que apenas observa.

2.2 Os instrumentos metodológicos

A escolha dos instrumentos metodológicos é de suma importância para que os objetivos estipulados sejam alcançados e a pergunta de pesquisa respondida.

[3] Neologismo criado no final dos anos 90 (net + etnografia) para demarcar as adaptações do método etnográfico em relação tanto à coleta e análise de dados, quanto à ética de pesquisa. (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011, p. 198 *apud* POLIVANOV, 2013, p. 62).

Compõem os *corpora* do nosso estudo um questionário com o qual objetivamos traçar o perfil de cada um dos colaboradores a partir de dados como a idade, local onde reside, formação acadêmica, dentre outras informações. Além do questionário, optamos por realizar com cada um dos colaboradores uma entrevista semiestruturada. Também foram coletados dados oriundos de fóruns de discussão do curso de formação para tutores e textos prescritivos para EaD.

2.1.1 Informações do questionário

A relevância desse instrumento para nossa pesquisa está em conhecermos melhor quem são os tutores que estamos estudando e qual seu histórico acadêmico e profissional. Estas informações nos ajudaram a compreender qual bagagem este indivíduo carrega, bagagem esta que, certamente, influencia no olhar que cada um tem acerca do trabalho que desenvolve.

Dentre as informações coletadas através deste instrumento estavam: nome completo, idade, cidade onde reside, ocupação profissional, formação acadêmica, experiência como docente, percepção acerca da atividade de tutoria, dentre outros questionamentos sobre o início na atuação como tutor que podem ser verificados nos anexos deste trabalho (Cf. Apêndice A, p. 101).

2.1.2 Informações da entrevista

Esta opção teórico-metodológica se deu pelo fato de ser a entrevista semiestruturada uma técnica de coleta de dados que, segundo Queiroz (1998), possibilita uma conversação contínua entre o pesquisador e o colaborador, e deve ser conduzida por aquele, conforme os seus objetivos de pesquisa.

Acreditamos que a aplicação muito burocrática da entrevista pode restringir o acesso a dados, por isso, optamos por conduzir a entrevista de forma leve e descontraída, deixando aflorar a sensibilidade necessária ao pesquisador para decidir quando intervir e qual ordem de perguntas seguir, sem deixar o entrevistado constrangido ou incomodado.

Partimos de questões pré-definidas, que podem ser verificadas nos anexos deste trabalho (Cf. Apêndice B, p. 102), contudo, as perguntas da entrevista não seguiram uma ordem fixa. A cada entrevistado, mediante o tom e o rumo das respostas, o pesquisador

introduzia um novo questionamento, ou induzia o entrevistado a detalhar a resposta, tudo isso com muito cuidado para não ferir a ética e influenciar no discurso do entrevistado.

Inicialmente, pretendíamos realizar a entrevista presencialmente, mas alguns empecilhos nos impossibilitaram de seguir o que estava estipulado, e duas das entrevistas precisaram ser realizadas virtualmente, uma de forma oral e outra escrita.

Há uma certa distância com relação à data de realização de cada entrevista. Isso ocorreu devido à dificuldade que a pesquisadora teve em localizar os colaboradores e também pela falta de disponibilidade deles. Por isso, ao iniciar uma pesquisa, é importante que o pesquisador se antecipe a estes imprevistos, e construa um cronograma com tempo hábil para driblar situações que, por ventura, possam atrasar o andamento da pesquisa. No nosso caso, estes imprevistos não foram suficientes para que houvesse um atraso considerável.

A fim de preservar a identidade dos colaboradores desta pesquisa, optamos por dar a eles nomes fictícios, escolhidos pela pesquisadora. Dessa forma, a partir de então eles serão chamados de **E**va, **Á**gata e **D**anilo, de forma que a inicial do nome de cada um nos lembre do contexto onde esta pesquisa se realiza: EaD.

A primeira entrevista foi realizada com a tutora Ágata, que, por residir na mesma cidade da pesquisadora, facilitou todo processo. A tutora nos concedeu a entrevista em sua residência, no dia 20 de agosto de 2016, por volta das 16h. Antes de dar início, explicamos a Ágata que se tratava de uma conversa sobre a atividade de tutoria que desenvolvia, e que ela deveria sentir-se à vontade para falar abertamente sobre suas impressões. A tutora mostrou-se bastante solícita e confortável durante toda a entrevista e, ao final, nos relatou que este momento possibilitou-lhe refletir sobre seu trabalho, como nunca antes.

A segunda a nos conceder a entrevista foi a tutora Eva. Como residia em uma cidade distante da pesquisadora, em comum acordo, optou-se por realizar a entrevista via chamada de vídeo. Pesquisadora e colaboradora estavam em suas residências e, no horário marcado, 11h do dia 01 de Novembro de 2016, a pesquisadora realizou a chamada de vídeo e assim que a colaboradora se conectou foi explicado como procederia a entrevista, da mesma forma em que ocorreu anteriormente com a primeira colaboradora. Comparada com a entrevista realizada presencialmente, o fato de estarmos em lugares diferentes não prejudicou o andamento da entrevista.

A última entrevista nos foi concedida pelo tutor Danilo, o qual por também residir distante da pesquisadora, optou-se por realizar a entrevista *online*, no entanto a falta de recursos por parte do colaborador não permitiu que se realizasse uma chamada de vídeo, e a

entrevista precisou ser feita via chat, em um aplicativo de bate-papo de uma rede social, no dia 07 de Novembro de 2016, tendo início às 19h.

Após o término das entrevistas, iniciamos o processo de transcrição das conversas realizadas oralmente. O momento de transcrição dos dados pode ser considerado como um período de pré-análise do material, por isso é sempre indicado que o próprio pesquisador o realize (MANZINI, 2006). Na transcrição, o enfoque será naquilo que foi ou não falado: transcreve-se o que foi falado, mas pode-se perceber o que foi ou não perguntando, o que foi ou não respondido e o que está inaudível ou incompreensível. Para isso, o pesquisador se utiliza de códigos que ajudarão o leitor a compreender momentos de pausa, mudanças na entonação de voz, dentre outras nuances.

No quadro abaixo, os códigos que foram utilizados na transcrição das entrevistas desta pesquisa:

SITUAÇÃO	CONVENÇÃO
Qualquer pausa	...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )
Comentários do transcritor	((ruído))
Truncamento, interrupção discursiva	/ (ex.: a meni/ a menina vai fazer...; o menino/ a menina vai fazer...
Alongamento de vogal e consoante (como r, s)	: ou :: (se for muito longo)
Interrogação	?
Entonação enfática	Maiúsculas (Ex.: ela quer UMA solução, não qualquer solução)
Silabação	- - (Ex.: Eu estou pro-fun-da-men-te chateada)
Aspas	Discurso direto

Quadro 1 - Códigos utilizados na transcrição dos dados

2.1.3 Informações do fórum

O IFPB oferece aos tutores egressos dos processos seletivos um curso de formação *online*, com duração de 120h, que objetiva prepará-los tanto para a atuação com os alunos, quanto para a navegação no ambiente virtual de aprendizagem.

Neste curso, eles são introduzidos à modalidade de ensino a distância, levados a conhecer e a refletir sobre as atribuições enquanto tutor e ambientados à plataforma que será utilizada e aos recursos disponíveis. A cada semana, o professor-formador indicava um tema ou levantava um questionamento que deveria ser discutido no fórum, ao qual se atribuía uma nota, pois, ao final do curso os alunos poderiam ser considerados aptos ou não para iniciarem o trabalho como tutor.

Os fóruns eram abertos pela professora formadora a cada início de semana, e somaram um total de quatro fóruns, que abordaram as seguintes temáticas: i. Tira-dúvidas (Assuntos diversos); ii. Fundamentos da EaD online; iii. Netqueta e silêncio virtual; iv. Questões de avaliação na EaD.

Os alunos-tutores[4] eram orientados a produzir um comentário acerca de um dos textos lidos, lançar questionamentos aos colegas, ou responder/comentar as postagens dos outros participantes.

O primeiro fórum do curso, intitulado *Tira dúvidas*, partia da ambientação dos alunos na plataforma e tinha como intuito instigá-los a lançar questionamentos ou apresentarem opiniões a respeito do curso, da plataforma e, inclusive, da modalidade de ensino a distância. Para muitos, esse era um universo novo, então, muitas indagações foram surgindo, e logo esclarecidas pelos colegas ou pela professora-formadora.

No fórum sobre Fundamentos da EaD *online*, foram disponibilizados aos alunos-tutores alguns textos para motivar as discussões. Dentre estes, os textos "Liderança e Gestão – Educação a Distância – Avalie o Projeto pedagógico antes de se matricular", "Tecnologias da informação e comunicação (TICS) na EAD", "Preconceito em relação à EAD – Será que as empresas sentem preconceito de alunos de EAD?" e “Crenças e verdades sobre Educação a Distância”.

No fórum *Netqueta e silêncio virtual*, o objetivo era refletir sobre o comportamento e a postura do tutor em ambientes virtuais, enquanto mediador entre os alunos e o conhecimento. Na ocasião, os alunos-tutores se posicionaram acerca de como eles acreditavam que deveria ser o comportamento de um tutor e de como pretendiam se relacionar com os seus futuros alunos.

O último fórum convidava os alunos-tutores a refletirem sobre uma realidade que eles enfrentariam posteriormente: a avaliação. Foram apresentadas algumas estratégias de

[4] Utilizaremos essa nomenclatura para nos referir aos tutores enquanto alunos do curso de capacitação.

avaliação mais comumente utilizadas em ambientes virtuais, os alunos-tutores deveriam sugerir outras formas de avaliação que poderiam ser utilizadas.

Os textos/discursos coletados nos fóruns de discussão foram produzidos no período de Novembro/2015 a Janeiro/ 2016, durante esse curso de formação.

2.3 Delineando os colaboradores da pesquisa e o seu contexto de trabalho

Para alcançar um dos objetivos propostos nesta pesquisa, é indispensável conhecer quem são os colaboradores e como está situado o contexto de trabalho deles. Vale ressaltar que os colaboradores deste estudo foram escolhidos de forma aleatória, sem critérios de idade, gênero ou experiência profissional, sendo estipulado pelo pesquisador apenas que fossem tutores a distância de algum curso oferecido pelo Instituto Federal da Paraíba[5] (IFPB), que tivessem participado e concluído o curso de capacitação para tutores, o qual foi oferecido pela instituição supracitada no segundo semestre de 2015 e que, de acordo com a formação inicial, pertencessem a diferentes áreas do conhecimento.

Os tutores[6] foram contactados inicialmente via e-mail. Em um primeiro momento, expusemos os objetivos da pesquisa e solicitamos deles autorização para que utilizássemos os textos que foram postados nos fóruns dos cursos de capacitação. Com o aceite, partimos para uma segunda etapa de coleta de dados, que se deu a partir do questionário enviado aos colaboradores, o qual foi reenviado à pesquisadora, já devidamente respondido, também via e-mail. Por último, realizamos as entrevistas, as quais ocorreram de formas diferentes, a partir das condições de acesso a cada tutor, conforme relatado.

Os dados apresentados a seguir são oriundos do questionário sociocultural respondido pelos colaboradores.

---

[5] A escolha por esta instituição se deu por já termos atuado nela como tutora a distância, e pelo fato de oferecer aos tutores egressos um curso de capacitação que os possibilita refletir sobre a função que logo exercerão.

[6] Optamos por não utilizar a nomenclatura *professores-tutores,* como é comumente visto na literatura estudada, em virtude de observarmos e seguirmos a nomenclatura utilizada nos documentos prescritivos dessa atividade.

Tutor-colaborador/ Idade	Experiência docente	Experiência como Tutor	Curso EaD em que atua como Tutor	Formação acadêmica
Eva 28 anos	13 anos (Inglês – Ens. Fundamental e Curso de Idiomas)	5 anos	Inglês E-TEC Idiomas	Licenciatura em Letras (Inglês) e Doutorado em Linguistica (em andamento)
Ágata 27 anos	6 anos (Matemática e Informática – Ens. Fundamental, Médio e Superior)	3 anos	Licenciatura em Computação	Licenciatura em Computação e Mestrado em Informática
Danilo 38 anos	5 anos (professor alfabetizador)	1ª experiência	Licenciatura em Computação	Pedagogia e Especialização em Fundamentos e Ferramentas da EaD

Quadro 2 - Resumo do perfil acadêmico/profissional dos tutores-colaboradores

- **Tutora Eva**

A tutora Eva tem 28 anos, reside na cidade de Itabaiana-PB e atualmente é bolsista da pós-graduação cursando Doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING/UFPB) e tutora pelo IFPB. Sobre sua formação acadêmica, a tutora tem Licenciatura em Letras, com habilitação em Língua Inglesa, e, segundo ela, escolheu o curso por já atuar como professora de inglês em cursos livres. Há 13 anos atua como docente, sendo professora de inglês no ensino infantil e fundamental e em cursos livres.

Na EaD, Eva tem experiência desde 2012, quando atuou como tutora no curso de Letras da UFPB Virtual e, em seguida, no ano de 2015, iniciando o trabalho com tutora a distância do curso de inglês da E-TEC idiomas do IFPB, até os dias de hoje. Ela escolheu ser tutora por que queria conhecer como funcionava a educação a distância e, também, por motivos financeiros.

- **Tutora Ágata**

Ágata, nossa segunda colaboradora, possui 27 anos, reside na cidade de Jacaraú-PB, e, atualmente, trabalha como professora universitária e tutora na EaD pelo IFPB, possui Licenciatura em Ciência da Computação e Mestrado em Informática, com ênfase em Sistemas

distribuídos na linha de análise de Redes Sociais e Engenharia de Software. Ágata apresenta larga experiência como professora na modalidade de ensino presencial, tendo atuado ao longo dos últimos 6 anos como professora de ensino fundamental e médio, nas redes públicas e particulares de ensino, ministrando as disciplinas de Física, Matemática e Informática Educativa. A respectiva tutora possui ainda experiência no ensino superior, no qual atuou como Professora na Faculdade Maurício de Nassau, lecionando as disciplinas: Programação de Computadores e Linguagem de Programação, nos cursos de Engenharia Elétrica e Engenharia Civil; Arquitetura de Software, Gerência de Configuração e Projeto Integrador II, no curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas; e na UFPB, como professora substituta, lecionando as disciplinas: Introdução ao computador, Programação Orientada a Objetos, Pesquisa Aplicada a Computação, Modelagem de Dados, Estágio Supervisionado I e Metodologia Científica, no curso de Licenciatura em Ciência da Computação.

Ágata atua na EaD como tutora a distância desde junho de 2013 até os dias atuais. Segundo ela, tornou-se tutora porque foi aprovada em uma seleção. Apesar de no início não ter interesse por esta área de ensino, percebeu a importância e o potencial que essa modalidade de ensino tem. Está na segunda experiência como tutora a distância. A primeira se deu no curso técnico de Segurança no Trabalho (2013-2015), e a segunda no curso de Licenciatura em Computação (desde 2016 até os dias atuais), ambos ofertados pelo Instituto Federal da Paraíba.

- **Tutor Danilo**

Danilo tem 38 anos e reside na cidade do Barro-CE. Atua como professor de educação básica de NEE – Necessidades Educacionais Especiais. É Licenciado em Pedagogia e Especialista em Fundamentos e Ferramentas da EaD, pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Exerce a prática docente há pouco mais de cinco anos, tendo atuado inicialmente como professor-alfabetizador. As primeiras experiências com EaD se deram na época de graduação e, posteriormente, durante o curso de Especialização, pois Danilo realizou ambos os cursos na mesma modalidade. Esta é sua primeira experiência como tutor, atuando no curso de Licenciatura em Computação pelo IFPB.

2.4 Procedimentos de análise dos dados

Foram analisados alguns documentos prescritivos da atividade de tutoria no intuito de compreender como a legislação enxerga o tutor e quais as atribuições expressas por esses textos aos tutores. Para tal, os documentos analisados foram:

- LEI nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996;
- PORTARIA Nº 4.059, DE 10 de Dezembro de 2004;
- DECRETO Nº 5.622, de 19 de Dezembro de 2005;
- Textos disponíveis no Curso de Capacitação para tutores, oferecido pelo IFPB:
  - A tutoria como formação docente na modalidade de EaD (OLIVEIRA, M. R. G., MILL, D. e RIBEIRO, L. 2009);
  - Diretrizes de Atuação do Pessoal da EAD (UFPB VIRTUAL);

Segundo Moreira (2005), a análise documental deve permitir a localização, organização, identificação e avaliação das informações contidas no documento, bem como a contextualização dos fatos em determinadas situações. Para nossa pesquisa, utilizaremos a análise documental como técnica para o tratamento dos dados (CORTESI, 2011), objetivando contextualizar os dados presentes nos documentos, visando torná-los mais compreensíveis, correlacionando-os com os demais dados que compõem os nossos *corpora*.

Para análise dos textos/discursos produzidos pelos tutores, nas entrevistas e nos fóruns, foram tomados como categorias de análise, com base nos aportes teórico-metodológicos do ISD (cf. p. 59), a localização de Conteúdos Temáticos (CT) e modalizações.

A localização de conteúdos temáticos nos ajuda a separar os excertos dos colaboradores em grupos temáticos e, assim, observar se há uma convergência de opiniões entre eles, notando também, a possível recorrência de cada conteúdo nas entrevistas e fóruns de cada tutor. Principalmente nas entrevistas, os viéses estavam previamente estipulados pela pesquisadora, no entanto, a liberdade permitida na modalidade semiestruturada possibilitou a aparição de outros CT, o que representa evidências positivas para nossa pesquisa, possibilitando-nos uma melhor identificação das representações acerca do trabalho do tutor para cada colaborador.

Mas, para melhor compreender o trabalho do tutor, precisamos, antes de qualquer coisa, assimilar o contexto de atuação desses profissionais, quais normas regem a atividade por eles desenvolvida e de que forma outras pesquisas já abordaram e compreendem o

trabalho de tutoria em EaD. No capítulo 2, percorreremos o histórico da EaD e analisaremos alguns documentos oficiais que regem essa modalidade de ensino em nosso país, além de suscitarmos uma discussão acerca do Gênero profissional tutor.

3 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: (IN) DEFINIÇÕES E PERSPECTIVAS

Em se tratando de Educação a Distância, muitos profissionais e alunos ainda acreditam ser esta uma modalidade de ensino nova, que surgiu nos últimos anos para suprir às necessidades da vida pós-moderna, que exige dos indivíduos novas formas de organização do tempo. No entanto, se fizermos um apanhado histórico pelo caminho percorrido na educação ao longo dos anos, perceberemos que a EaD tem raízes muito antigas, mesmo quando nos referimos ao Brasil. Neste caso, um fato particular é responsável por este pensamento coletivo: apenas na segunda metade da década de 90 é que passamos a ter Ensino Superior a Distância. Porém, muito antes disso, a EaD já permeava o universo do ensino básico, nos cursos por correspondência ou nas Teleaulas, que podiam ser assistidas através de algumas emissoras de TV, como era o caso do Telecurso, por exemplo.

Mas, se a EaD pode ser considerada uma modalidade de ensino antiga, por que ainda é tratada como algo novo? Possivelmente, isso pode estar relacionado ao advento e à expansão da internet. Segundo Fontana (2013, p. 14),

> É provável que essa pretensa juventude possa ser atribuída ao uso da internet, recente entre nós, como meio principal para sua efetivação. Mesmo com resistências de toda ordem, inclusive aquelas que apelam para uma possível "falta de qualidade", como se fora uma "educação de segunda categoria", a expansão da EaD é inegável. Porém, como toda "novidade" ela carrega consigo uma série de incógnitas que aqueles que trabalham com essa modalidade precisam resolver (FONTANA, 2013, p. 14).

No mesmo sentido, a autora ainda chama a atenção para uma via de mão dupla em que a EaD se encontra. Se por um lado existe uma disseminação dessa modalidade de ensino, por outro, nos deparamos com um descrédito em relação à qualidade de ensino oferecido nos cursos de graduação, por exemplo.

Incógnitas, como as mencionadas, bem como a emergência da EaD, têm despertado o interesse de pesquisadores de várias áreas (PEREIRA; VITORINO, 2013), afinal, "em uma prática social na qual as ações não têm contornos definidos, as ações ali empreendidas ainda estão empiricamente sendo testadas e avaliadas" (RIBEIRO, 2013, p. 18), propiciando um campo de estudo vasto, a fim de suscitar reflexões acerca desse modelo educacional e analisar as práticas e os sujeitos envolvidos nesse processo, buscando compreender a natureza dessa modalidade de ensino.

Apesar dos variados estudos que têm sido feitos acerca da Educação a Distância, dificilmente encontraremos uma única definição para ela. Alguns autores, dentre os quais destacamos Holmberg (2003), Belloni (2003), Formiga (2009) e Aretio (2011) apontam para uma gama de definições e conceitos relacionados à EaD que partem de estudiosos de diversas áreas, o que apresenta uma dificuldade para aqueles que buscam informações sobre essa modalidade.

Essas multiplicidades de definições acontecem devido à constante mutação dessa modalidade de ensino. A cada ano, vão-se incorporando novos mecanismos, estratégias metodológicas e tecnológicas à modalidade. Logo, se fizermos uma análise cronológica das definições que foram sendo dadas ao termo, encontraremos diferenças tênues, mas que nos sinalizam para a época específica em que se encontrava a EaD.

Buzato (2013) nos apresenta uma possível explicação para que não tenhamos uma unidade na definição desse termo. Ele explica que talvez devêssemos falar em EaD no plural, fazendo uma referência à teoria dos letramento(s), pois, para o autor, há uma infinidade de formas de se fazer educação a distância, e cada uma dessas formas atende às necessidades específicas de cada lugar e/ou situação de aprendizagem (cursos de graduação, pós-graduação, de idiomas, de formação continuada de professores, cursos técnicos etc). De acordo com Buzato (2013, p. 39),

> Todas essas EaDs, como todos os letramentos, produzirão suas próprias possibilidades de transformação, ou reprodução, da prática educacional no país, e enfrentarão os mesmos conflitos, e possibilidades de inovação, que professores e alunos da educação dita tradicional já enfrentaram vivendo na fronteira entre dois *mindsets*.

No entanto, de forma mais genérica, grande parte das definições para este termo convergem em um ponto e asseguram que EaD é o tipo de ensino que acontece quando alunos e professores se encontram em lugares distintos, ou seja, quando ambos estão geograficamente separados.

Para Belloni (1999), a EaD aparece na sociedade contemporânea como uma modalidade de Educação adequada e desejável para atender as demandas educacionais oriundas da nova ordem econômica mundial. E, com o advento da internet, as possibilidades de expansão desta modalidade de ensino se tornaram cada vez mais amplas: “Passamos de uma cultura de comunicação de massa unidirecional e analógica para uma cultura multidirecional e digital” (AZEVEDO, 2014, p.10). Por esse motivo, a EaD ganhou novos

formatos, e se expandiu também para a educação superior, a fim de alcançar um público cada vez mais amplo de estudantes.

> Antes da Internet tínhamos uma EaD que utilizava apenas tecnologias de comunicação de um-para-muitos (rádio, TV) ou de um-para-um (ensino por correspondência). Via Internet temos as três possibilidades de comunicação reunidas numa só mídia: um-para-muitos, um-para-um e sobretudo, muitos-para-muitos (AZEVEDO, 2005, p.13).

Definições mais recentes querem enfatizar outras características do ensino a distância, chamando nossa atenção para o caráter "emancipatório, democrático, participativo e comprometido no processo interdisciplinar de formação inicial" (MARQUEZAM, 2013 p. 30), destacando a não necessidade do contato face a face, mas um ensino pautado na utilização de materiais impressos e/ou digitais para a aquisição do conhecimento.

> A EaD tem se constituído e se firmado ao longo da história como uma modalidade de ensino que, ao contrário da educação tradicional, não necessita da presença do professor face a face. A relação ensino/aprendizagem e, portanto, a interação professor/aluno é viabilizada por meio de material impresso e/ou, para a maioria dos projetos de EaD, por meio virtual (RIBEIRO, 2013, p. 12).

Referência quando o assunto é Educação a Distância, Azevedo (2007) comenta que o modelo mais adequado à educação *online* seria aquele que possibilita um espaço de aprendizagem colaborativa. E acrescenta que é possível enumerar alguns elementos que, segundo ele, comporiam a "espinha dorsal" dos cursos na modalidade: i. *troca assíncrona* de mensagens individuais ou em grupo; ii. *acesso* a materiais de curso; iii. eventos *interativos* em *tempo real*.

Sem dúvidas, a modalidade a distância exige dos agentes envolvidos comportamentos outros, dos que foram construídos ao longo da história da educação. No entanto, como observa Ribeiro (2013, p. 33), "o modelo clássico de ensino é tomado como referência, que culminará no acervo de representações no qual o sujeito irá balizar e justificar suas escolhas ao atuar na EaD." Dessa forma, apesar de ter características muito peculiares, quando comparada ao ensino presencial, a EaD como conhecemos hoje, apresenta muitos traços de sua origem.

Se, inicialmente, na Educação a distância por correspondência utilizava-se apenas de materiais impressos, com a ampliação da EaD, configuraram-se novos papéis aos atores envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem na modalidade. Surgiram, então, figuras como o professor conteudista e o tutor, sendo este último, de acordo com Bentes (2009, p.

116), “um dos grandes responsáveis pela efetivação do curso em todos os níveis”. Contudo, a figura do tutor, que será tomada para estudo nesta pesquisa, ainda sofre com a desvalorização profissional que inclui o não reconhecimento da profissão, a falta de uma legislação que especifique qual sua real função no ensino a distância, a baixa remuneração, dentre outras. Assim, ao mesmo tempo em que passa por um período de ressignificação do papel que desempenha e de reconhecimento por parte dos demais profissionais da EaD e, até mesmo, dos alunos, desencadeia uma gama de discussões que versam sobre qual seria a sua verdadeira função social.

Por acreditarmos que impasses como estes precisam ser discutidos, no intuito de levar o tutor a realizar sua atividade profissional de forma precisa, coerente e eficaz, proporemos, nesta pesquisa, por meio da linguagem e das representações dos próprios tutores, que é possível traçar um caminho que poderá levar estes profissionais a se reconhecerem enquanto sujeitos atuantes e valorizados, aspectos relevantes para uma possível consolidação da profissão.

Mas, antes disso, faremos a partir de agora, um breve percurso pelo histórico da EaD e das concepções atuais sobre o que seria a tutoria na modalidade de ensino a distância, através da análise de documentos (dentre eles a LDB e o Decreto nº 5.622) que compõem a legislação dessa modalidade de ensino em nosso país.

3.1 Percurso histórico

No Brasil, no período que corresponde ao ano de 1830, até as três primeiras décadas do século XX, a terminologia utilizada era *Ensino por correspondência*. Nesse modelo, que pode ser considerado o mais tradicional, a eficácia do processo dependia quase que exclusivamente da qualidade do material escrito que era disponibilizado aos alunos e, mais ainda, da eficiência do serviço dos correios, responsável por fazer a entrega desse material. Greggersen (2015, p.12) acredita que esse modelo corria “o perigo da mesmice e do Tradicionalismo[7]”.

Já no início da segunda metade do século XX, mais precisamente no ano de 1923, deu-se início à *Teleeducação*. Modalidade que utiliza as mídias de rádio e, posteriormente, a partir da década de 50, também a TV como instrumentos de ensino, dentre essas podemos mencionar o Telecurso Brasil, que ficou bastante conhecido. A diferença desta para a

[7] Palavra empregada no sentido de algo que se encontra com valores ultrapassados.

correspondência estava relacionada, basicamente, ao suporte e/ou metodologia que levava o conteúdo até o aluno.

No final da década de 60, a nomenclatura utilizada era *Educação aberta e a distância* e surgiu concomitante com as primeiras Universidades Abertas que, além do material impresso, utilizavam como meio de disseminação do conteúdo o rádio, televisão, fax e a interação por telefone. Uma década depois, no período que corresponde aos anos de 1970 a 1980, a modalidade era nomeada de *Aprendizagem a distância* ou *aprendizagem aberta e a distância.* Não há uma grande diferença entre estes modelos. Neles o ensino encontrava-se pautado nos mesmos suportes, em alguns lugares já estavam sendo introduzidas consultas a banco de dados de redes de computadores.

Só a partir da década de 1980, com a disseminação das redes de computadores, é que a educação começou a ser feita por meio de computadores, sendo denominada assim de *Aprendizagem por computador*.

E, finalmente, a partir da década de 1990, o termo Educação a Distância começou a ser utilizado. Neste modelo, o ensino encontrava-se pautado na utilização do computador e da internet, o que possibilitou a interação síncrona e assíncrona, entre professores e alunos (SILVA, 2001; MATTAR, 2011). A partir desse momento, a EaD começa a ser organizada com base nos moldes que conhecemos hoje. No entanto, pode-se dizer que ela só ganhou mais espaço a partir do ano de 2005, quando começou a se pensar na criação de políticas públicas que tinham interesse de tornar a educação superior mais acessível às localidades que estavam geograficamente distantes dos centros universitários. [8]

Conforme se observa, a terminologia vai sofrendo alterações de acordo com o período. Em alguns momentos, ela é caracterizada pelas tecnologias que a representam, como o *ensino por correspondência* ou *a aprendizagem por computador*, em outros, pelas teorias didático-pedagógicas que emergem das pesquisas na área de Educação.

O Ministério da Educação, em parceria com a ANDIFES (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior) e Empresas Estatais, no âmbito do Fórum das Estatais pela Educação com foco nas Políticas e a Gestão da Educação Superior, iniciaram um projeto de política pública que objetivava expandir o ensino superior no Brasil. Assim, a partir do Decreto 5.800 de 8 de junho de 2006, foi instituída a Universidade Aberta do Brasil (UAB), um sistema integrado por universidades públicas, que objetivava oferecer

[8] Cf. tabela apresentada por Greggersen, 2015, p. 10.

cursos de nível superior para camadas da população que têm dificuldade de acesso à formação universitária, por meio do uso da modalidade de Educação a Distância.

A facilidade de acesso ao ensino superior que surgiu concomitantemente com essa nova forma de fazer ensino a distância fez com que essa modalidade fosse associada às ideias de democratização e acesso à educação. Essa popularização, como já mencionado, apesar de trazer inúmeros avanços, também veio acompanhada de uma visão deturpada do que seria a Educação a Distância.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) no Artigo 80, Lei nº 9.394/96, regulamenta o desenvolvimento de programas de educação a distância em todos os níveis e modalidades de ensino no Brasil. A partir de então, a EaD começa a passar por um momento de reconfiguração. Surgem novas práticas que devem ser inseridas para facilitar o acesso ao ensino, bem como se destaca a necessidade de mudança nos papéis dos profissionais envolvidos nesse contexto educativo. Mill (2007) defende que, com o desenvolvimento da EaD, novas figuras surgiram para esses profissionais no trabalho docente.

> No âmbito da EaD, sabe-se que tanto a figura do professor, quanto a figura do aluno adquirem traços particulares. Por exemplo, na educação presencial, o professor, em geral, é responsável pelo planejamento, pela escolha do material, pela avaliação, pelos encontros diários com os alunos, entre outras atividades didáticas. Na EaD, há uma difusão dessas funções de acordo com outras figuras (tutor, professor-conteudista, avaliador, revisor, diagramador, designer etc). Essas figuras compõem a prática educativa nessa modalidade de ensino e, por sua vez, colabora para o delineamento da imagem do aprendiz. Cada qual, investido do papel social atribuído nessa prática, relaciona-se com o aluno de maneira diferente e confere traços representacionais para a constituição dessa figura (RIBEIRO, 2013, p.15-16).

Na Educação, as primeiras menções ao termo "tutor" surgem nas universidades do século XV. Estas referências estão relacionadas à figura do mentor religioso dos estudantes, que tinha a função de impor-lhes a fé e a conduta moral. Porém, somente no século XX é que o tutor assume o papel incorporado aos atuais programas de Educação a Distância, sendo denominado como orientador de trabalhos acadêmicos (SÁ, 1998).

> A relação ensino-aprendizagem nesse contexto conta, por exemplo, com o docente-tutor. Entre as denominações atribuídas a este docente percebemos tutor virtual, tutor eletrônico, mentor, tutor presencial, tutor de sala de aula, tutor local, orientador acadêmico, animador e diversas outras. O que caracteriza este trabalhador é sua função de acompanhar os alunos no processo de aprendizagem, que se dá, na verdade, pela intensa mediação tecnológica. Justamente por ser um novo parceiro na construção do conhecimento e pela falta de práticas e modelos educacionais aos quais pudemos ter acesso, o

> trabalho do tutor requer atenção e cuidado de toda a equipe envolvida em EaD (MIL, 2007, p. 47).

Na verdade, o que caracteriza esse trabalhador é a sua função de mediador didático-pedagógico nos processos de aprendizagem. O tutor, portanto, tem papel fundamental no sucesso dos Programas de Educação a Distância, porém, é preciso estabelecer, no planejamento dos cursos, ou em quaisquer documentos prescritivos, quais são essas atribuições e relacioná-las diretamente com o material, com o ambiente, com o curso, com a avaliação, com o cursista, e com o profissional como ser atuante na sociedade.

3.2 A tutoria na EaD

Segundo a Associação Nacional de Tutores na Educação a Distância – ANATED (2013), existem hoje, aproximadamente 50.000[9] tutores em todo o país. Um número tão expressivo, e que provavelmente já cresceu, mas que ainda não construiu a identidade profissional da categoria. Esse modelo tutorial que conhecemos hoje é proveniente da Inglaterra, que já em seu início, destacava o desenvolvimento de um estudo autônomo, no qual os tutores tinham a função de ser uma espécie de conselheiros, mais do que professores. Eles orientavam seus alunos em diversas questões, acompanhando o desenvolvimento de cada um.

Nos dias de hoje, a atividade de tutoria pode ser considerada semelhante ao que se tinha nesse período, no entanto, no novo contexto em que está inserida, ela exige dos trabalhadores características e atribuições outras. Sobre essas atribuições do tutor, Beloni (2001) destaca como as principais: conhecer os processos de aprendizagem, as metodologias, as teorias que envolvem as relações de aprendizagem, sejam construtivistas ou tradicionais e os processos avaliativos que podem contemplar os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (Doravante AVA). Afirmando, ainda, ser imprescindível que além de orientar seus alunos, mediando o processo de aprendizagem, possa desenvolver neles capacidades relacionadas à pesquisa, à aprendizagem autônoma, à colaboração e à interação.

> Para a efetividade do papel do tutor é necessário um conjunto de ações de ensino que assumam diferentes formas, bem como a dependência do contexto em que se insere, dos objetivos que se pretende alcançar, do público alvo que se beneficiará e das condições oferecidas para que se

[9] Dados da última atualização realizada em 2013.

> concretizem essas ações (MOREIRA *et al*., 2013, p. 51 apud DERMATINI *et al*, 2001).

A autora ainda cita a necessidade de preparação desses profissionais. E sugere ser imprescindível aos futuros tutores do ensino a distância uma formação que os possibilitem ser esse docente de perfil multifacetado com competências e habilidades que, apesar de serem semelhantes às exigidas ao profissional de educação presencial, têm particularidades que só dizem respeito ao contexto de EaD.

Apesar de os tutores já serem profissionais com graduação ou pós-graduação e/ou com experiência comprovada no ensino presencial, é importante lembrar que, para a EaD, as relações pedagógicas precisam ser repensadas, redimensionadas e, até mesmo, adaptadas, afinal, a situação de trabalho e as relações interpessoais são outras.

> Em situações de aprendizagem a distância, a interação entre tutor-aluno é fundamental, reforça-se ainda mais quando as técnicas de interação são mediatizadas por e-mails, listas, fóruns, chats, pois esses recursos facilitam a comunicação e cumprem a função de estabelecer o vínculo entre todos (MOREIRA *et al*, 2013, p. 53).

Moreira (2013) também chama atenção para a necessidade de atualização por parte dos tutores, buscando, constantemente, exercer o papel de orientador e mediador no processo de ensino-aprendizagem, a fim de que seus alunos adquiram confiança e se tornem profissionais competentes.

Ainda sobre a atividade de tutoria, iniciamos na próxima seção uma discussão sobre os gêneros profissionais, mais especificamente, o Gênero Profissional Docente. Apesar de ser uma temática oriunda da Clínica da Atividade, ela se encaixa perfeitamente neste capítulo, devido ao enfoque escolhido. Nosso objetivo não é determinar em que gênero profissional pode-se classificar o tutor, mas problematizar e refletir se as funções do tutor dariam margem a criação de um novo gênero profissional ou até mesmo de um sub-gênero do gênero profissional professor.

3.3. Gênero Profissional Docente[10]

[10] A noção de gêneros profissionais são oriundos da clínica da atividade, mas optamos por abordá-lo aqui, no intuito de associá-lo à discussão sobre o trabalho docente de tutoria.

3.3.1 Gêneros do discurso e gênero profissional: em busca de uma associação

Em "A função psicológica do trabalho", Clot (2007) já assinalava que tomou com base a teoria dos gêneros de Bakhtin para desenvolver a ideia de gênero profissional. Acreditamos, então, que a compreensão do que são os gêneros do discurso deve ser o ponto de partida para uma compreensão dos gêneros profissionais.

A ideia de transferir a noção de gêneros do discurso apresentada por Bakhtin, para analisar a atividade, parece-nos, *a priori*, bastante significativa e didática. Sim, didática, pois, essa transposição de uma teoria já estudada por nós linguistas, leva-nos a uma compreensão do que seriam os gêneros profissionais. No entanto, a nosso ver, algumas lacunas ainda ficam em aberto.

Se o que nos faz reconhecer e/ou diferenciar um gênero do discurso de outro são as características que envolvem contexto de fala, locutor, receptor, tipo de linguagem, dentre outros, como conceber que sujeitos distintos, com características distintas, contextos de atuação também distintos, podem pertencer ao mesmo gênero profissional, apenas por exercerem a mesma profissão?

Assim, podemos refletir sobre a teoria que Faïta nos apresenta sobre o gênero profissional docente, com base na concepção de Bakhtin de gêneros discursivos que os compreende como *tipos relativamente estáveis de enunciados*. Neste sentido, Clot (2011) esclarece que

> A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (CLOT, 2011, p. 262).

Ideia similar pode-se aplicar ao conceito de gênero profissional, pois, conforme Bruner, (1996, citado por CLOT, 2007), não existem apenas gêneros e estilos literários, como apresenta Bakhtin (2011), para quem os gêneros discursivos são sempre inacabados, característica que também aplicamos aos gêneros profissionais, uma vez que estes podem ser moldados a partir de cada situação de trabalho e das particularidades de cada indivíduo, ainda que a base comum de reconhecimento social preexista e seja mantida (SOUZA e SILVA, 2004).

Da mesma forma, outras características em comum podem ser elencadas, conforme podemos observar no quadro a seguir:

GÊNERO DO DISCURSO	GÊNERO PROFISSIONAL
Formas relativamente estáveis de agir linguisticamente.	Formas relativamente estáveis de fazer.
Formas de organizar a estrutura social (não é uma estrutura linguística).	Formas de organizar nossas atividades profissionais.
Reconhecíveis a partir de uma função	Reconhecíveis a partir do agir coletivo
Estabilizam a compreensão e produção de textos.	Estabilizam a compreensão e realização de formas de agir.
Permitem a transgressão.	Permitem a transgressão.
É determinado sócio historicamente.	É determinado sócio historicamente.
É fruto de atividades coletivas.	É fruto de atividades coletivas.
Aprender uma língua é aprender a operar com gêneros.	Aprender o exercício de uma profissão é aprender as suas normas e como/quando, se possível, contorná-las.

Quadro 3 - Gênero do Discurso x Gênero Profissional[11]

A partir desse quadro elaborado por Medrado e Dantas (2014), é possível corroborar semelhanças entre o conceito de gênero defendido por Bakhtin, com o de gênero profissional das Ciências do Trabalho.

Bronckart (2012/1999) defende que a linguagem materializada nos textos/discursos é extremamente importante nos diversos processos de socialização humana.

> Os textos são produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses e questões específicas, essas formações elaboram diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente estáveis (justificando-se que sejam chamadas de **gêneros de texto**) e que ficam disponíveis no intertexto como modelos indexados, para contemporâneas e para as gerações posteriores (BRONCKART, 2012 [1999], p. 137).

[11] Elaborado por Medrado e Dantas (2014) com base em Bakhtin (1992[1979]) e Clot (2007).

Ao afirmar que os textos resultam da linguagem em funcionamento nas formações sociais, Bronckart também nos faz refletir que, da mesma forma, os gêneros profissionais são resultado das interações dos indivíduos com as atividades que desenvolvem.

Tomando o trabalho como unidade de análise, Clot (2014), no campo da Clínica da Atividade, apresenta a noção de gênero profissional como sendo, de forma mais genérica, a parte implícita da atividade, que estaria na memória coletiva daqueles que se acham inseridos em determinado trabalho. Assim, no gênero profissional, temos a possibilidade de fixar

> os precedentes que servem de referência para casos similares que possam apresentar-se na atividade com seus imprevistos. Condensa[r] os resumos coletivos do trabalho como outros tantos esquemas sociais "pré trabalhados" que podem – mesmo no desconhecimento dos operadores – ser ativados ou desativados de acordo com as condições singulares da ação (CLOT, 2014, p. 96).

Considerando o que foi dito pelo autor, compreendemos que o gênero profissional organiza as funções que devem ser desempenhadas pelos agentes de determinada atividade, levando em consideração as propriedades subjetivas de cada sujeito, as relações entre os profissionais e as inúmeras situações que podem surgir, fazendo com que os indivíduos façam, mesmo que não intencionalmente, julgamentos com relação ao que pode ou não pode ser aceito em cada gênero.

Se as formas de fazer delimitam os gêneros profissionais, poderíamos dizer que dentro do grande grupo do gênero profissional professor, teríamos outros sub-gêneros[12] profissionais. Afinal, cada área do conhecimento, por exemplo, apresenta formas de fazer que, apesar de semelhantes, se distanciam no que tange às especificidades do dar aula. Em uma aula de línguas, dessa forma, o fazer desse professor, difere de uma aula de Educação Física, ou de música. Seriam estas formas de fazer que conduzem as formas de fazer de cada profissional, ou estas formas de realizar as atividades seriam, por assim dizer, uma característica particular de cada trabalhador?

Sobre isto, Clot (2007) também afirma que o gênero profissional tem especificações que, de certa forma, *dizem, sem dizê-lo o que fazer* em determinadas situações.

> [...] o gênero pode definir-se como o conjunto das atividades mobilizadas por uma situação, convocadas por ela. Ele é uma sedimentação e um prolongamento das atividades conjuntas anteriores e constitui um precedente para a atividade em curso: aquilo que foi feito outrora pelas gerações de um

[12] A flexibilidade do gênero abre possibilidades para que, a partir de um gênero existente, outros, com características semelhantes, se criem; a estes novos gêneros, com características semelhantes, chamamos sub-gêneros.

> meio dado, as maneiras pelas quais as escolhas foram decididas até então nesse meio, as verificações as quais ele procedeu, os costumes que esse conjunto enfeixa (CLOT, 2007, p. 44).

Estas escolhas que definem como e em quais momentos executar determinados procedimentos é que dão, de fato, início ao trabalho e constituem um determinado gênero profissional.

Assim, em outras palavras, compreender o gênero profissional como sendo a parte implícita, ou subentendida da atividade, seria também afirmar que esta parcela da atividade é constituída por regras conhecidas por todos os sujeitos que a desenvolvem, mas não estariam explícitas e/ou documentadas oficialmente nas prescrições da tutoria.

Essas regras básicas podem ser repassadas uns aos outros pelos próprios profissionais. Tomemos como exemplo a seguinte situação: uma determinada professora está iniciando seu primeiro dia de aula em uma escola nova. Ao chegar, ela se direciona à sala dos professores, onde já estão outros colegas, e aguarda o toque do sinal para se deslocar até a sala de aula. Assim que o sinal toca, ela se levanta, mas antes de sair é interrompida pelos outros professores, que a orientam a não ir ainda. Quando questiona o porquê disso, os demais a respondem que é por que os alunos sempre se atrasam e que todos sempre aguardam mais cinco minutos após o toque do sinal, para se direcionar às salas de aula. Desta forma, poderíamos afirmar que, nesta escola, os professores criaram o que Clot (2014) denomina de *estilo profissional*, ou seja, o fator responsável por condicionar o trabalho do indivíduo; por outro lado, no nosso caso, é o tutor em particular que reconfigura seu agir e o transmite aos demais colegas.

Para o autor, esta estilização, seja ela individual ou parcial, por parte de alguns colegas de profissão, estaria inserida na instância do desenvolvimento transpessoal do ofício. Ou seja, podemos enxergá-la como uma "repetição sem repetição que descongestiona o gênero profissional, impulsionando as variações que podem conservar-lhe a vitalidade" (CLOT, 2014, p. 96). Por assim dizer, o estilo é quem renova o gênero.

3.3.2 Tutor, um novo gênero profissional?

O trabalho do tutor da EaD tem sido muito discutido nos últimos tempos (FERREIRA, 2015; PEREIRA e VITORINO, 2013), no entanto, percebem-se ainda algumas lacunas no que diz respeito a esta diferenciação entre o professor e o tutor nesta modalidade de ensino.

Lançando olhar para o contexto da nossa pesquisa, discutiremos a partir de agora sobre esses ‘precedentes que servem de referência’ para o trabalho do tutor, e que constituiriam, assim, este gênero profissional.

O gênero profissional permite que o trabalhador possa reconhecer e se reconhecer nos possíveis gestos do seu fazer, escolhendo os que estejam mais alinhados à situação e circunstâncias nas quais está inserido. Vale salientar ainda que, conforme Clot (2014), as fronteiras do gênero da atividade não são estanques, por isto, o trabalhador corriqueiramente pode recusar alguns gestos e, até mesmo, criar novas formas de agir.

Mas, isso seria suficiente para afirmar que o trabalho do tutor daria margem à criação de um novo gênero profissional, por ser este um trabalhador que se situa em um contexto diferente e tem atribuições que, apesar de se assemelharem às dos professores que atuam na educação presencial, têm particularidades que só são reconhecidas pelos próprios tutores, bem como regras já criadas pelos profissionais e que são transpassadas informalmente aos novos profissionais que vão surgindo? Ou poderíamos dizer que este seria o mesmo gênero, mas com algumas particularidades? Uma vez que a base, que é a mediação, se mantém, bem com outros aspectos do ensino presencial. Poderíamos, por assim dizer, que os elementos constitutivos são os mesmos (AMIGUES, 2004), não configurando, assim, um novo gênero.

Desta forma, podemos concluir que, provavelmente, a ausência de clareza sobre as especificidades do trabalho do tutor acarretam uma falta de clareza sobre o gênero profissional a que pertencem. Assim, fica clara a necessidade de pesquisas sobre o trabalho do tutor, a fim de dar a conhecer as peculiaridades deste gênero profissional.

Destarte, acreditamos que esta pesquisa contribuirá para, principalmente, dar voz a estes profissionais, objetivando compreender como os próprios tutores enxergam o gênero profissional no qual se inserem. Nesse sentido, a fim de melhor compreendê-los, faremos a seguir uma análise de alguns documentos prescritivos da EaD.

3.4 A ausência de prescrições para o trabalho de tutoria

Quando se trata da análise de textos que dizem respeito ao agir representado, que compõem as diferentes situações de trabalho docente, Bronckart (2005 apud LOUSADA et al, 2007, p. 241) divide tais textos em:

a) anteriores ao agir em situação de trabalho;
b) posteriores à realização desse trabalho;
c) textos produzidos em situação de trabalho.

A partir disso, o referido autor afirma que os textos anteriores à situação de trabalho, que podem ser tanto de ordem institucional quanto produzidos pelos próprios trabalhadores, podem ser classificados como: prescritivos e da nascente do agir. Assim, os textos prescritivos seriam aqueles que definiriam as tarefas a serem realizadas e que apresentam as condições de realização delas, como por exemplo, os planos de aula, o programa de curso, o material didático etc.. E os textos da nascente do agir seriam aqueles que estão na fonte do agir do professor, mas não pré-definem as ações de forma explícita, como a LDB, PCN, decretos, entre outros.

Dessa forma, classificamos os textos que serão analisados nesta seção como pertencentes à nascente do agir, uma vez que constituem a legislação vigente que prescreve a atividade de tutoria em EaD no Brasil.

No ano de 1996, a Lei 9.394 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu artigo 80, menciona os incentivos que devem ser dados para o desenvolvimento e veiculação da EaD, instituindo, por exemplo, que ela só poderá ser oferecida por instituições credenciadas pela União, as quais ficarão responsáveis por toda a realização de exames e os registros de diplomas.

Posteriormente, em 1998, foi assinado o decreto 2.494, em 10 de fevereiro, que regulamentaria a Lei 9.394, oficializando a Educação a Distância e reconhecendo-a "[...] como sendo propiciadora de aprendizado em um contexto marcado pelas necessidades e demandas de um mercado profissional flexibilizado, principalmente, pelo fator tempo." (SANTOS, 2011, p. 84).

Finalmente, em 2005, passa a ser regulamentada a modalidade de educação a distância pelo Decreto nº 5.622, publicada no Diário Oficial da União, em 20 de Dezembro de 2005. Com este documento revogou-se dois decretos anteriores: o Decreto nº 2.494 de 10 de fevereiro de 1998 e o Decreto nº 4.361 de 2004.

Temos assim, como principais documentos prescritivos da modalidade de ensino a distância:

> Decreto Nº 5.622, de 19 de Dezembro de 2005, regulamenta o art. 80 da Lei º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB).
>
> Decreto Nº. 5.773, de 09 de maio de 2006, dispõe sobre o exercício das funções de regulação supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino.
>
> Decreto Nº. 6.303, de 12 de dezembro de 2007, altera dispositivos dos Decretos 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 5.773, de 9 de maio de 2006, que dispõe sobre

> o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais nos sistema federal de ensino.
>
> (Fonte: http://portal.mec.gov.br)

Alguns Estados do nosso país, a exemplo de Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio de Janeiro, possuem uma legislação específica para a EaD. No entanto, a Paraíba, nosso *locus* de pesquisa, encontra-se entre os Estados que seguem a Regulamentação Nacional. Além da LDB e dos decretos mencionados acima, temos ainda algumas portarias e pareceres que foram modificando e/ou acrescentando alguns artigos nestes documentos.

Na leitura desses documentos, são poucos os momentos em que encontramos menções ao tutor e, até mesmo, ao professor. Nos casos em que aparecem, a exemplo do Decreto de Nº. 5.622/2005, apenas são mencionados como uma exigência para que os cursos funcionem.

> IV - indicação das responsabilidades pela oferta dos cursos ou programas a distância, no que diz respeito a:
> a) implantação de polos de educação a distância, quando for o caso;
> b) **seleção e capacitação dos professores e tutores;**
> c) matrícula, formação, acompanhamento e avaliação dos estudantes;
> d) emissão e registro dos correspondentes diplomas ou certificados.
>
> (Decreto de Nº. 5.622/2005. Capítulo VI – Art. 26, grifo nosso).

No que diz respeito às prescrições do trabalho de tutoria, não encontramos nestes documentos nada que oriente os tutores e esclareça sobre as funções ou atividades que devam desempenhar. Essa lacuna também pode ser observada no discurso dos tutores que, quando questionados acerca do conhecimento de documentos prescritivos do seu trabalho, afirmam não ter tido acesso.

Segmento 01E[13]

Pesquisadora: Você teve acesso, antes de iniciar o trabalho a algum documento que apresentasse quais eram as atribuições do tutor a distância?
Ágata: No momento não me recordo. Mas, acho que não tive acesso.

Durante o curso de capacitação de que os tutores participaram, foram disponibilizados alguns textos para serem discutidos nos fóruns. Dentre estes, destacamos três[14] que enfocavam a atividade de tutoria. Oliveira et al (2009) no artigo "A tutoria como formação docente na modalidade de educação a distância" suscitam uma discussão sobre a docência na educação, e destacam que o tutor é sim um professor. Também foi indicado que os tutores

[13] (E) Segmentos referentes aos textos coletados na Entrevista.
[14] Textos disponíveis na Biblioteca do curso de Capacitação para tutores do IFPB.

lessem um texto, elaborado pela coordenação do curso, intitulado “Boas práticas no Moodle”. Nele, foram apresentadas algumas situações que poderiam acontecer e como os tutores e professores deveriam proceder diante delas. E um terceiro texto pertencente à coleção Educação a Distância: coletânea de textos para subsidiar a docência on-line, “Diretrizes de Atuação: coordenação de polo, de curso, de tutoria, e docência (professores e tutores presenciais e a distância)”, produzido pela UFPB Virtual.

Neste último texto, apresentam-se, de forma mais objetiva, quais são as atribuições do tutor a distância. No entanto, esta normatização encontra-se concentrada no que diz respeito à carga horária, à observância e ao cumprimento das diretrizes estipuladas pelo professor, ao acompanhamento da frequência e ao relacionamento com os alunos na plataforma.

> • Participar dos programas de capacitação e de atualização promovidos pela Coordenação Geral da UFPB *Virtual* e pelas coordenações de cursos;
> • Desenvolver sua atividade de acordo com as diretrizes estabelecidas pelo professor da disciplina objeto da tutoria, cujo plano de atendimento tutorial deve respeitar a proporção de 1 tutor para cada grupo de 100 alunos;
> • Estabelecer os horários de atendimento conjuntamente com o professor da disciplina, cumprindo-os com pontualidade e assiduidade, e divulgando-os na plataforma Moodle. A soma desses horários deve corresponder a uma carga de 20 (vinte) horas semanais;
> • Acompanhar a frequência dos estudantes no ambiente virtual de aprendizagem, objetivando a manutenção de um nível adequado da relação interativa através da plataforma Moodle, fundamental para o estabelecimento de uma aprendizagem dinâmica e colaborativa;
> • Estimular e orientar o aluno no desenvolvimento de habilidades relacionadas à expressão e à comunicação.
>
> (MANUAL UFPB VITUAL, p.103)

Então, podemos concluir que, apesar de não haver um documento oficial que regulamente o trabalho do tutor, o curso de capacitação se encarregava de apresentar aos tutores, mesmo que de maneira implícita e/ou resumida, quais são as “regras de ofício” da profissão (AMIGUES, 2004). Assim, a partir da leitura desse texto, é possível compreender o que se espera de um tutor que atue nessa instituição. A compreensão dos tutores acerca das suas responsabilidades que foram apresentadas nos textos que compõem o nosso corpora está, de certa forma, ancorada nessas regras. Mas, é importante salientar que cada tutor recria essas regras a partir das suas experiências.

A tutora Eva, por exemplo, sempre apresenta situações de uma experiência anterior com a EaD, deixando claro que ela já constituiu um estilo profissional particular, uma vez que expõe prescrições da atividade que foram reconfiguradas por ela. A experiência da tutora na educação presencial e a distância também se apresentam como influentes para a representação que ela tem, como podemos observar no excerto abaixo.

Segmento 02F[15]

> **Eva:** No entanto, com a experiência que já tive como tutora, observei que, em alguns casos (poucos, mas constatei) o aluno fazia isso por não entender o que é o plágio de fato. Quando eu dava o feedback falando sobre isso [...]. Então, acho importante, na primeira semana do curso, disponibilizar algum texto para os alunos que fale sobre isso.

Nesse segmento, Eva se utiliza de modalizadores apreciativos[16], baseados em sua representação de mundo subjetivo, ainda que ancorada no mundo objetivo, para reafirmar esse estilo profissional que ela incorporou e que considera fazer parte do gênero profissional tutor.

A análise dos documentos oficiais nos permitiu observar que a atividade de tutoria, apesar de ser mencionada, não recebe, nestes textos, o espaço de que necessita. Observamos também que as instituições tentam suprir esta lacuna com a criação de documentos que prescrevam a atividade de tutoria e, assim, orientem os profissionais na condução do seu trabalho. No entanto, essa indefinição provocada pela falta de prescrições e regulamentações em nível nacional continua sendo identificada no discurso dos nossos colaboradores e incide, pelo fato dos tutores já terem outras experiências com a EaD, em olhares diferentes acerca da sua atividade.

No capítulo seguinte, enveredamos pelos caminhos da multidisciplinariedade. A partir do diálogo instaurado entre o ISD, a LA e as Ciências do Trabalho, é possível olhar para os dados a partir de vários ângulos.

[15] (F) Segmentos referentes aos textos coletados no Fórum.
[16] Para uma melhor identificação, utilizaremos o sublinhado para demarcar as modalizações apreciativas.

4 LINGUÍSTICA APLICADA, ISD E CIÊNCIAS DO TRABALHO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS.

"A transdisciplinaridade diz respeito ao que se encontra entre as disciplinas, através das disciplinas e para além de toda a disciplina".
(Basarab Nicolescu)

Em meadas do século XX, presenciamos o período de uma virada linguística, quando se deixa de fazer apenas aplicação linguística e se passa, de fato, a fazer linguística aplicada. Essa LA contemporânea tem como uma das suas precursoras a professora Alba Celani que, por volta do final dos anos 60, já dava o pontapé para que esse campo de pesquisa, focado no trabalho docente, começasse a ser explorado. Esse novo viés da LA, com um pensamento direcionado para a politização do ato de pesquisar a fim de pensar alternativas para a vida social, passa a ter como uma de suas principais características o "envolvimento em uma reflexão contínua sobre si mesma: (tornando-se) um campo que se repensa insistentemente" (MOITA LOPES, 2006, p. 19).

Nessa direção, Moita Lopes afirma que essa nova LA está se tornando "um espaço aberto" ou "com múltiplos centros", à qual, de acordo com a necessidade de cada pesquisa/pesquisador, vão-se acoplando outras áreas que, apesar de aparentarem ser divergentes, acabam por complementar essa LA mestiça que se pretende construir. Por isso, para fazer pesquisa em Linguística Aplicada nos dias de hoje, é preciso enxergar o universo das pesquisas com um par de óculos diferentes, sem limitar esse olhar. Segundo Moita Lopes (2006, p.16),

> as áreas de investigação mudam quando novos modos de fazer pesquisa, tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico, são percebidos como mais relevantes para alguns pesquisadores que, ao adotar persuasões particulares, começam a ver o mundo por meio de um par diferente de óculos, por assim dizer, passando a *construir* (enfatizo: construir) o quê e o como se pesquisa de modos diferentes (MOITA LOPES, 2006, p. 16).

A partir dessa lógica da interdisciplinaridade, temos a possibilidade de, enquanto linguistas aplicados, desviarmos daquilo que está preestabelecido, e fazer emergir questões que possam não ter sido facilmente compreendidas ou, até mesmo, direcionar o olhar para o que escapa às trajetórias de pesquisa já traçadas, colocando o foco das nossas pesquisas no que é *marginal* (SIGNORINI, 1998a). Nessa perspectiva, o problema de pesquisa começou a ser construído interdisciplinarmente e "a relevância desse enfoque na problematização de

questões de uso da linguagem dentro ou fora da sala de aula começou a ser levantada" (MOITA LOPES, 2006, p. 19).

Nesta mesma linha de raciocínio, Signorini (2006), quando fala sobre essas novas formas de se fazer pesquisa em LA, apresenta, além da transdisciplinaridade, outras características, afirmando que essa LA "constrói objetos de investigação de modo complexo, heterogêneos e dinâmicos", que situam a língua nessa dinâmica da vida social em que o falante está inserido, ressaltando, assim, a prática sociointeracional, em que importa tanto o olhar do pesquisador, quanto o dos sujeitos colaboradores da pesquisa. E complementa, afirmando que "para compreender a linguagem nessa lógica, é necessário considerar a presença do pesquisador e de seus instrumentos como constitutivos da prática estudada" (SIGNORINI, 2006, p. 170).

Nessa perspectiva é que encontramos o elo entre a LA e o ISD e que faz com que os diálogos estabelecidos sejam frutíferos. Ambos se abrem a estes novos olhares que chegam para complementar aquilo que não é possível enxergar com as lentes limitadas de cada área. De acordo com Moita Lopes (2006, p. 23),

> é assim que a LA precisa dialogar com teorias que têm levado a uma profunda reconsideração dos modos de produzir conhecimento em ciências sociais (cf. SIGNORINI, 1998), na tentativa de compreender nossos tempos e de abrir espaço para visões alternativas ou para ouvir outras vozes que possam revigorar nossa vida social ou vê-la compreendida por outras histórias. Isso parece ser imperioso em uma área aplicada, que, em última análise, quer intervir na ou falar à prática social (MOITA LOPES, 2006, p.23).

Dessa forma, é importante salientar que não é o nosso objetivo, tampouco o objetivo da LA, resolver problemas ou apresentar soluções definitivas para as questões aqui discutidas. Pelo contrário, o que se pretende é problematizar, suscitar questionamentos que tais contextos de uso da linguagem possam vislumbrar. É abrir possibilidades para que as *vozes do sul* sejam ouvidas e compreendidas.

Ainda sobre essa LA contemporânea, Moita Lopes (2006) aponta quatro aspectos que devem constituí-la, levando-a a atuar como um lugar de investimento em uma redescrição da vida social.

Figura 1 - Principais características da LA Contemporânea[17]

Essa LA contemporânea de que o autor nos fala nada mais é do que uma LA que enxerga a pesquisa de uma nova forma, que se utiliza de lentes que vislumbram o ser humano social, por muitas vezes deixado de lado, e que quer compreendê-lo a fim de contribuir para a vida social.

Uma *LA mestiça* que dialoga com o mundo contemporâneo e, por isso, precisa, assim como já vinha acontecendo em outras áreas do conhecimento, se reestruturar, tornando-se interdisciplinar. Uma LA que também *explode a relação entre teoria e prática*, no sentido de que não há uma delimitação concreta entre ambas, pois é impossível dissociar teoria de prática. Não há sentido em construir uma teoria, desconsiderando as vozes daqueles que estão inseridos nas práticas sociais que pretendemos estudar; "mesmo porque no mundo de

[17] Cf. Moita Lopes (2006, p. 31).

contingências e de mudanças velozes em que vivemos a prática está adiante da teoria" (MOITA LOPES, 2006, p. 31).

Assim, as pesquisas nessa perspectiva de uma LA contemporânea devem *enxergar e redescrever o sujeito* com um ser social, incluído em um contexto específico, um *ser heterogêneo, fragmentado e fluído* que influencia e é influenciado pelo meio em que está inserido.

A ética é, portanto, imprescindível para essa nova LA, pois conduz o pesquisador nesse caminho de investigação da vida social, fazendo-o compreender que há limites éticos que nos impossibilitam de relativizar todos os significados.

Logo, o diálogo com as mais diversas áreas é o que também nos possibilita inserir esta pesquisa na Linguística Aplicada contemporânea. Nos itens que seguem, discutiremos de que forma o diálogo da LA com outros campos de pesquisa nos dão possibilidade de melhor responder aos objetivos inicialmente estipulados para este estudo: i. o Interacionismo Sociodiscursivo corrobora a nossa pesquisa, pois a partir dos arcabouços teórico-metodológicos de que dispõe, conseguimos analisar, através da linguagem, quais as representações que os tutores têm sobre o seu trabalho; ii. as Ciências do Trabalho também colaboram como nosso estudo porque nos possibilitam enxergar o docente como um trabalhador, que através da linguagem revela seu olhar sobre o trabalho que desenvolve.

4.1 O Interacionismo Sociodiscursivo

O Interacionismo Sociodiscursivo deve ser considerado não apenas como uma teoria, mas, de acordo com o próprio Bronckart (2007, p. 20), precisamos enxergá-lo como uma "ciência integrada do humano, centrada na prática formadora das práticas de linguagem" que visa compreender, a partir dos textos/discursos, as ações que dizem respeito às condições de funcionamento das condutas humanas, acreditando que, nessas situações, a linguagem desempenha um papel fundamental na constituição do ser social.

As pesquisas desenvolvidas por estudiosos brasileiros que estão inseridos nesse duo de arcabouço teórico (LA/ISD), a exemplo dos grupos ALTER-LAEL, da USP[18], e o GELIT[19] da

[18] O grupo Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (ALTER-LAEL) foi criado em 2002 pela professora Ana Rachel Machado e, atualmente, está sob a coordenação de Eliane Lousada e Ana Guimarães. Desenvolve pesquisas sobre linguagem e trabalho e Linguagem e Educação. Pesquisadores de várias universidades do Brasil compõem esse grupo.

UFPB, apenas demonstram que as teorias não só dialogam, mas se complementam. Quanto mais nos aprofundamos nas teorias, nas pesquisas já realizadas acerca do trabalho docente, mais percebemos o quanto a LA, o ISD, a Clínica da Atividade e a Ergonomia se complementam enquanto saberes que nos possibilitam entender o trabalho docente por meio da linguagem, fazendo com que esse caminho de acesso ao agir seja trilhado com mais segurança.

Bronckart (2012/1999) defende que os textos são extremamente importantes nos diversos processos de socialização humana, por eles transmitirem uma concepção de mundo assumida pelo autor do texto, o que seria também, um reflexo das concepções de outrem.

Assim, o autor concebe que o texto é organizado de maneira semelhante a um *folhado*, que ele denomina Folhado Textual, defendendo que a arquitetura interna de qualquer texto seria constituída por três camadas: *a infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos* (BRONCKART, 2012/1999, p. 120-122), organizadas de forma hierárquica, conforme podemos observar na ilustração seguinte:

[19] Grupo de pesquisa *Estudos em Letramentos, Interação e Trabalho* (GELIT/PROLING/UFPB), liderado pelas professoras Dras. Regina Celi Mendes Pereira e Betânia Passos Medrado, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Os membros do grupo desenvolvem pesquisas nas áreas de letramento, interação e trabalho, fundamentadas nos aportes do ISD.

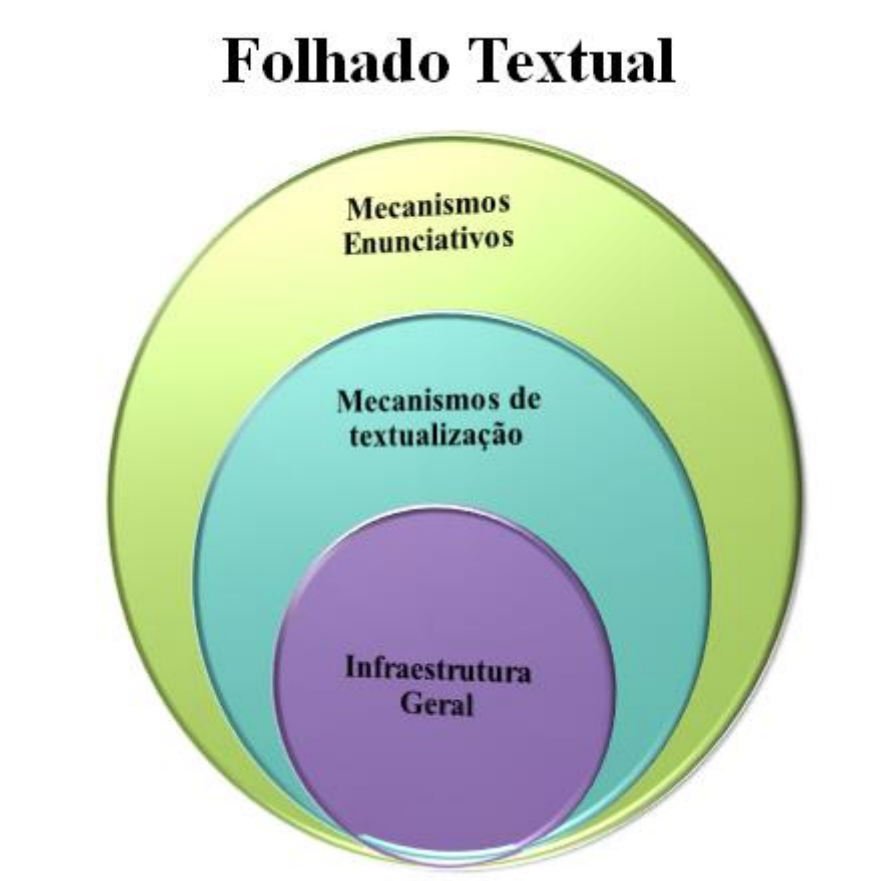

Figura 2 - Folhado Textual (Adaptado de Bronckart, 2012/1999).

- Na *infraestrutura geral do texto*, situa-se o plano geral, que se refere à seleção do conteúdo temático, aos tipos de discurso, às articulações entre tipos de discurso, e às sequências. Esta camada compõe o nível mais profundo do folhado textual. (Ver figura 2)
- Nos *mecanismos de textualização*, temos, em um nível intermediário, a conexão, a coesão nominal e a coesão verbal[20], que tem a função de criar *séries isotópicas.*
- Nos *mecanismos enunciativos*, identificamos o posicionamento enunciativo, as vozes e as modalizações, que contribuem para estabelecer a coerência pragmática do texto.

No subitem a seguir explicamos mais detalhadamente cada uma das camadas do folhado textual, detendo-nos, mais especificamente, ao nível enunciativo que será identificado posteriormente na análise dos dados.

[20] Na reformulação feita por Bronckart, a coesão verbal passou a compor a parte da infraestrutura geral do texto (Ver CAVALCANTE, 2015).

4.1.1 A análise com base na arquitetura dos textos

Os níveis de análise sugeridos pelo ISD buscam refletir as capacidades que os sujeitos mobilizam durante as ações de linguagem. Tais capacidades permitem o desenvolvimento do que Bronckart denomina de *pensamento consciente*, e que seria fruto "da apropriação e interiorização das propriedades sociais, comunicativas, imotivadas, arbitrárias e discretas dos signos das línguas naturais humanas" (BRONCKART, 2012/1999, p. 57).

No primeiro nível, o da *infraestrutura em que* está localizada a camada mais profunda, tem-se o plano geral, o conteúdo temático, os tipos de discurso e as sequências apresenta sua organização. Nesse plano, "os tipos de discursos remetem aos diferentes segmentos contidos no texto, e a sequencialidade se refere aos modos de planificação da linguagem" (BRONCKART, 2012/1999, p. 121) que são as sequências narrativas, explicativas, argumentativas etc.

Em um nível intermediário, situam-se os *mecanismos de textualização* que estabelecem a coerência temática do texto, a fim de se chegar a uma linearidade textual. Tais mecanismos podem ser: de conexão (incluem no texto recursos como as preposições, conjunções e advérbios) e de coesão nominal (com o uso dos pronomes e os sintagmas nominais).

No último nível, considerado por Bronckart (2008) como o mais superficial, realiza-se uma análise com base nos tipos enunciativos que contribuem com a manutenção da coerência pragmática do texto. Neste nível, somos convidados a fazer uma identificação das vozes e modalizações utilizadas no discurso. As vozes são responsáveis pelas avaliações do que é proferido. Elas podem ser: a. *voz do autor empírico* – marca a voz de quem está na origem do texto, que comenta ou avalia aquilo que está sendo enunciado*;* b. *voz de personagem* – vozes de instituições ou pessoas que estão ligadas, na condição de agentes, e que são responsáveis pelos acontecimentos marcados pelos conteúdos temáticos; c. *vozes sociais* – se configuram como instâncias avaliativas externas ao conteúdo temático, podem ser representadas por sujeitos ou instituições e não têm o poder de intervir como agentes (BRONCKART, 2012/1999, p. 327). Em virtude do nosso foco de análise, aprofundaremo-nos apenas em um aspecto desse nível, o das modalizações, que detalhamos logo a seguir.

4.1.2 O nível enunciativo

Se desejamos identificar as representações docentes da atividade de tutoria, uma análise que foque nos modalizadores será mais responsiva à nossa pergunta de pesquisa, uma vez que, conforme Bronckart (2012/1999, p. 330), "as modalizações têm a finalidade de traduzir as avaliações e/ou comentários produzidos a respeito de alguns elementos do conteúdo temático".

Bronckart (2012, p. 330), respaldado na teoria dos mundos Habermasianos[21], define quatro funções modalizadoras:

- Modalizações lógicas: são as que consistem nos julgamentos de valor acerca da verdade das proposições enunciadas. Estando situada no campo do mundo objetivo, "apresentam os elementos de seu conteúdo do ponto de vista de suas condições de verdade, como fatos atestados, possíveis, prováveis, eventuais, necessários, etc" (BRONCKART, 2012/1999, p. 330).
- Modalizações deônticas: são as que avaliam aquilo que é enunciado à luz de valores sociais, e buscam apresentar os fatos a partir da conformidade com as normas em uso socialmente (permitidos, proibidos, necessários, desejáveis) (BRONCKART, 2012/1999, p. 132, 330). Situam-se, portanto, no campo do mundo social.
- Modalizações apreciativas: são as que avaliam alguns aspectos do conteúdo temático e, justamente por apresentarem um julgamento mais subjetivo, no sentido de classificá-los como bons, maus ou estranhos, por exemplo, podem ser situadas no campo do *mundo subjetivo* (BRONCKART, 2012/1999, p.132).
- Modalizações pragmáticas: também situadas no campo do mundo social, são as que se relacionam a um personagem, introduzindo um julgamento sobre uma das faces de responsabilidades deste, em relação ao processo de que é agente: "Atribuem a esse agente intenções, razões (causas, restrições, etc.) ou ainda, capacidades de ação" (BRONCKART, 2012/1999, p. 330).

No quadro a seguir, ilustramos, a partir de marcas modalizadoras (expressões linguísticas), as categorias apresentadas, utilizando excertos recorrentes em nossos dados:

[21] Habermas (1987) acredita que o mundo formado pelo agir comunicativo e pelo agir praxiológico poderiam ser classificados em três tipos: *mundo objetivo*, *mundo social* e *mundo subjetivo*, e estes organizariam, a partir de alguns parâmetros, a vida social.

Modalizações	Apoiada em critérios que definem os mundos...	Expressões linguísticas	Exemplificações
Apreciativas	**Subjetivo**	Felizmente, Infelizmente, É lamentável que..., Eu acho/penso que..., Acredito que... etc.	**Danilo:** Infelizmente o tutor é um profissional que não é muito valorizado profissionalmente [...].
Deônticas	**Social**	É preciso que..., É necessário que..., Poder, Ser obrigado a, Ter que, Sentir-se na obrigação de... etc.	**Eva:** [...] Temos a missão estabelecer essa ponte. [...]
Lógicas	**Objetivo**	É evidente que..., É improvável que..., Admite-se que..., Indubitavelmente, Certamente, Provavelmente, Necessariamente, Talvez etc.	**Ágata**: [...] não recebem esse suporte da equipe [...].
Pragmáticas	**Sociossubjetivo**	Querer, Poder, Dever, Procurar, Pretender, Buscar, Tentar etc.	**Eva**: [...] procurar acompanhar sempre o aluno[...].

Quadro 4 - As modalizações e suas expressões linguísticas (Adaptado de FERREIRA, 2011, p.32)

Com a análise dos textos gerados ao longo da nossa pesquisa, e com os aportes teórico-metodológicos supracitados, aliados às contribuições das Ciências do Trabalho e das pesquisas sobre o trabalho docente, que introduziremos a seguir, objetivamos suscitar reflexões acerca da função social do tutor na EAD, e assim contribuir para o reconhecimento desses sujeitos, enquanto trabalhadores.

4.2 As Ciências do Trabalho e as pesquisas sobre o trabalho docente

As Ciências do Trabalho objetivam, antes de tudo, compreender e organizar as situações de trabalho. Nos últimos estudos sobre a atividade docente desenvolvidos nos núcleos do ISD no Brasil, dos quais podemos mencionar as pesquisas de Machado (2007), Lousada *et al* (2007), Medrado (2008, 2011), Araújo (2015), Pérez (2015), dentre outros, os pesquisadores têm encontrado a necessidade de trazer para discussão as teorias das Ciências do Trabalho, uma vez que estas disponibilizam instrumentos de geração e coleta de dados e

teorias que facilitam a compreensão do trabalho do professor, o que vem despertando cada vez mais os interesses dos pesquisadores em LA.

Apesar de todas elas estarem voltadas a analisar o trabalho, a Ergonomia, a Psicologia do Trabalho e a Ergologia, apresentam-se com objetivos e abordagens diferentes.

A Ergonomia pode ser compreendida como um enfrentamento do modelo taylorista[22], sendo mais comumente conhecida como a ciência que estuda a relação entre o homem e o trabalho, que executa, objetivando aumentar a saúde, segurança e o conforto do trabalhador, visando à produtividade e, consequentemente, a lucros.

A Psicologia do Trabalho, por sua vez, busca enxergar o real da atividade[23] e cria instrumentos de geração de dados para entendê-lo, tais como a Instrução ao Sósia (CLOT, 2010) e a Autoconfrontação[24] (FAITA, 2005), por exemplo. Os métodos e conceitos de que nos apropriamos da Clínica da Atividade, sem sombra de dúvidas, corroboram nossas pesquisas sobre o trabalho do professor de maneira extremamente rica, pois nos permitem compreender o trabalho docente sobe a ótica dos próprios professores. O acesso ao trabalho realizado[25], possibilitado pela Instrução ao Sósia e pela Autoconfrontação, por exemplo, nos dão a possibilidade de compreender o professor enquanto um trabalhador envolto em uma série de fatores que influenciam o desenvolvimento de sua atividade (prescrições, normas, alunos, coletivo de trabalho, entre outros).

E, por fim, a Ergologia, teoria mais recente que permite direcionar o olhar do pesquisador para as dimensões que envolvem tanto questões de ordem subjetiva quanto

---

[22] O modelo taylorista foi idealizado por Frederick Winslow Taylor (1856 – 1915), caracterizando-se pela ênfase nas tarefas, objetivando o aumento da eficiência ao nível operacional. De acordo com Taylor, o funcionário deveria apenas exercer sua função/tarefa em um menor tempo possível durante o processo produtivo.

[23] O real da atividade, segundo Clot (2006) vai além do que foi meramente realizado. Para ele o que não se pode fazer, o que não se fez, o que se tentou fazer sem conseguir, o que se pensou ou o que se sonhou poder fazer, também faz parte da atividade, pois interferem no que foi realmente realizado.

[24] Ambos os instrumentos têm caráter intervencionista no processo de geração de dados. Provenientes das Ciências do Trabalho vêm sendo utilizados para analisar o trabalho sob o foco da função psicológica (Cf. CLOT, FAITA, 2001; FAITA, 2005; CLOT, 2006; 2010). A Instrução ao Sósia é uma espécie de entrevista em que o trabalhador é convidado a responder o seguinte questionamento: "suponha que eu sou seu sósia e que amanhã eu me encontro em situação de dever te substituir em seu trabalho. Quais são as instruções que você deveria me transmitir, a fim de que ninguém se dê conta da substituição?" (Clot, 2006, p.144). Desse questionamento resulta um texto oral, correspondente ao diálogo entre pesquisador (sósia) e professor (instrutor), que posteriormente é transcrito. Já a Autoconfrontação é "fundada sobre a teoria da enunciação de Bakhthin, esse procedimento consiste em criar uma primeira situação na qual um locutor, diante do filme de sua própria atividade de trabalho, se engaja num comentário, posicionando-o na "fronteira do discurso e da atividade" (Faïta e Vieira, 2004).

[25] O trabalho realizado pode ser considerado como aquilo que foi efetivamente realizado pelo trabalhador num dado momento.

objetiva do docente, em sua atividade. Sua abordagem é pluridisciplinar, mobilizando diversas as áreas, como a Economia, Psicologia, Linguística, Filosofia, dentre outras, para analisar o universo do trabalho. As três se interessam pela ação no trabalho e pelo poder de agir. Em nossa pesquisa, utilizaremo-nos, principalmente, dos direcionamentos da Clínica da Atividade.

No Brasil, ampliam-se os espaços de utilização dos métodos criados pelas Ciências do Trabalho, reconstruindo os conceitos já existentes, os pesquisadores, inseridos nos contextos de pesquisa que se utilizam do ISD e se inserem na LA, atribuem novos sentidos e novas formas de se estudar o trabalho. Quando se trata do contexto escolar, por exemplo, temos Gêneros Profissionais[26] diferentes, sujeitos inseridos em contextos diferentes, que direcionam o seu trabalho a outros sujeitos e que são igualmente influenciados por eles. Modificam-se também os objetivos do pesquisador, a postura dos sujeitos colaboradores. Enfim, as formulações iniciais são reconfiguradas a partir das nossas necessidades de pesquisa.

Nesse contexto, partilhamos da ideia de Clot quando diz que: "a controvérsia é o meio de desenvolver." Da mesma forma que a Clínica da Atividade contribui com nossas pesquisas, acreditamos que também contribuímos com o desenvolvimento desta corrente teórica, pois, ao analisarmos o trabalho na perspectiva do ISD e da LA, ampliamos as possibilidades de análise do trabalho, também para as Ciências do Trabalho.

Assim, quando se trata de pesquisar o trabalho docente, é preciso, antes de tudo, reconhecer o ensino como trabalho. Trabalho esse que vai além do ensino, do planejamento de aulas, do domínio de conteúdos e técnicas, mas que pode ser considerado como um todo constituído de sujeitos outros, além do próprio professor. E que pode ser compreendido como uma atividade que se pauta em uma transformação do real e de construção de sentidos pessoais e coletivos.

Machado & Bronckart (2009) apresentam um esquema que constitui os elementos básicos do trabalho do professor. Para eles, o trabalho do professor não é uma atividade isolada, necessitando de alguns elementos para se efetivar. Assim, como podemos observar na Figura 3, o processo de ensino-aprendizagem acontece em um *Contexto sócio-histórico particular,* o que torna cada processo único. Atrelado a esse contexto, temos o *Sistema educacional* e o *Sistema de ensino*, que também influenciam direta e indiretamente no desenvolvimento dessa atividade. O professor nunca está só, por isso, Bronckart e Machado

[26] Expressão utilizada pela Clínica da atividade para agrupar determinados tipos de trabalho a partir das normas, regras de ofício, prescrições, contextos, dentre outras características. Mais adiante nos aprofundaremos nesse conceito.

utilizam o triângulo para indicar os agentes: *Professor, Objeto/meio e o outro* (ou outros), que se utilizam de *Instrumentos* (*simbólicos ou materiais*), para que o espaço de aprendizagem se efetue e se alcancem os objetivos almejados.

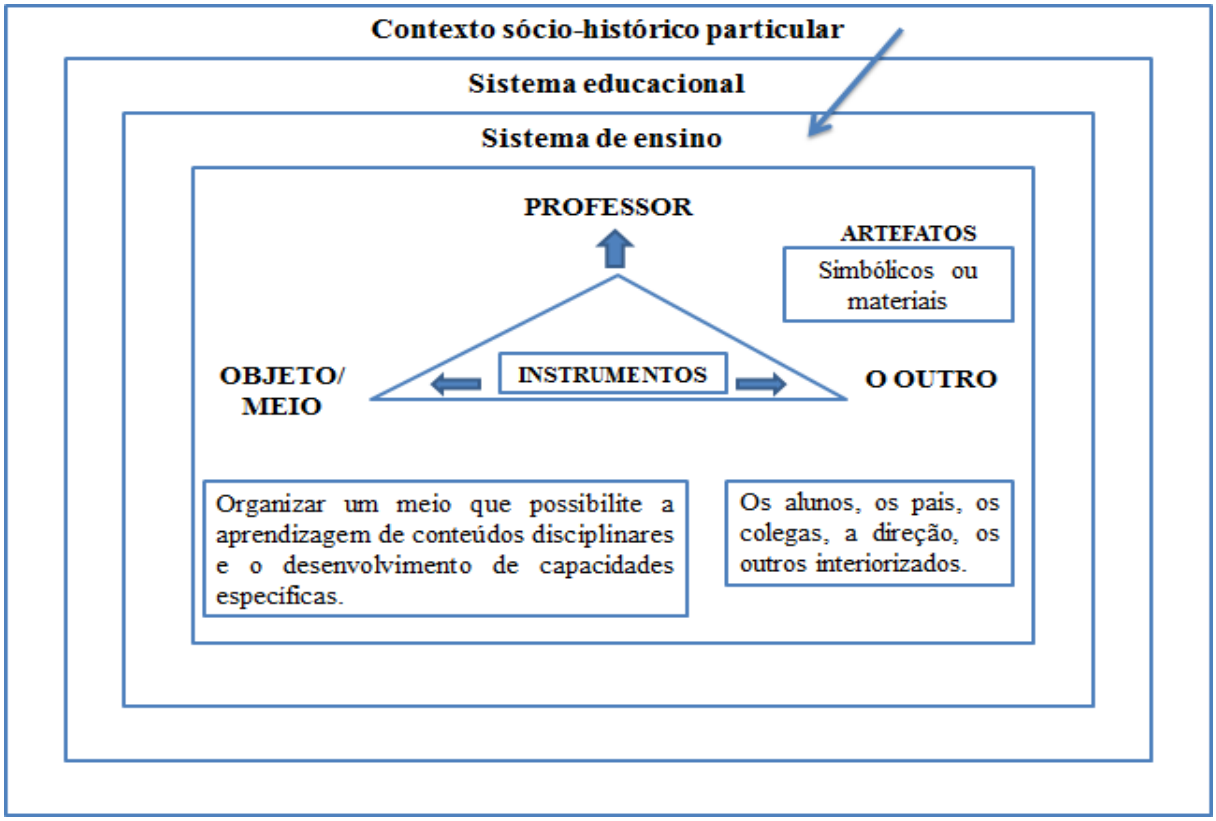

Figura 3- **O triângulo que representa o trabalho do professor**
(Elaborada por MACHADO, BRONCKART, 2007, p. 92)

Para eles, o trabalho, de uma forma geral, deve ser visto como uma atividade em que um sujeito (o professor) age sobre o meio, e estabelece interação com os diferentes "outros", estando disponíveis a ele "artefatos materiais ou simbólicos constituídos sociohistoricamente, dos quais ele se apropria, transformando-os em instrumentos para o seu agir e sendo por eles transformado" (MACHADO, BRONCKART, 2007, p. 92).

Exigindo do docente uma mobilização, no que diz respeito às atividades que deve realizar – planejamento, aula, avaliação dos alunos – o trabalho do professor deve possibilitar ao aluno uma aprendizagem de capacidades específicas, relacionadas aos conteúdos já previamente selecionados pelas normas, documentos prescritivos, e a utilização de diversos instrumentos disponíveis tanto no meio social, como na interação com outros sujeitos também envolvidos nesse processo.

No entanto, se pensarmos nesse novo formato da aula que se tem pretendido nos últimos anos, em que o ensino não está centrado nem no aluno, nem no professor, mas em ambos, atuando de forma colaborativa, contribuindo com o processo, mesmo que de formas

distintas, para que o “meio aula” se efetue, talvez esse esquema do triângulo não comtemple fidedignamente a ideia que se quer expressar.

Dessa forma, pomo-nos a refletir se, de fato, a maneira como este triângulo se organiza daria conta de compreender a complexidade que permeia o trabalho do professor. Acreditamos que os artefatos disponíveis, quando selecionados pelo trabalhador e transformados em instrumentos deveriam compor uma das pontas do triângulo, ou ainda poderiam estar em volta do triângulo, mas não dentro dele, afinal estas escolhas são também influenciadas pelos outros e pelo contexto em que este professor se enquadra. Desse modo, questionamo-nos, também, se talvez não seria o objeto o responsável por criar um meio que possibilite a aprendizagem, o resultado da união dessas dimensões que se encontram nos extremos do triângulo, devendo ficar, assim, no centro dele? Ou talvez, nenhum desses elementos deva estar no centro, mas sim, em extremos que se ligam e se complementam, assim, o formato do triângulo não daria conta de agrupar esses elementos.

A esse respeito, o próprio Grupo ALTER já havia sinalizado que este esquema não comtempla todas as dimensões do agir docente, pois limitá-lo à sala de aula é restringi-lo a apenas um dos momentos em que o professor realiza seu trabalho, concepção também apoiada em nossa perspectiva.

Talvez seja esta apenas mais uma interpretação que devamos considerar, no entanto, ousamos propor um novo esquema que, a nosso ver, comtemplaria as reflexões que fazemos.

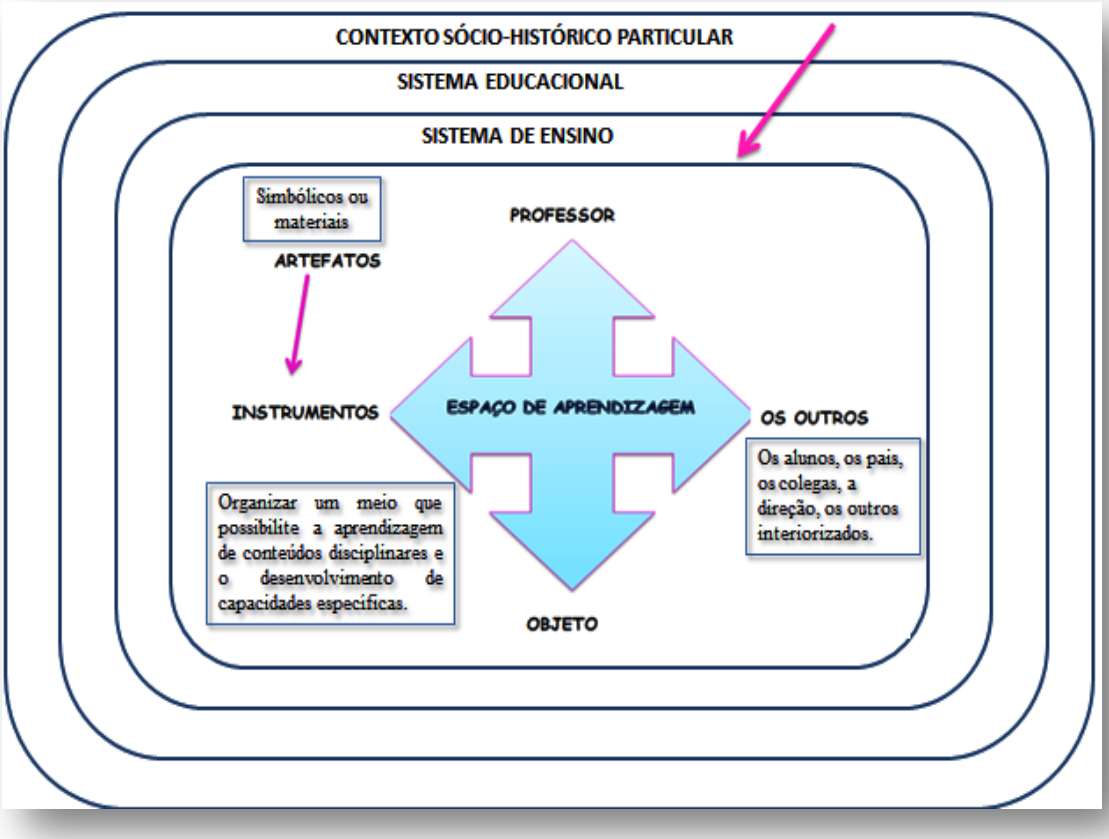

Figura 4 - **Compreensão de Trabalho docente.**
(Adaptado de MACHADO e BRONCKART, 2007, p. 92).

Assim, tanto se pensarmos em contextos de ensino-aprendizagem presenciais ou a distância, teríamos na figura acima uma ilustração daquilo que seria a atividade docente e de todos os "outros" que influenciam/contribuem para a realização desse trabalho. Apesar de a atividade ser conduzida por um único sujeito (professor ou tutor), todos os outros elementos que estão nas demais extremidades cooperam para que o produto dessa atividade, que é a constituição desse espaço de aprendizagem, se efetive.

No entanto, compreender o trabalho é de fato uma tarefa árdua, porém, fazê-lo tendo como subsídio a linguagem, torna essa compreensão, de certa forma, mais acessível. E a divisão da(s) linguagem(ens) que perpassam o trabalho, proposta por Nouroudine (2002), nos ajuda não só a fazer uma separação das *práticas linguageiras*, como ele mesmo denomina, mas também a compreender o trabalho em suas várias dimensões.

4.2.1 Linguagem e trabalho

Sendo o trabalho uma das formas de agir do homem na sociedade, que necessita da linguagem (artefato simbólico) para se desenvolver, através do que Habermas (1987, *apud* BRONCKART 2012/1999) designa de agir comunicativo, acreditamos que é a partir da análise desta linguagem (representada nos textos orais ou escritos) que podemos realizar uma interpretação do agir humano em situações de trabalho.

As práticas linguageiras situadas (ou os textos-discursos) são os principais instrumentos do desenvolvimento humano em toda a sua abrangência, desde a construção de conhecimentos e saberes até o desenvolvimento de capacidades do agir, interferindo, inclusive, no processo de formação de identidade das pessoas (BRONCKART, 2006, p. 09).

A linguagem nos acompanha nas realizações de trabalho que efetivamos, pois toda ação precede, sucede ou é acompanhada de um agir linguageiro que, por sua vez "se traduz em um texto, que pode ser definido como toda unidade de produção verbal que veicula uma mensagem organizada e que visa produzir um efeito de coerência sobre o destinatário" (BRONCKART, 2008, p. 87), reconfigurando a ação.

Os conceitos desenvolvidos no núcleo do ISD, e complementados com os estudos da Ergonomia e Clínica da Atividade, trazem à tarefa de análise do trabalho uma maior precisão, uma vez que se acredita que o trabalho docente pode ser melhor compreendido por meio da linguagem, já que o texto pode ser considerado uma ação de linguagem que possibilita a (re)configuração de um agir praxiológico, cuja interpretação se dá sempre no nível da ação ou da atividade[27]. Pois, a verificação das diferentes vozes, por exemplo, dão margem a uma compreensão dos instrumentos de trabalho, do contexto enunciativo, entre outros, que são imprescindíveis a esta possível definição das funções sociais do tutor que estamos buscando.

As normas surgem a partir das relações humanas, denominadas de pré-construídos (BRONCKART, 1999/2012). Sobre isso, Schwartz (2011) comenta que a criação de normas é uma necessidade caracteristicamente humana, que surge a partir das relações humanas. Ou seja, normatizar é uma necessidade do homem.

No mesmo sentido, cada uma dessas normas pode sofrer mudanças ao longo do tempo e/ou de acordo com as situações de interação em que se encontram os indivíduos. Assim, Schwartz as subdivide e defende que quando há a modificação de uma norma criada pelo próprio sujeito, esta seria uma *renormalização*, e quando essa mudança envolve o trabalhador, o coletivo de trabalhadores e as normas já existentes, teríamos uma *renormatização*. A figura

[27] A atividade é o que o sujeito faz mentalmente para realizar uma tarefa e a ação é a realização dessa atividade.

5 nos ajuda a compreender como esse processo de construção ou reconstrução das normas acontece.

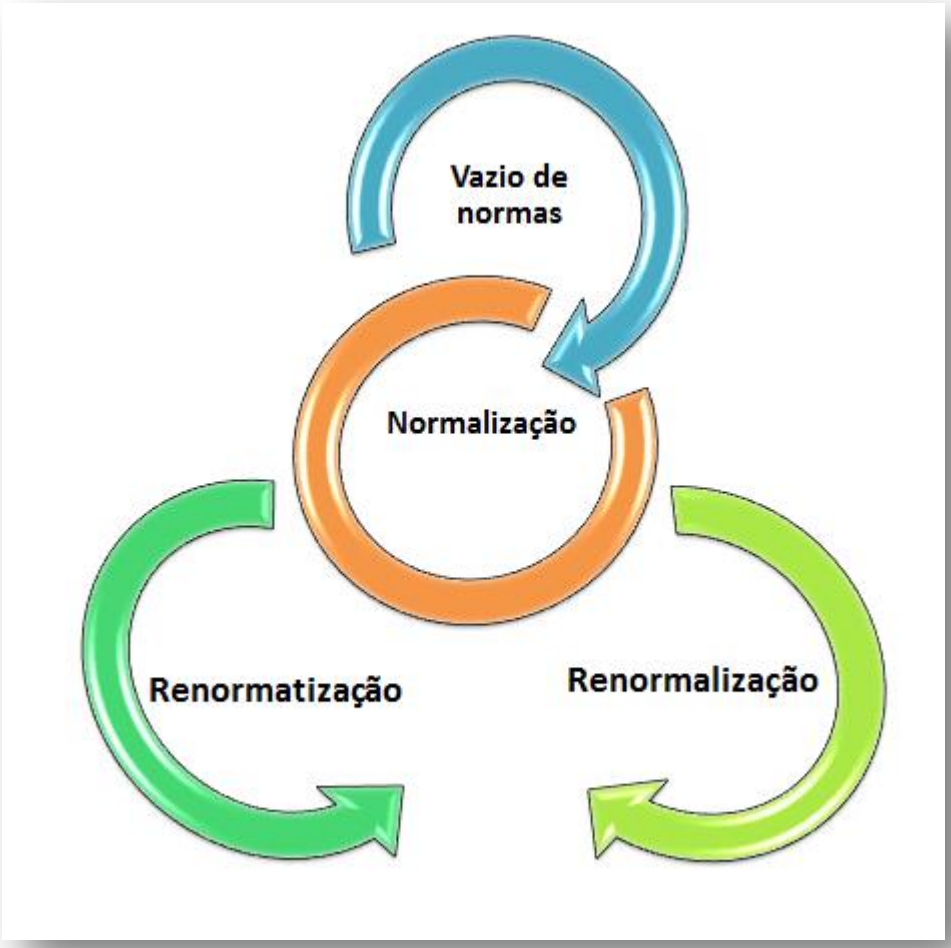

Figura 5 - Processo de (re)construção das normas.

Quando uma atividade é realizada pela primeira vez, ainda não há uma normatização sobre ela, dizemos que estamos no estágio denominado por Schwartz (2011) como *vazio de normas*. Logo, para que esta atividade seja continuamente realizada, estipulam-se algumas regras/normas que devem ser seguidas. Essas primeiras regras/normas podem ser criadas por um indivíduo ou por um coletivo de trabalho. Posteriormente, e não necessariamente nesta ordem, os trabalhadores sentem a necessidade de reformular aquilo que está posto e, por motivos diversos, passam a adaptar ou modificar normas, de acordo com as circunstâncias que vão surgindo, acontecendo assim a *renormalização* ou *renormatização*.

Principalmente quando pensamos na atividade docente, prever o agir do professor é impossível, isso porque esse agir não se dá de maneira isolada. Além da subjetividade do

sujeito, o coletivo de trabalho, os alunos, as condições de trabalho o levam a constantemente fazer renormalizações que o possibilitem atuar no contexto em que está inserido.

Os instrumentos indiretos, apresentados por Bulea (2010), rompem com a perspectiva de que é apenas na "experiência imediata" que se pode ter acesso ao agir. É como se a partir de tais métodos, dos quais destaco, mais uma vez, a Instrução ao Sósia e a Autoconfrontação Simples e Cruzada, pudéssemos não somente falar sobre e como realizamos determinadas ações, mas também refletir sobre elas. Nesses momentos, é possível observar o quanto emergem as possibilidades não realizadas, não vividas, os impedimentos e as influências que nos levam a tomar uma decisão e não outra.

A fim de entender de que forma as práticas linguageiras poderiam ser observadas no campo da atividade docente, faremos aqui uma tentativa de associá-las a situações que perpassam o trabalho do tutor, mas é importante salientar que, em algumas situações, os limites entre os tipos de linguagem são fluídos.

Linguagem <u>como</u> trabalho: Nas situações em que o tutor é condicionado a interagir com outros professores ou tutores, como por exemplo, em uma reunião presencial de planejamento, poderíamos encontrar a prática linguageira como trabalho, subdividida por Catherine Teiger e complementada por Nouroudine (2002), em três níveis: a fala para si, a fala para o outro, e o *mínimo dialógico*, em outras palavras, podendo ser entendido como o pensamento sobre o fazer. Os trabalhadores são levados a falar sobre as suas impressões, os desafios encontrados, as estratégias que utiliza para realizar sua atividade, dentre outros. A reunião para planejamento é tão somente um momento de reflexão em que o trabalhador, ao avaliar as práticas passadas e pensar nas práticas futuras, aciona os níveis criados por Teiger.

Linguagem <u>no</u> trabalho: Com base em Nouroudine (2002), a linguagem no trabalho não estaria diretamente ligada à atividade, um bom exemplo disso pode ser ilustrado por situações em que os trabalhadores dialogam sobre assuntos que estão além da atividade que desenvolvem: o clima, a política, o futebol, as situações corriqueiras do dia-a-dia, a vida pessoal etc. Estas situações, apesar de não estarem, como já explicitado acima, diretamente ligadas à atividade, nas palavras do próprio autor "favorecem trocas nas situações de trabalho". (op. cit., 2002, p. 24) Na educação a distância, situações como esta não acontecem com tanta frequência, dado que os trabalhadores dificilmente se encontram no ambiente de trabalho.

Linguagem <u>sobre</u> o trabalho: Na linguagem sobre o trabalho, o trabalhador expõe o seu olhar sobre a atividade que desenvolve e, apesar de esta não ser uma das únicas formas, as

entrevistas semiestruturadas são um bom exemplo de espaço em que esta prática linguageira pode emergir.

Desta forma, a compreensão que temos das práticas linguageiras, pode ser resumida na figura abaixo:

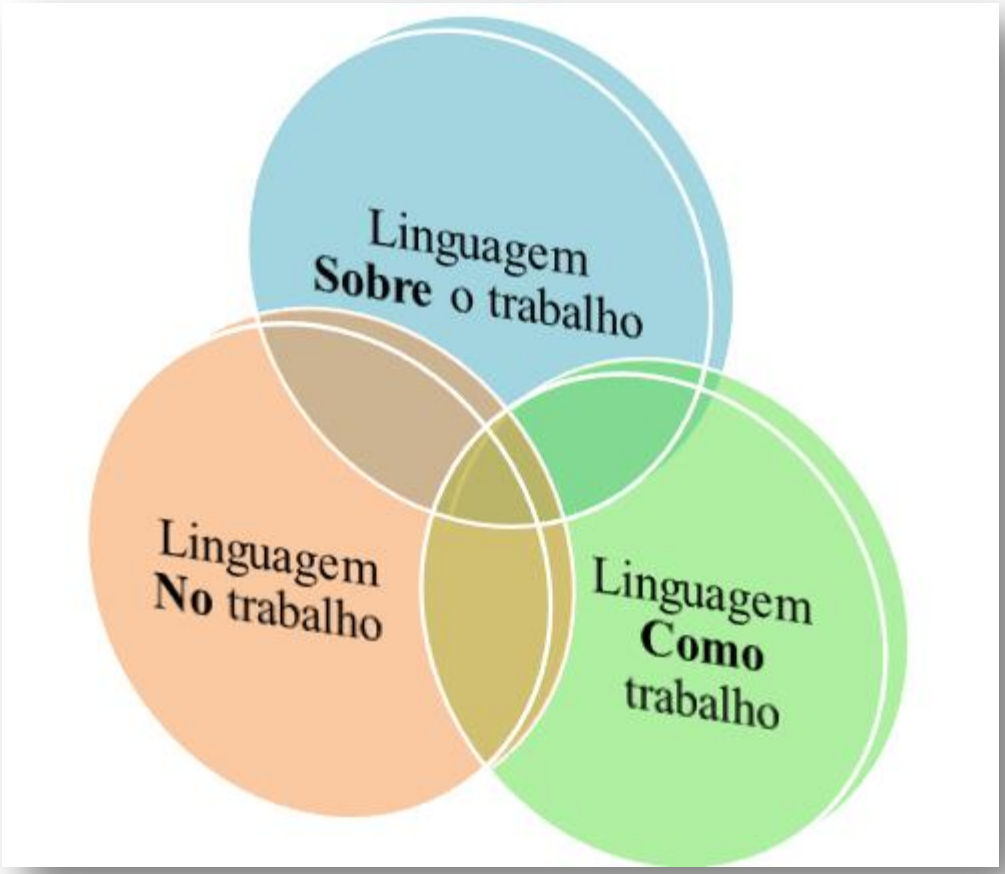

Figura 6 - Práticas linguageiras acerca do trabalho

Essas três dimensões, apesar de poderem ser analisadas ou vistas separadamente, não são completamente isoladas, se perpassam, se complementam. Nesta pesquisa, os instrumentos de coleta de dados (Fórum e Entrevista) nos possibilitam fazer emergir, principalmente, a linguagem sobre o trabalho.

Enveredaremos agora pela análise de dados, acreditando que a tríade (documentos prescritivos, fóruns e entrevistas) que compõe os nossos corpora, aliada às categorias de análise que serão utilizadas, nos propiciarão responder nossa pergunta de pesquisa, atendendo aos objetivos inicialmente estipulados.

5 "O TUTOR É UM PROFISSIONAL QUE ATUA COMO PROFESSOR" [28]: O TRABALHO DOCENTE NA TUTORIA EAD

> *"O trabalho do tutor requer uma boa dose de diplomacia, de querer bem, de exercício imaginário de um rosto, de uma expressão facial de tal modo que, ao tecermos um comentário ou fazermos uma objeção, possamos ser ao mesmo tempo objetivos e técnicos, sem abrir mão de nossa especificidade humana."*
>
> *(Semíramis F. Alencar Moreira)*

As representações acerca da atividade de tutoria em EaD, encontradas nos dados que compõem os *corpora* desta pesquisa, nos direcionam para uma concepção de que há uma (in)compreensão sobre o trabalho do tutor. Sob a ótica da legislação brasileira, as menções a esse profissional são ainda poucas e vagas. Nas postagens do fórum do curso de capacitação e nas entrevistas, percebemos que, em alguns pontos, as representações de cada colaborador convergem, mas, em outros, se percebe uma falta de unidade, principalmente com relação às funções que devem ser desempenhadas pelo tutor.

Bronckart (2006) afirma que, no quadro epistemológico do ISD, devemos levar em consideração um ser humano historicamente situado. Nesse sentido, o fato de termos concepções diferentes acerca de uma mesma atividade justifica-se por os colaboradores estarem inseridos em contextos diferentes, com formações diferentes, e experiências distintas com a EaD.

Ao longo deste capítulo, buscamos compreender a atividade de tutoria a partir dos textos/discursos produzidos pelos tutores em momentos diferentes da atividade. Nos fóruns, encontramos as concepções sobre a tutoria antes da realização da atividade, o que nos leva a crer que muitas delas são ainda concepções iniciais. E, no momento da entrevista, temos concepções posteriores à realização da atividade. Os tutores já haviam atuado no período de um semestre, é neste momento que é possível observarmos a linguagem sobre o trabalho.

A análise aqui apresentada mescla esses dois momentos da atividade e busca, ao relacioná-los, interpretar quais seriam as representações dos tutores acerca do trabalho que desenvolvem na Educação a Distância.

---

[28] Fragmento da entrevista realizada com a tutora Ágata.

5.1 O que dizem os tutores sobre o seu trabalho?

Bronckart (2006, p. 99) concebe a linguagem enquanto um processo ativo e criativo, de "movimento dialético permanente". O indivíduo é, então, compreendido como um ser social com atividades de linguagem socialmente semiotizadas. Com base nessas concepções, buscamos discutir o trabalho docente a partir dos textos/discursos produzidos pelos próprios trabalhadores.

Acreditamos que as práticas linguageiras, presentes nos textos que são produzidos acerca do trabalho, sejam eles anteriores ou posteriores a sua realização, nos direcionam para uma compreensão das nuances que circundam, no nosso caso, a atividade de tutoria em cursos na modalidade a distância.

Dessa forma, ao analisarmos os textos gerados a partir dos fóruns e da entrevista, considerando as representações que os tutores têm acerca do trabalho que desenvolvem, percebemos que alguns dos conteúdos temáticos que emergiram nos textos postados no fórum do curso de capacitação, também podem ser encontrados nas entrevistas realizadas posteriormente, como podemos observar na tabela abaixo:

CONTEÚDOS TEMÁTICOS	ENCONTRADOS NOS FÓRUNS	ENCONTRADOS NAS ENTREVISTAS
Interação entre tutores e alunos nos AVA.	X	X
Desmistificação acerca da qualidade de ensino na EaD.	X	
As atribuições do tutor à distância	X	X
A importância do curso de capacitação.	X	X
A importância do tutor à distância		X
A desvalorização social e profissional do tutor.		X
Ausência de prescrição da atividade		X

Quadro 5 - Conteúdos Temáticos presentes nos dados.

Para a interpretação dos dados, tomamos como base, primeiramente, os conteúdos temáticos, relacionando-os às modalizações que nos conduziram a uma interpretação que atendessem os nossos objetivos de pesquisa. As modalizações nos orientaram na interpretação do conteúdo temático (Bronckart, 2012/1999), pois expressam avaliações sobre determinados aspectos das representações que os trabalhadores têm acerca do seu trabalho.

Por esse motivo, optamos por segmentar esta seção de acordo com os conteúdos temáticos que emergiram do nosso *corpus*. A análise que se segue encontra-se organizada na seguinte sequência: i. As atribuições do tutor a distância; ii. A importância do tutor a distância x A desvalorização social e profissional; iii. A interação entre alunos e tutores no AVA; iv. Desmistificação acerca da qualidade de ensino na EaD; v. A importância do curso de capacitação.

5.1.1 As atribuições do tutor a distância

Tanto nos textos do fórum do curso de capacitação quanto nas entrevistas, o conteúdo temático que mais nos chamou a atenção está relacionado às inúmeras atribuições do tutor a distância. A leitura que os tutores fazem acerca das funções que lhes são atribuídas está permeada de dúvidas e (in)certezas.

Com relação às funções e/ou atribuições do tutor, Niskier (2000) apud Ferreira (2011, p. 73) pontua quais seriam as ações imprescindíveis ao perfil ideal do tutor EaD:

a) Comentar os trabalhos dos alunos;
b) Ajudar os alunos em discussões e planejamento de trabalho;
c) Explicar conteúdos;
d) Responder as diversas questões tanto em relação ao conteúdo quanto à própria instituição;
e) Interagir através de telefone e e-mail;
f) Supervisionar trabalhos e projetos dos alunos;
g) Atualizar os dados referentes ao desenvolvimento do aluno;
h) Apresentar-se nos encontros presenciais;
i) Informar aos coordenadores quanto às dificuldades dos alunos;
j) Intermediar a relação instituição e discente;
k) Participar do processo avaliativo do aluno;
l) Sugerir soluções para problemas individuais dos alunos.

Muitas dessas ações podem ser também localizadas no discurso dos tutores, e apesar de dois dos colaboradores terem relatado não ter tido acesso a documentos prescritivos dessa atividade, esses trabalhadores se mostraram conhecedores do que precisam fazer para realizar seu trabalho com eficácia. No entanto, é válido salientar que isso provavelmente acontece com estes sujeitos pelo fato de eles já terem tido anteriormente alguma experiência com a EaD, seja como aluno ou até mesmo como tutores.

Machado (2007), quando cita o trabalho docente, afirma ser o texto prescritivo uma espécie de bússola norteadora do trabalho do professor. Corroborando o pensamento de Machado (2007), Amigues (2004) apresenta a prescrição como um dos objetos constitutivos da atividade do professor: *"Para a psicologia do trabalho ou para a ergonomia de língua francesa, as prescrições não servem apenas como desencadeadoras da ação do professor, sendo também constitutivas de sua atividade"* (AMIGUES, 2004, p. 42).

Segmento 03F[29]

> **Danilo:** Concordo com as considerações do prof. João[30], da profa. Lívia e também da nossa colega Eliana. [...] *quero dizer* que o tutor como ator também desse processo é incumbido até de mais atribuições que o próprio professor conteudista visto que esse deve dominar três tipos de conhecimento: O técnico, o pedagógico e o administrativo.

Durante um dos fóruns do curso de capacitação, a discussão girava em torno da atuação e das formas de interação do tutor na EAD e, em concordância com o que já havia sido mencionado anteriormente por outros participantes, Danilo, utilizando-se da modalização apreciativa[31], a partir do modalizador *quero dizer*, acrescenta que, em sua concepção, o tutor seria mais atuante que o professor conteudista, isso porque ele teria que atuar nos níveis técnico, pedagógico e administrativo do curso, o que para ele são atribuições demais para um único profissional.

Os níveis a que Danilo se refere revelam as muitas tarefas que são incumbidas ao tutor, pois, além de atuar no pedagógico, interagindo e acompanhando os alunos, o tutor, em muitos casos, também atua como um administrador do curso, já que também é dele a responsabilidade de monitorar a participação dos alunos, constatando possíveis evasões. Além disso, apesar de nos documentos prescritivos essa não ser uma atribuição do tutor, mas por estar em contato direto com os alunos, ele também acaba atuando no nível técnico, na medida

[29] (F) Segmentos referentes aos textos coletados nos fóruns.
[30] Os nomes de instituições e professores foram modificados por questões éticas.
[31] As modalizações apreciativas serão destacadas em *itálico.*

em que se vê na obrigação de orientar os alunos em questões técnicas relacionadas ao sistema e à navegação no AVA, por exemplo. Por se enxergar como um profissional "multiuso", Danilo acredita que o tutor é mais atuante que o professor conteudista, o qual para ele seria responsável apenas por montar a disciplina.

Sobre o mesmo assunto, Eva comenta em um dos fóruns que o tutor atua como uma espécie de elo entre os alunos e a instituição, enxergando essa atribuição como uma missão a ser cumprida.

Segmento 04F

> **Eva:** [...] o tutor enquanto um elo de ligação entre o aluno e a instituição. Temos a missão estabelecer essa ponte. [...] deixando claro os critérios de cada atividade, não dar respostas prontas aos alunos, mas sim, levá-los a refletir sobre a própria problemática levantada por eles, são meios de incentivá-los a serem o ator, e não o coadjuvante no processo de aprendizagem virtual.

Dessa forma, a partir da modalização deôntica[32] temos a missão, a tutora compreende o seu agir como um dever, qual seja: estabelecer uma ponte entre o aluno e a instituição. As modalizações deônticas e pragmáticas[33] que se mesclam neste enunciado dizem muito das concepções de Eva sobre o seu trabalho. Ela se enxerga na função de intermediar o processo de aprendizagem dos alunos, incentivando-os a serem atores desse processo, mas o fato de enxergar a atividade que desenvolve como uma *missão* a ser cumprida, revela também que a tutora não a concebe propriamente como trabalho.

Ágata também se coloca nessa posição de intermediadora. E afirma ser o acompanhamento do aluno a função *mais importante* a ser desempenhada pelos tutores. Para ela, se o tutor não acompanha o aluno, ele tende a desistir do curso, e este é um discurso recorrente na entrevista concedida pela tutora. Observamos então, no segmento 05E, que a modalização apreciativa se faz presente através do modalizador *eu acho*, mesclando-se, a partir da formação verbal *tende a desistir*, com a modalização lógica[34], demonstrando assim que a locutora realiza um julgamento sobre o valor de verdade dos fatos mencionados.

[32] As modalizações deônticas serão destacadas com o realce na cor cinza.
[33] As modalizações pragmáticas serão destacadas com o sublinhado.
[34] As modalizações lógicas serão destacadas em **negrito**.

Segmento 05E

> **Ágata:** *Eu acho* que a (função) mais importante (do tutor) é o acompanhamento do aluno, eu atribuo muito/é bem pessoal também, eu acho que o aluno desiste do curso, lógico que o aluno de educação a distância ele **tende a desistir** do curso por diversos motivos também [...] mas acho que o aluno ele desiste do curso quando ele não sente a presença de alguém que dê suporte a ele ali.

A utilização desses modalizadores revela que a tutora, apesar de apresentar um julgamento subjetivo acerca das funções que devem ser desempenhadas pelos tutores, fundamenta esse julgamento nas situações já vividas por ela, nas quais ela precisou, de certa forma, reconfigurar o seu agir.

No segmento abaixo, Ágata continua apresentando outras funções que considera importantes para a realização da atividade de tutoria. Dessa vez, por meio da modalização pragmática, introduzida pelo verbo *conhecer*, ela reverbera as vozes de um coletivo, em que conhecer o AVA seria imprescindível para a realização de um bom trabalho de tutoria em EaD. Essa competência técnica de que Ágata fala é uma das mais exigidas pelos documentos prescritivos e também mais abordada no curso de formação.

Segmento 06E

> **Ágata:** Conhecer bem os recursos que o Moodle, por exemplo, que é a plataforma a distância, eu cito o Moodle, mas tem outras, o Amadeu, por exemplo, é conhecer bem os recursos que a plataforma oferece para saber usá-los nos momentos do curso, então por vezes uma atividade é bem avaliada num fórum e não é num chat, então ele tem que conhecer bem a ferramenta dele para poder aplicá-la.

Danilo, por sua vez, apresenta as funções do tutor de maneira mais objetiva, utilizando-se de modalizações lógicas. Apesar de ser familiarizado com a EaD, por já ter tido experiências enquanto aluno, ele é o único dos nossos colaboradores que, na época do curso de capacitação, ainda não tinha atuado como tutor. Por isso, vale-se das vozes dos autores dos textos disponibilizados no curso para prescrever a atividade de tutoria.

Segmento 07F

> **Danilo:** O tutor em EAD **exerce** duas funções importantes: A informativa, provocada pela elucidação das dúvidas levantadas pelos alunos, e a orientadora, que se expressa em ajudar nas dificuldades e na promoção do estudo e aprendizagem autônomos.

As funções mencionadas pelo tutor são também ecoadas pelas vozes dos demais colaboradores, pois, de alguma forma, os participantes desta pesquisa, em algum momento,

afirmam que o tutor orienta e acompanha os alunos. Mas, posteriormente, durante a entrevista, quando questionado sobre quais seriam as principais atribuições do tutor, Danilo elenca, como que em ordem de importância, que o tutor deve atuar motivando os alunos e dirimindo suas possíveis dúvidas, além de estar sempre disposto a dar um *feedback*, quando solicitado.

Segmento 08E

Danilo: 1- Motivação para os estudos; 2- Dirimir possíveis dúvidas dos discentes; 3- Feedback aos alunos.

No excerto seguinte, fruto de uma postagem realizada pela tutora Eva nos fóruns, podemos observar marcas da linguagem sobre o trabalho (NOURODINE, 2002). Haja vista ser esta a sua segunda experiência como tutora, Eva produz um discurso com base em suas vivências. Ao utilizar-se de um misto de modalizadores apreciativos e lógicos, *minha experiência na tutoria, me permite dizer,* utilizando a expressão *é de extrema importância*, Eva nos conduz a uma compreensão de que a sua experiência possibilita-lhe uma autoprescrição. Mas, ao mesmo tempo, ela se insere em um coletivo de trabalho, ao utilizar os modalizadores lógicos *eduquemos* e *alertemos.*

Segmento 09F

Eva: *Minha experiência* na tutoria a distância *me permite dizer* que **é de extrema importância** que **eduquemos e alertemos** nossos alunos, logo na primeira semana de aula, sobre as regras de netiqueta. [...] Vamos nos deparar continuamente com alunos que não atentam para essas regras. Então, cabe a nós, tutores, orientá-los!

A experiência de Eva na EaD faz com que ela se demonstre conhecedora e segura com relação às atribuições de um tutor. No segmento 10E**,** a partir de modalizadores pragmáticos, ancorados ora no mundo social, ora no mundo subjetivo, a tutora realiza julgamentos sobre a sua capacidade de ação, responsabilizando-se sobre o acompanhamento que deve ser realizado junto aos alunos.

Segmento 10E

Eva: [...] <u>procurar acompanhar</u> sempre o aluno, tentando sempre <u>buscar</u>/ foi até uma coisa que a professora Maria falou na capacitação, da gente sempre mandar mensagem de incentivo, <u>procurando</u> saber por que não fez aquela atividade, então isso eu procurei colocar em prática mesmo [...].

Araújo (2015, p. 174) comenta que "o trabalho do professor, em suas várias especificidades, é composto pela linguagem do próprio professor, de outros e da sociedade".

Assim, retomamos a ideia do triângulo proposto por Machado (2007) e por nós adaptado, a fim de reforçar a ideia de que a atividade docente, o espaço de ensino-aprendizagem não é algo construído isoladamente. Para que este espaço se estabeleça, é preciso que se leve em consideração que o professor e os outros envolvidos nesse processo (alunos, colegas de profissão, coordenadores de curso, dentre outros) estão situados em um contexto sócio-histórico particular e inseridos em um sistema de ensino específico que os levam a acionar os instrumentos e objetos necessários para que os objetivos de aprendizagem sejam alcançados. Exemplo disso, podemos encontrar no segmento anterior, oriundo da entrevista, onde Eva recorda o curso de capacitação e menciona algo dito pela professora-formadora para reforçar o seu discurso.

Se observarmos os textos/discursos anteriores, principalmente as tutoras Ágata e Eva se mostram bastante preocupadas em acompanhar assiduamente os alunos, a fim de que eles não desistam do curso. Segundo o Censo EaD.br 2015, as altas taxas de evasão ainda geram muita preocupação às instituições que oferecem cursos na modalidade a distância. Em termos quantitativos, 40% das instituições que ofereceram cursos regulamentados totalmente nessa modalidade apresentaram uma evasão de 26% - 50%; Além disso, 28% dos estabelecimentos apresentaram um percentual de desistência entre 11% - 25%; 16%, entre 6% - 10%; e 9%, entre 0% - 5%. Há, inclusive, 7% das instituições que ofereceram cursos da categoria citada que registraram uma taxa de evasão na faixa de 51%-75%, como podemos observar no gráfico a seguir:

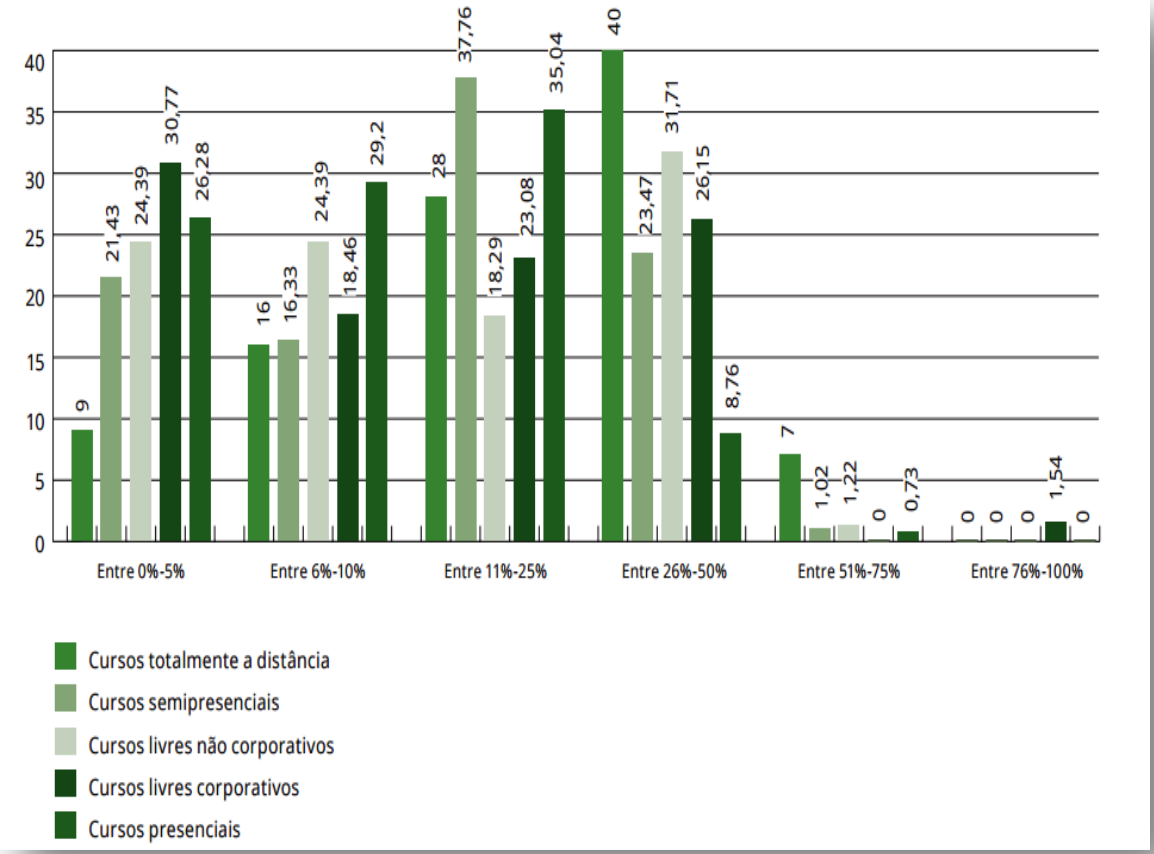

Figura 7 - Taxas de evasão registradas pelas instituições, por tipo de curso (%). [35]

Os dados apontam para os mais variados motivos que levariam os alunos à desistência. No entanto, uma parcela considerável dos estudantes afirma que não se adequa à modalidade ou não dispõe do tempo necessário para a realização das atividades. Por esse ser um problema que afeta os cursos a distância como um todo, é compreensível que essa seja uma preocupação dos tutores. Talvez os caminhos para reduzir esses índices também estejam diretamente ligados a esses profissionais, pois, como nossos colaboradores pontuam, quando o aluno percebe que não está sozinho, provavelmente, se sentirá mais estimulado e confiante para permanecer no curso.

No segmento 11E, Eva apresenta mais uma estratégia de interação com os alunos que ela considera importante e, apesar de iniciar com um modalizador apreciativo (eu acredito), ela se utiliza da modalização pragmática para afirmar que os tutores tem que *dar um feedback* ao aluno.

[35] Censo EAD.BR: Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil, 2015, p. 47

Segmento 11E

Eva: [...] *eu acredito* que sempre nas correções das atividades/mandar um feedback, porque assim, só corrigir e colocar a nota não diz muita coisa, justificar, dar um feedback ao aluno, dizendo que "isso aqui precisa melhorar, isso aqui não foi legal".

Dessa forma, a capacidade de interagir com os alunos pode ser percebida como uma das principais atribuições do tutor. A recorrência desse Conteúdo Temático leva-nos a perceber que Eva, Ágata e Danilo se veem, em alguns momentos, como os únicos profissionais envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem que interagem com os alunos, por isso, como poderemos observar na próxima seção, são tão enfáticos ao falar dessa necessidade.

A partir das representações dos nossos tutores-colaboradores é possível traçar um perfil de quais seriam as principais atribuições dos profissionais de tutoria. Percebemos que os tutores se colocam ora como atores, ora como agentes e revelam a existência de uma hierarquia que, em muitos casos, os impossibilitam de realizar alguma tarefa e/ou reformular alguma ação.

Ainda assim, percebemos no discurso dos nossos colaboradores que, em muitos casos, eles acabam realizando uma Renormalização das normas que estão postas, ou até mesmo se veem induzidos a normalizar algumas ações que ainda não foram impostas ou não ficaram claras nos documentos prescritivos. E, mesmo que tenhamos constatado a falta de prescrições, os tutores se mostram conhecedores de suas atribuições. Por isso, apresentamos na figura a seguir, um resumo das funções do tutor que podem ser encontradas em nossos dados.

Figura 8 - Resumo das atribuições dos tutores apresentadas pelos colaboradores.

5.1.2 Interação entre tutores e alunos nos AVA.

Dentre as inúmeras atribuições do tutor a distância apresentadas por nossos colaboradores, a mais recorrente se relaciona à necessidade de interação na relação tutor-aluno. Tanto nos fóruns quanto nas entrevistas, os tutores relatam como característica da sua atividade profissional o constante contato com os alunos. Sobre isso, Moreira (et al) sinalizam que o tutor é "fundamental como mediador da aprendizagem do aluno" (2013, p. 51).

Danilo, em um momento de interação no fórum, comenta sobre a postagem de um colega e apresenta características que constituiriam o gênero profissional tutor.

Segmento 12F

Danilo: Com certeza Ronaldo, devemos considerar as singularidades de cada um, os seus contextos, em um processo de ensino-aprendizagem devemos primeiro conhecer os nossos alunos, os seus anseios e perspectivas os seus pontos fracos e fortes, o aluno é um ser em constante construção, pois, enquanto seres humanos somos sempre aprendizes, então nesse processo é importante considerarmos vários fatores e momentos vividos pelo aluno [...].

Por meio de modalizadores pragmáticos como *devemos considerar, devemos conhecer*, o tutor se coloca como pertencente a um coletivo de trabalho e expõe possíveis ações que devem ser levadas em consideração por esses profissionais.

Isso é perceptível também no discurso de Eva que, com o emprego dos modalizadores *devemos e podemos*, apoiada nos critérios que definem o mundo social, traz à tona uma das particularidades da EaD: o distanciamento físico entre seus participantes. E, nesse contexto, Eva evidencia a necessidade de humanizar as relações entre os tutores e alunos. Esse olhar mais sensível com relação ao seu trabalho pode ser justificado pelo fato de ela já ter atuado como tutora. Pois, muito da profissão "se aprende com a prática, pela experiência, tateando e descobrindo, em suma, no próprio trabalho" (TARDIFF, 2002, p. 86).

Segmento 13F

Eva: Já que não temos o contato físico com os alunos, devemos, ao menos, tratá-los de forma mais humanizada. Não podemos esquecer que por atrás da tela do computador temos um indivíduo.

Ainda nos fóruns, a tutora Ágata também se mostra bastante preocupada com o relacionamento com os alunos. No segmento que apresentamos abaixo, ela intercala a utilização de modalizadores apreciativos (*a meu ver)* e pragmáticos (*conseguimos interagir*) revelando que, em sua concepção, o tutor deve interagir com os alunos a todo o momento e por meio de todas as ferramentas disponíveis, pois, só assim, a aprendizagem se daria de forma colaborativa.

Segmento 14F

Ágata: *A meu ver*, a interação aluno-tutor ocorre através de todas as ferramentas (síncronas e assíncronas) que o Moodle dispõe. Entretanto, conseguimos interagir de forma mais efetiva com o aluno quando o estimulamos a participar (colaborando) dos fóruns de discussão. Com este recurso, estimulamos a construção do conhecimento de forma colaborativa e interativa.

No segmento 15F, quando questionada na entrevista sobre sua relação com os alunos, Ágata, ancorada no mundo objetivo (*eu atuei*), faz um julgamento acerca de como os alunos se reportavam a ela. Nesse trecho, ela deixa bem claro que os alunos a viam como professora, mesmo ela acreditando ser este um papel diferente daquele que ela assume enquanto tutora, uma percepção bem subjetiva do papel que assume com a tutoria.

Segmento 15E

Ágata: [...] ao menos nos cursos em que *eu atuei* como tutora os alunos eles nos tinham mais como professores da disciplina, do que como tutores. Então todas as dúvidas que eles tinham, eles nunca se reportavam ao professor embora a gente sempre enfatizasse que o professor da disciplina era fulano de tal, eles, eu acho que eles, realmente dava **para sentir**, que eles nos sentiam como professores responsáveis da disciplina.

Os modalizadores pragmáticos também nos dão indícios dessa postura assumida por Ágata. Ela não se enxerga como professora, mesmo tendo experiência no ensino presencial e atuando concomitantemente como professora nessa modalidade, quando está no ambiente virtual, ainda que os alunos a tenham como professora, Ágata é a tutora.

Sobre o mesmo assunto, a tutora Eva também relata que os seus alunos a reconhecem e a tratam como uma professora, mas ao mesmo tempo ela fica em dúvida se eles realmente a veem como professora ou simplesmente a tratam assim. Utilizando modalizadores apreciativos (eu acho, na minha opinião), a tutora expõe o sentimento de que ela e os alunos a considerem uma professora, mas, talvez, as prescrições, as regras de ofício e a hierarquia instituída entre o tutor e o professor a impeçam de se enxergar da mesma forma.

Segmento 16E

Eva: Os alunos, [...] eles enxergam bem como professores, eles nos tratam até como professores: "Professora", quando manda uma mensagem e tudo. [...] *Eu acho* que eles veem assim, eles entendem, *na minha opinião,* que nós somos a pessoa que vai intermediar entre eles e o professor.

Em um dos fóruns, surge a discussão acerca da ética, que logo culmina sobre como os tutores devem agir quando presenciarem situações de plágio cometidas pelos alunos. Danilo, mesmo não tendo ainda atuado como tutor, demonstra conhecer alternativas para lidar com o caso. No segmento em destaque, ele apresenta uma forma de intervenção para o problema, mas não a toma como pertencente ao coletivo. Utilizando-se, mais uma vez, de modalizadores pragmáticos (*advertiria*, *orientaria*), o tutor apresenta um julgamento sobre sua capacidade de ação em situações de plágio.

Segmento 17F

Danilo: Diante dessa problemática advertiria quanto a situação praticada esclarecendo sobre o "Plágio" copiar material que não é de sua autoria [...] é crime! Orientaria o aluno a consultar o site http://www.abnt.org.br/ e que realizasse o trabalho novamente dentro das normas técnicas ABNT para um novo envio.

O constante aparecimento de modalizações pragmáticas nos textos/discursos produzidos pelos tutores são marcas de profissionais que se responsabilizam por suas ações que, apesar da não experiência ou da falta de prescrições explícitas, são capazes de conduzir seu trabalho com base no que podem e devem fazer. Saberes que já nos sinalizam para a existência de uma prescrição coletiva, que pode ser justificada pela construção do gênero profissional tutores, pelos próprios trabalhadores.

5.1.3 A importância do tutor a distância X A desvalorização social e profissional

O dizer dos profissionais acerca do trabalho que desenvolvem revela muito acerca da maneira como eles se enxergam e concebem a profissão. Nos textos/discursos produzidos pelos tutores, os excertos em que apreciam o papel da tutoria na educação a distância são recorrentes. Os tutores, em consonância com as discussões apresentadas na literatura por nós estudada, apesar de em alguns momentos relatarem as dificuldades e desvalorização que sofrem, reafirmam frequentemente a importância do trabalho que desenvolvem.

Sobre este mesmo assunto, Ferreira (2015) comenta que na modalidade de ensino a distância, na qual os sujeitos encontram-se espacialmente distantes, o tutor surge como um profissional que, além de contribuir com a formação dos alunos, os aproxima do curso, da instituição, da disciplina. “A responsabilidade maior para como a prática da interação recai sobre o tutor, uma vez que ele é o profissional, que está diretamente em contato com o aluno e desempenha diferentes atribuições no exercício da sua profissão” (FERREIRA, 2015, p. 69).

Durante a entrevista realizada com a tutora Ágata, quando questionada acerca da importância desse profissional no cenário da EaD, ela é enfática: *é de extrema importância*. Em seu discurso, relaciona o tutor ao trabalho exclusivo com o aluno, ou seja, em sua concepção, o tutor torna-se esse profissional tão indispensável justamente pelo fato de acompanhar o aluno nesse processo de ensino-aprendizagem. No entanto, a tutora expressa certa subordinação com relação ao professor da disciplina, ao afirmar que algumas atividades só serão realizadas pelo tutor, quando o professor não puder realizá-las.

Por meio dos modalizadores, *faz o acompanhamento* e *acompanha a evolução,* por exemplo, Ágata justifica seu posicionamento. Apoiando-se no mundo sociossubjetivo, constrói seu discurso modalizando-o pragmático e apreciativamente, a fim de apresentar as funções que são desempenhadas pelo tutor.

Segmento 18E

> **Ágata:** Quanto a tutoria na EaD **eu acredito que é de extrema importância** o papel do tutor, visto que é o tutor que faz o acompanhamento do aluno/do desempenho do aluno, quem acompanha a evolução do aprendizado do aluno quando o professor não pode fazer esse acompanhamento. É:: (pausa) é o tutor que vai tá interagindo diretamente com aluno. Evitando possíveis evasões, tirando dúvidas, é:: corrigindo avaliações e conversando com o aluno sobre as possíveis dificuldades que ele tem no curso.

Sempre que os tutores eram convidados a falar sobre suas atribuições, automaticamente eles se remetiam às atribuições do professor, deixando claro que eles sabiam exatamente que algumas atividades realizadas pelos professores não podiam ser desenvolvidas por eles.

Ainda na entrevista, Ágata deixa claro que, apesar de os tutores reconhecerem a importância do trabalho que realizam, a desvalorização financeira é um dos fatores que desestimula esses profissionais. Quando fala sobre isso, a tutora insere-se em um coletivo de trabalho e relata a situação se referindo ao olhar que seus colegas apresentam com relação ao tema. Utilizando-se da modalização lógica, ela alega que *o profissional de tutoria não é valorizado,* e apresenta um fato para assegurar a validade do seu argumento ao afirmar que o governo não dá suporte financeiro e, por isso, as instituições estão demitindo os tutores.

Segmento 19E

> **Ágata:** Mas, **o profissional de tutoria não é valorizado**, nem o tutor a distancia, nem o tutor presencial, né? Principalmente em termos de valorização salarial, por exemplo. A EaD, eu vou até citar um exemplo, tem muitos cursos (...) que estão demitindo tutores porque **o governo não está dando suporte financeiro para isso**.

A partir dessa concepção, é possível confirmar uma das hipóteses que apresentamos na parte introdutória desta pesquisa. Um dos fatores que interferem na legitimação da atividade de tutoria enquanto profissão se relaciona à desvalorização financeira e, consequentemente, social.

A remuneração de grande parte dos tutores é geralmente muito baixa, se levarmos em conta as atribuições que são incumbidas a esses profissionais. Além disso, é comum que os tutores que atuam em cursos a distância, oferecidos por instituições públicas, sejam remunerados com uma bolsa financiada pela Capes/UAB[36], o que gera outro problema. O tutor não integra o corpo docente, nem administrativo da instituição. A atividade de tutoria

[36] Cf. http://www.capes.gov.br/

não gera, dessa forma, vínculo empregatício e, por conseguinte, não são assegurados aos profissionais os benefícios que seriam devidos em uma relação de trabalho, se pensarmos nesse sentido, a tutoria não poderia ser considerada uma profissão, o que gera ainda muita discussão.

A situação se torna ainda mais problemática quando refletimos sobre o discurso de igualdade docente que se tenta firmar entre tutor e o professor da EaD. Quando se discute sobre isso, alguns pesquisadores da área afirmam ser o tutor um professor, colocando-o em condição de igualdade com os professores, no que diz respeito à atuação nos AVA. No entanto, quando se refere à remuneração, temos a impressão de que os tutores fazem papel de professor, mas recebem como uma espécie de monitor, e isso gera um desconforto também na relação entre esses profissionais, que se veem em uma situação não de colaboração, mas de subordinação. Lapa e Pretto (2010) discutem em um dos seus trabalhos sobre a precarização do trabalho docente na EaD, e sobre isso afirmam que

> É possível reconhecer essa dificuldade, por exemplo, quando o professor não trata o tutor como um professor como ele e atribui à tutoria um papel administrativo, de cobrar presença e trabalhos. Ou quando o professor planeja tudo sozinho e espera que os outros professores e tutores apenas executem a sua proposta, quando esses sequer conseguem compreender os objetivos pedagógicos que a orientaram, tornando-se, assim, um professor de script de autoria alheia (LAPA; PRETTO, 2010, p. 85).

A discussão apresentada pelos autores é reverberada no discurso dos tutores que colaboram com nossa pesquisa. O sentimento de desvalorização e desigualdade com relação aos professores-conteudistas é visível. Ágata, em outro trecho da entrevista, menciona novamente a questão da remuneração e desvalorização dos tutores, mas, dessa vez, o faz alegando que a remuneração em alguns casos é a única motivação dos profissionais. Ela, mais uma vez, se afasta do coletivo, alegando que a situação relatada se dá com tutores que ela conhece. Mas, de maneira contextualizada, podemos afirmar que ela também se insere neste grupo, já que, em outros momentos da entrevista, comenta sobre a falta de interação com o professor da disciplina, assegurando que sente falta de um contato mais estreito entre eles.

Segmento 20E

Ágata: [...] *eu conheço muitos tutores* que trabalham pela bolsa, pelo valor que recebem, *e eles não se sentem muito valorizados* também, pelo ao menos no grupo onde eu trabalho, não recebem um suporte da coordenação de tutoria, dos próprios professores, não há comunicação, não há um diálogo para poder montar um curso de qualidade. Então eles se desmotivam quando **não recebem esse suporte da equipe** e quando **não recebem as bolsas** do governo que atrasam demais.

No segmento acima, Ágata faz um julgamento subjetivo acerca de como se sentem os tutores (*eu conheço muitos tutores, eles não se sentem valorizados*), mas além de se utilizar de modalizações apreciativas, ela também apresenta um julgamento de valor de verdade, ao responsabilizar a falta de suporte e atraso na remuneração dos tutores, a partir dos modalizadores lógicos *não recebem esse suporte da equipe* e *não recebem as bolsas*. Tonnetti (2012), também comenta sobre esse não reconhecimento dos tutores, afirmando que essa desvalorização se inicia já no momento da contratação.

> O fato de não reconhecer o professor-tutor como professor efetivo se dá já na contratação que não obedece os mesmos critérios de carreira dentro dos quais são contratados os professores universitários. Os tutores são bolsistas, não tem registro em carteira, estão fora dos planos de carreira e não gozam dos benefícios de classe. São neste sentido professores marginalizados dentro da esfera pública das universidades federais. No caso do serviço público, contexto da UAB, não ingressam por meio de concurso e não gozam da estabilidade de servidor, tendo contratos regulados por jornada de trabalho ou empreitada. No modo como são enquadrados podemos afirmar que são objetos de uma estratégia de terceirização ou subemprego que exime as instituições de pagarem e honrarem os compromissos trabalhistas que deveriam ser assumidos também no caso destes profissionais. Certamente isto tem um custo simbólico para a profissão docente (TONNETTI, 2012, p. 7).

Ao passo em que o autor delega a estes fatos um custo para a profissão docente, a tutora Ágata, no segmento 21E, conclui afirmando que o tutor não é visto como um profissional da educação, se utilizando mais uma vez de modalizadores deônticos (*não é visto*). Essa concepção apresentada por ela endossa uma de nossas hipóteses de que o tutor não recebe o prestígio social e financeiro devido, o que o desmotiva e o leva a lançar um olhar depreciativo sobre sua profissão, ainda que, como pudemos observar, nos excertos anteriores, o tutor se reconheça enquanto um profissional importante no contexto de EaD.

Segmento 21E

Ágata: Bem, é:: na verdade (pausa) o tutor a distância não é visto como um profissional da educação.

Assim como a tutora Ágata, o tutor Danilo também tem representações que ora enfocam a importância da atividade de tutoria na EaD, e ora remetem a essa desvalorização do profissional. Por meio de uma modalização apreciativa, Danilo expõe sua insatisfação com o desprestígio com o qual são tratados os profissionais de tutoria.

Segmento 22E

Danilo: *Infelizmente* o Tutor é um profissional que não é muito valorizado profissionalmente nem pelo papel que exerce nem também pelo salário que recebe, *infelizmente* é uma função ainda desvalorizada pelo fato talvez de ser nova no contexto educacional, uma vez que até as legislações acerca da sua profissionalização são escassas, *infelizmente* ainda precisa-se reconhecer a função do tutor de EaD no Brasil.

O fato de utilizar o modalizador apreciativo "*infelizmente"* repetidas vezes, apenas reforça o que já vínhamos observando em discursos anteriores: os profissionais de tutoria sentem-se marginalizados. E esse sentimento pode levá-los, em muitos casos, a não realizar suas atividades com dedicação e lisura, pois sem incentivos, sem valorização profissional e social, os tutores acabam esquecendo o quão valioso e importante é o trabalho que desenvolvem.

Ainda que se sinta desvalorizado, Danilo consegue enxergar a grande responsabilidade que é o seu trabalho e também se utiliza de modalizadores apreciativos para, desta vez, julgar a atividade que desenvolve positivamente, ancorando-se, dessa forma, no mundo subjetivo, mesmo que traga ao seu discurso julgamentos à luz dos valores sociais, compreendendo seu agir como um dever social imprescindível.

Segmento 23E

Danilo: Bom, a tutoria de cursos em EaD *é de fundamental importância* para o desenvolvimento do curso, uma vez que esse profissional está no apoio do discente tirando dúvidas, e fortalecendo o aluno além do apoio pedagógico na promoção do incentivo e estimulação ao estudante, uma vez que nos cursos em EaD os alunos muitas vezes se sentem sozinhos, por falta da presencialidade dos demais.

Ao longo da entrevista, Eva, corroborando os sentimentos de Danilo e Ágata, suscita mais uma discussão, ainda relacionada à desvalorização do profissional de tutoria, que nos chamou atenção.

Segmento 24E

> **Eva:** É até uma questão que a gente discute na pós-graduação porque a gente enquanto doutorando tem a parte de estágio docência, principalmente quando você é bolsista e a questão de tutoria lá eles ainda tão analisando se eles colocam isso, se aceitam ou não. E é claro que o tutor ele tá desempenhando o corpo docente, isso TEM que ser aceito. (...) E infelizmente a gente não é reconhecido.

Neste fragmento da entrevista, a tutora tinha sido questionada sobre a valorização do tutor e, em sua concepção, um fato que prova a desvalorização da atividade de tutoria pode ser encontrado na própria universidade. Eva, como aluna bolsista de um programa de Pós-graduação em nível de doutorado, precisa provar ao final do curso o cumprimento de uma carga horária específica de aulas ministradas no ensino superior, atividade intitulada como Estágio Docência. No entanto, mesmo atuando como tutora no ensino superior, ainda que na modalidade EaD, a instituição não reconhece a tutoria como uma atividade docente, o que, de fato, é algo que precisa ser revisto[37]. Ora, seria então, por esta ótica, errôneo enxergar o tutor como um docente? Retomamos então a discussão anterior sobre o gênero profissional. E nos questionamos: que gênero profissional é a tutoria?

Percebemos que no segmento 24E, a tutora modaliza seu discurso deonticamente ao se utilizar de expressões como *"é claro, a gente discute* e *tem que ser aceito"* e realiza um discurso amparado no mundo social, elencando assim a necessidade de uma mudança no regimento das instituições de ensino superior, que precisam passar a enxergar o tutor como um profissional docente de ensino superior.

No próximo segmento, oriundo da entrevista realizada com Eva, ela se utiliza de modalizadores lógicos. Sobre esse modalizador, Lousada, Abreu-Tardelli e Mazzillo (2007) pontuam que a sua utilização indica se o docente interpreta o seu agir com maior o menor grau de certeza. Nesse caso, a partir do modalizador *com certeza*, a tutora julga a atividade que desenvolve como sendo de grande importância, e o faz a partir das coordenadas do mundo objetivo e subjetivo, já que faz um julgamento valorativo, por isso há tanta propriedade no que diz.

[37] É válido destacar que esta questão já foi revista em alguns programas de pós-graduação e que esta situação acontecia porque a resolução de estágio docência da CAPES/CNPq era anterior à institucionalização da tutoria, o que impossibilitava às instituições de reconhecerem a tutoria como uma atividade docente.

Segmento 25E

Eva: *Com certeza* a figura do tutor é importante por que nem sempre o professor tá podendo atender a:: demanda dos alunos. Então assim, o tutor fica sendo aquela pessoa que assim, que fica entre o professor e o aluno.

Eva se coloca na posição de intermediadora entre o professor-conteudista e o aluno, atribuição não elencada por Niskier (2000) (Cf. p. 71), mas que também emerge nos textos/discursos dos demais colaboradores.

5.1.4 Desmistificação acerca da qualidade de ensino na EaD

Na parte introdutória deste trabalho, abrimos espaço para uma discussão que acaba sendo reafirmada no discurso dos tutores e, sobretudo, nos fóruns do curso de capacitação: os tutores apresentam o que eles intitulam de "mitos" acerca da EaD.

Segmento 26F

Danilo: [...] conheço sim alguns mitos sobre EAD um deles é o de que não se aprende através de EAD, e o outro é do medo pelo novo, esse primeiro já está desmistificado, pois se pegarmos o Censo/EADBR.2014, temos que a maioria de alunos matriculados em cursos de ensino superior está matriculado em cursos na modalidade a distância. E que temos um aumento significativo de matriculas de alunos mais jovens nessa modalidade então, isso é um sinal de que a modalidade está crescendo sendo aceita e que essa aceitação é sinal de credibilidade e que realmente se aprende a distância.

Os modalizadores destacados no segmento 26F, em que Danilo expõe dados do Censo/EAD.BR para comprovar a ideia mitológica de que na EaD não se aprende, são uma representação de como o tutor concebe o seu contexto de trabalho. Para Danilo, já houve uma desmistificação sobre a qualidade de ensino na educação a distância, pois o aumento nas matrículas mostra-se como sinal de aceitação por parte da comunidade e, quando afirma que *se aprende a distância*, acreditamos que Danilo apoia-se no mundo sociossubjetivo, uma vez que, ainda que haja uma sustentação em dados que confirmem a veracidade do argumento, esta é também uma visão subjetiva sobre o assunto. Pelo fato de já ter sido aluno nessa modalidade de ensino, o tutor possui conhecimento de causa para se pronunciar.

Eva, da mesma forma, também argumenta afirmando já ter havido essa desmistificação, e faz uma comparação com a situação sofrida em outro momento com alunos

oriundos de instituições privadas. Primeiro, no segmento 27F, ela se utiliza da modalização lógica, a fim de expor uma das razões para o preconceito, que seria o desconhecimento da modalidade. Em seguida, no segmento 28F, a tutora, comentando a postagem de uma colega, faz um julgamento mais subjetivo acerca do assunto, se utilizando, principalmente de modalizadores apreciativos.

Segmento 27F

Eva: ((Atitudes)) discriminatórias para com os profissionais oriundos dessa modalidade de ensino. Atitudes parecidas *sofreram* muitos colegas que se formavam em universidades particulares. Muitos colegas de profissão *se sentiam* constrangidos em dizer que haviam se formado em uma instituição privada, pois *tinha-se* a crença de que profissional bom era aquele oriundo de uma instituição pública.

Segmento 28F

Eva: Muito pertinente seu comentário, Lis. Quanto ao seu questionamento, no que diz respeito a pensar que a EAD seria inútil, *não, não pensei isso*, mas quando atuei como tutora em outra instituição, houve momentos que cheguei a questionar se, de fato, os profissionais que sairiam dali estariam aptos para o mercado de trabalho, devido o desempenho deles durante o curso. No entanto, essa crença minha caiu por terra quando *vi os bons resultados*. [...] *Isso me deixou muito feliz.*

A utilização de modalizadores apreciativos e pragmáticos para se referir a este tema apenas nos conduz à interpretação de que a desmistificação acerca da qualidade de ensino na modalidade a distância não vem sendo só percebida através de dados estatísticos, mas os próprios profissionais da área têm olhado de forma mais positiva para EaD, porque enxergam os resultados no trabalho realizado dia a dia.

5.1.5 A importância do curso de capacitação

O curso de Capacitação para Tutores é uma exigência/pré-requisito para que os profissionais iniciem o trabalho na EaD. Muito além de apenas familiarizar os trabalhos com o AVA, o curso fomenta discussões necessárias que levam os tutores a refletir sobre a atividade que desenvolverão, compreendendo qual/quais são as atribuições de um tutor.

Ainda durante o curso, a tutora Eva posta um depoimento no fórum, relatando que o curso lhe proporcionou uma experiência que ainda não havia tido na EaD. Como

mencionamos anteriormente, ela já tinha experiência com a modalidade a distância, mas na posição de tutora, e como podemos observar no segmento 29F, o curso de capacitação a possibilitou se colocar no lugar do aluno e compreender as dificuldades que ele enfrenta.

Segmento 29F

EVA: Por mais breve que esteja sendo esse momento de "aluna virtual", já vivencio muitos dos problemas que um estudante EAD passa. Ter que lidar com internet lenta, mil e uma coisas pra fazer e as atividades propostas. *Está sendo muito difícil* pra mim com apenas essa disciplina, imagina pra um aluno que tem mais de uma?! Realmente, vamos tentar entender mais nossos discentes.

Utilizando modalizadores apreciativos (está sendo muito difícil), Eva expõe a dificuldade que está tendo em administrar seu tempo para realizar as atividades propostas pela disciplina. O ato de se colocar no lugar do aluno revela uma característica que precisa estar presente nos tutores: a humanização. Compreender que o aluno atravessa inúmeras dificuldades no decorrer do processo de ensino-aprendizagem e que, na modalidade a distância, na qual ele muitas vezes se enxerga sozinho, isso é agravado, pode levar o tutor a ser mais participativo e compreensivo na realização das suas atividades.

No mesmo segmento, Eva convoca o coletivo a também se colocar no lugar dos alunos, a fim de compreendê-los melhor. Ancorada no mundo social, e com um olhar humanizador, a tutora se utiliza do modalizador deôntico *vamos tentar entender* para estender a responsabilidade der ser mais compressivo com os alunos, aos demais tutores que interagiam no fórum.

Na entrevista, os colaboradores foram convidados a fazer uma avaliação acerca da importância do curso de capacitação para o desenvolvimento das atividades de tutoria. Eva, reafirma seu posicionamento positivo com relação à capacitação e, a partir de uma avaliação subjetiva, se utiliza dos modalizadores apreciativos *bastante importante*, para explicitar o seu grau de satisfação.

Segmento 30E

Eva: Para mim, foi *bastante importante* sim, o curso [...].

Danilo, por sua vez, também expressa, por meio dos modalizadores apreciativos *fundamental importância*, seu julgamento favorável com relação ao curso. Todavia, conclui afirmando que considera o curso necessário, principalmente por proporcionar-lhe uma maior intimidade com a plataforma, revelando um olhar meramente técnico e muito pouco relacionado à formação docente do tutor, o que deveria ser a prioridade do curso.

Segmento 31E

Danilo: Foi de *fundamental importância*, principalmente porque a plataforma que o IFPB utiliza em seus cursos é diferente das plataformas utilizadas por mim em outros cursos que realizei em EaD, A plataforma do IF é bem avançada em termos de tecnologia, com mais recursos e outras possibilidades de interação.

Sobre essa capacidade técnica, também exigida ao tutor, Eva comenta que o curso não é suficiente para que os tutores novatos consigam "mexer" na plataforma. Então, ela modaliza o seu discurso, primeiro logicamente, ao afirmar que as pessoas não tinham experiência com a EaD e, em seguida, apreciativamente (talvez [...] abordar alguma coisa a mais), sugerindo que os idealizadores do curso reservem um dia exclusivamente para orientar os tutores na navegação na plataforma, como podemos observar no segmento 32E.

Segmento 32E

Eva: [...] **pessoas que não tinham experiência** ainda com a tutoria tinham dificuldade com relação a mexer na plataforma, [...] então *talvez, sei lá, abordar alguma coisa a mais* nessa parte de quem nunca teve contato com a plataforma. Então assim, um dia para ensinar a mexer mais, sabe? Elas abordaram isso, mas não foi tão profundamente por questão de tempo mesmo.

A ausência de segmentos produzidos por Ágata, com relação a este conteúdo temático, se justifica pelo de fato de, ao ser questionada sobre o tema, a tutora ter afirmado que o curso, naquele momento, não havia contribuído muito com a sua formação. Devido ao fato de já ter atuado como tutora nesta mesma instituição e, assim, já ter realizado o curso de capacitação, a tutora afirma que, em sua opinião, não deveria ser necessário que ela o fizesse mais uma vez.

5.2 O que revelam os modalizadores?

A análise dos textos/discursos dos colaboradores, segmentados nos conteúdos temáticos que emergiram nos fóruns e nas entrevistas, a partir das modalizações expressas nas

marcas linguísticas, nos possibilitaram compreender as representações que os tutores têm acerca da atividade que desenvolvem.

Conforme podemos observar na análise dos dados, constatamos a presença de todas as modalizações no discurso dos tutores, ao avaliarmos os conteúdos temáticos das entrevistas e dos fóruns. De maneira geral, os tutores expressam suas representações, principalmente a partir de modalizadores pragmáticos, lógicos e apreciativos, porque os textos/discursos se amparam nas representações sociossubjetivas.

Os modalizadores apreciativos aparecem em maior número, o que já era esperado, já que, principalmente nas entrevistas, eles são convidados a avaliarem suas funções. A partir dessas modalizações, os tutores apontam os impedimentos relacionados à realização do seu trabalho, as incompreensões. São esses modalizadores que nos ajudam a compreender como os tutores avaliam as condições de trabalho que lhes são impostas e a maneira como julgam as atividades que desenvolvem.

As modalizações pragmáticas, por sua vez, que também aparecem em maior número, demonstram que os tutores são sujeitos que se responsabilizam por suas ações. E que, mesmo com a escassez de prescrições, realizam seu trabalho a partir do que podem, querem e devem fazer, ancorados, mais nas experiências anteriores com a EaD, do que naquilo que expressam os documentos prescritivos.

A utilização das modalizações deônticas, com menor reincidência, demonstra que os tutores realizam avaliações a partir dos valores sociais, em conformidade com aquilo que aprenderam ou no curso de capacitação ou com experiências anteriores. Com base nessas normas do mundo social, os tutores afirmam não se enxergarem como professores. Talvez, a nomenclatura e a posição de submissão com relação aos professores seja uma agravante para isso. Mas, ainda assim, afirmam que os alunos os veem como professores e os consideram figuras importantes para esse processo de ensino-aprendizagem.

As modalizações lógicas, também em menor quantidade, sinalizam que os tutores raramente avaliam os conteúdos temáticos com um maior ou menor grau de verdade ou certeza. Isso, possivelmente, acontece porque as atribuições do trabalho que realizam ainda não são totalmente compreendidas por eles, logo, é algo ainda em construção.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As análises nos permitiram observar que as modalizações presentes nos textos/discursos produzidos pelos tutores são marcas de profissionais que se responsabilizam por suas ações e que, apesar da não experiência, ou da escassez de prescrições, são capazes de conduzir seu trabalho com base no que podem e devem fazer. A triangulação dos nossos dados (documentos prescritivos, fóruns e entrevistas) nos permitiu investigar o trabalho do tutor sob diferentes óticas.

De acordo com a legislação brasileira, as menções a esse profissional ainda são poucas e vagas. O tutor é visto com uma espécie de monitor e/ou assessor do professor, já que a ele são incumbidas tarefas em que a sua atuação é submissa à autorização do professor. Apesar de serem textos prototipicamente prescritivos, os Decretos analisados e, até mesmo, as Diretrizes de atuação do Pessoal de EaD, elaborados pela UFPB virtual e utilizadas como texto de discussão no curso de capacitação, não apresentam as atribuições do tutor em pormenores que os orientem como devem realizar suas tarefas.

No discurso dos tutores pesquisados, muitas das representações que têm acerca da tutoria são advindas de experiências anteriores com a EaD. O que nos leva a um questionamento: se eles não tivessem ainda nenhuma experiência, de onde viriam essas representações? Dessa forma, a criação de documentos que prescrevam com mais detalhes a atividade de tutoria e que sejam apresentados aos tutores é imprescindível, bem como a criação de documentos regulamentadores que reconheçam e legitimem a tutoria enquanto profissão, pois nossos dados deixam claro que esta é a maior causa do sentimento de desvalorização por parte desses trabalhadores.

Nas postagens dos fóruns do curso de capacitação, percebemos que em alguns pontos as representações de cada colaborador convergem, mas, em outros, se percebe uma falta de unidade, principalmente com relação às funções que devem ser desempenhadas pelo tutor. Cada um dos tutores constrói a representação acerca das experiências que viveu e tenta acrescentar novas funções/ações que considera serem necessárias para o trabalho do tutor.

A formação dos tutores, dessa forma, mostra-se como algo necessário, e o curso de capacitação, segundo os próprios tutores, bastante eficiente. Assim, este estudo contribui ainda para a percepção do quão válido pode ser o momento de formação, uma vez que possibilita aos tutores refletir sobre a atividade que desempenharão.

A utilização da entrevista semiestruturada, como instrumento de geração de dados, em pesquisas sobre o trabalho docente pode ser considerada bastante eficaz. A possibilidade de

fazer os colaboradores refletirem sobre a sua prática e externarem suas impressões sobre suas condições de trabalho, atitudes esperadas, valorização profissional e social nos dão a possibilidade de realizar algo esperado pelas pesquisas em LA na contemporaneidade: ouvir as vozes do sul. Os profissionais de tutoria, na maioria das vezes, são silenciados, e a eles só é exigido que realizem aquilo que foi estipulado, sem levar em consideração o olhar dos sujeitos que, por estarem vivenciando esta experiência, são os maiores conhecedores das necessidades e funções que devem ser desempenhadas.

As representações encontradas acerca da atividade de tutoria em EaD nos direcionam para uma concepção de que ainda há uma (in)compreensão sobre o trabalho do tutor. E, retomando os objetivos inicialmente estipulados para esta pesquisa "*investigar quais as representações do agir dos profissionais de diferentes áreas do conhecimento que atuam como tutores na EaD, sobre o seu trabalho, a fim de discutir qual a função social do tutor"*, chegamos à conclusão de que a área do conhecimento ou a formação inicial do tutor influi muito pouco em como ele se enxerga profissionalmente, sendo as experiências anteriores com EaD as maiores influenciadoras do olhar que ele lança sobre a sua atividade.

Cada um dos tutores investigados nessa pesquisa possuía uma experiência anterior com a EaD, seja como aluno da modalidade ou como tutores. Tanto nas entrevistas como nos fóruns, os colaboradores se referem constantemente a estas vivências e ancoram nelas o comportamento e as decisões que tomam acerca do trabalho de tutoria. Os dados também nos revelam que as experiências anteriores com o ensino presencial e a formação em licenciatura contribuem para que os tutores se comportem e desejem ser reconhecidos como professores, dialogando assim com o que esperávamos em um dos nossos objetivos de pesquisa.

No segundo objetivo específico, "*compreender até que ponto o trabalho do tutor da EaD pode (con)fundir-se com o trabalho do professor, observando se as nomenclaturas tutor e professor não passam de meras denominações, e que, a depender das escolhas dos profissionais envolvidos, ambos podem assumir responsabilidades semelhantes e/ou iguais",* observamos que, para os alunos, o tutor é um professor, mas os próprios tutores não se enxergam como tal. Apesar de assumirem responsabilidades semelhantes às dos professores, os tutores se veem hierarquicamente inferiores aos professores, porque a eles não é dada autonomia para decidir sobre muitas questões envolvendo a formulação da disciplina, a avaliação dos alunos, dentre outras.

Sobre o nosso último objetivo, "*construir uma definição que oriente os tutores, bem como toda a comunidade envolvida nesse processo, na construção do que seria a função social desses profissionais",* este trabalho contribui, além de dar voz aos tutores, para a

reflexão e, quem sabe, o início de uma luta por parte do coletivo de tutores, para que a atividade que desenvolvem seja reconhecida no meio social, acadêmico e através de regulamentações que resguardem os seus direitos, reconhecendo-os como profissionais imprescindíveis ao processo de ensino-aprendizagem a distância.

As asserções por nós suscitadas no início dessa pesquisa ganham agora força e respaldo a partir das nossas investigações. Acreditamos que:

- ✓ O tutor desempenha, na maioria dos casos, a função de docente (ainda que alguns deles, a depender do curso em que atuam, não tenham formação em licenciatura);
- ✓ A necessidade de reconhecer a tutoria enquanto profissão poderia culminar na criação de políticas públicas que assegurassem garantias ao profissional.
- ✓ A escassez de documentos prescritivos do trabalho do tutor é uma das causas desta indefinição acerca das atribuições que dizem respeito a este profissional.

A nossa experiência como tutora na EaD nos fez direcionar um olhar mais crítico para a realização da análise de dados, fazendo-nos refletir sobre a nossa própria condição. Muitas das representações dos colaboradores são também nossas: a desvalorização profissional; a falta de autonomia; a inferioridade com relação ao professor, dentre outras. Assim, unimos nossa voz a dos tutores e endossamos a necessidade de criação de políticas de valorização profissional para estes profissionais. Uma valorização que precisa partir da remuneração dos profissionais e culminar diretamente na revisão dos programas de Educação a Distância, que precisam enxergar o tutor como um docente que, tanto quanto o professor conteudista, é responsável pela condução e continuidade dos cursos em EaD.

A discussão iniciada acerca do gênero profissional tutor abre caminho para que outras pesquisas possam ser realizadas, a fim de responder às problematizações que fizemos ao longo do nosso trabalho. Provavelmente, a ausência de clareza sobre as especificidades do trabalho do tutor acarreta uma falta de clareza também sobre o gênero profissional a que pertencem. Assim, é evidente a necessidade de pesquisas sobre o trabalho do tutor, a fim de dar a conhecer as peculiaridades deste gênero profissional, e dar maior legitimidade ao coletivo de tutores, seja reconhecendo-os como professores, seja enxergando a tutoria como um novo gênero profissional.

Com o crescimento e expansão da EaD, o tutor passa a assumir uma importante função nessa modalidade que transcende o papel de motivador, facilitador e orientador. No entanto, o que se percebe é uma precarização do trabalho desses profissionais que precisa ser revista, uma vez que, apesar de não ser uma atividade regulamentada, a busca pela valorização dos

profissionais da educação não pode ser excludente com relação ao tutor. Assim, construir um espaço de valorização profissional que possibilite aos tutores se enxergar como atores nesse processo de ensino-aprendizagem, torna-se imprescindível.

REFERÊNCIAS

ABREU-TARDELI, L. S. O trabalho do professor em EaD na lente da legislação. In.: MACHADO, A. R. *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva.* Londrina: Eduel, 2004, p. 168-193.

ABREU-TARDELLI, Lília Santos; CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes (Orgs.). *O trabalho do professor em nova perspectiva.* Campinas: Mercado de Letras, 2009.

AMIGUES, R. Trabalho do professor e trabalho de ensino. In.: MACHADO, A R. (Org.). *O ensino como trabalho:* uma abordagem discursiva. Londrina: EDUEL, 2004.

ARAÚJO, J.; ARAÚJO, N. (Orgs.). *EaD em Tela: docência, ensino e ferramentas digitais.* Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

ARAÚJO, G. H. C. Prescrições, ações e reflexões: professoras de língua inglesa no ensino médio e seu *metier*. In.: PEREIRA, R. C. M., MEDRADO, B. P., REICHMANN, C. L. *Letramentos e práticas formativas: pesquisas tecidas nas entrelinhas do ISD.* João pessoa: Editora da UFPB, 2015.

ARETIO, 2011

AZEVEDO, W. *Muito Além do Jardim de Infância:* Temas de Educação Online. Rio de Janeiro, Livro Rápido, 2005.

_____. *Aprender e Ensinar Online*. 2014. Disponível em: http://maiscursosonline.blog.br/podcast-entrevista-com-wilson-azevedo/. Acesso em 13 de Maio de 2015.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BELLONI, M. L. *Educação a Distância.* São Paulo: Autores associados, 1999.

BENDASSOLLI, P. F.; SOBOL, L. A. P. (Orgs.) *Clínicas do Trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade*. São Paulo: Atlas, 2011.

BENTES, R. F. "Avaliação do tutor" In: LITTO, F. M. e FORMIGA, M. M. M. (Orgs.) *Educação a Distância: o estado da arte.* São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo.* São Paulo: EDUC, 2ªed., 2012[1999].

_____. Por que e como analisar o trabalho do professor. *In*: *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006. p. 203-231.

_____. *O agir nos discursos*, São Paulo: Mercado de Letras, 2008

_____. Atividade de linguagem frente à LINGUA: homenagem a Ferdnand de Saussure. In.: GUIMARÃES, A. M. M.; MACHADO, A. R.; COUTINHO, A. (Org.). *O interacionismo Sociodiscursivo: Questões Epistemológicas e Metodológicas*. Campimas, SP: Mercado de Letras, 2007.

BUENO, L. *A construção de representações sobre o trabalho docente:* o papel do estágio. São Paulo: Educ, 2009.

BULEA, E. *Linguagem e efeitos desenvolvimentais da interpretação da atividade*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

BUZATO, M. E. K. Tecnologia, espaciotemporalidade e educação: contribuições dos estudos sobre novos letramentos para uma reflexão sobre EaD e universidade no Brasil. In.: ARAÚJO, J.; ARAÚJO, N. (Orgs.). *EaD em Tela: docência, ensino e ferramentas digitais.* Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

CAVALCANTE, Rivadavia Porto. *Universidade de Genebra Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação*. In: Revista Prolíngua, Volume 10, Número 3, 2015.

CLOT, Ives. *A função psicológica do trabalho*. São Paulo: Editora Vozes, 2006.

_____. *Trabalho e poder de agir*. Belo Horizonte: Frabrefactum editora, 2010.

CORSETTI, Berenice. *Análise documental no contexto da metodologia qualitativa*. UNIrevista, vol. 1, n° 1: 32-46 (janeiro 2006). Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/ART%2005%20BCorsetti.pdf> Acesso em: 21 de janeiro de 2017.

CRISTÓVÃO, V. L. L. (Org.). *Estudos da Linguagem à luz do Interacionismo Sociodiscursivo.* Londrina: UEL, 2008.

FAÏTA, D.. Gênero de discurso, gêneros de atividade, análise da atiovidade do professor. In.: MACHADO, A R. (Org.). *O ensino como trabalho:* uma abordagem discursiva. Londrina: EDUEL, 2004.

FERREIRA, T. S. F. *Representações sobre o agir: caminhos para a compreensão do papel da tutoria na EaD.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FORMIGA, M. M. M. e LITTO, F. M. e (Orgs.) *Educação a Distância: o estado da arte.* São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

FONTANA, H. A. Tecendo considerações acerca da educação a distância e seus paradigmas. In.: MACIEL, A. M. R.; FONTANA, H. A. (Orgs.). *Educação a distância: Porque uma interrogação?* Jundiaí, Paco Editorial: 2013.

GREGGERSEN, G. *Educação a Distância: (In)Definições, Tecnologias e Modelos.* Disponível em:

http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2009/EDUCACAO_A_DISTANCIA_IN_DEFINICOES_TECNOLOGIAS_E_MODELOSrbaad2009.pdf Acesso: 12 Jan. 2016.

LAPA, Andrea; PRETTO, Nelson De Luca. "Educação a distância e precarização do trabalho docente" Em Aberto, Brasília, v. 23, n. 84, p. 79-97, nov. 2010.

LEITÃO, P. D. V. A prática de Leitura na Escola: Representações de professores em formação. In: MEDRADO, B. P. e PÉREZ, M. (Orgs.) *Leituras do agir docente: a atividade educacional à luz da perspectiva interacionista sociodiscursiva. Campinas, SP*: Pontes Editores, 2011.

LEITÃO, L. V. *As representações dos saberes de professores de inglês em cursos livres: uma leitura interacionista sociodiscursiva*. Dissertação (Mestrado) UFPB/CCHLA, 2015.

LOUSADA, E. G. (Org.) O trabalho do professor: revelações possíveis pela análise do agir representado nos textos. GUIMARÃES, A. M. M.; MACHADO, A. R.; COUTINHO, A. (Org.). *O Interacionismo Sociodiscursivo: Questões Epistemológicas e Metodológicas*. Campimas, SP: Mercado de Letras, 2007.

MACIEL, A. M. R.; FONTANA, H. A. (Orgs.). *Educação a distância: Porque uma interrogação?* Jundiaí, Paco Editorial: 2013.

MACHADO, A. R. *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva.* São Paulo: Eduel, 2004.

MACHADO, A. R. Por uma concepção ampliada do trabalho do professor. In: GUIMARÃES, A. M. M.; MACHADO, A. R.; COUTINHO, A. (Org.). *O interacionismo Sociodiscursivo: Questões Epistemológicas e Metodológicas*. Campimas, SP: Mercado de Letras, 2007.

MACHADO, A. R. E BRONCKART, J. P., 2009. Reconfigurações do trabalho do professor construídas nos e pelos textos: a perspectiva metodológica do grupo ALTER-LAEL. In.: CRISTÓVÃO, V. L. L. e ABREU-TARDELLI, L. S. (Orgs.) *Linguagem e Educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva.* São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

MEDRADO, B. P.; PÉREZ, M. *Leituras do Agir Docente*: a atividade educacional à luz da perspectiva interacionista sociodiscursiva. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

MEDRADO, B. P., DANTAS, R. S. *O dizer sobre o fazer pedagógico: vozes e sentidos em um contexto de inclusão*. Revista Investigações Vol. 27, nº 2, Julho/2014).

MILLER, I. K. de. Formação de professores de línguas: da eficiência à reflexão crítica e ética. In.: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) *Linguística Aplicada na modernidade recente*: festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013.

MOITA LOPES, L. P. da. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In.: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma linguística aplicada Indisciplinar.* São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____ Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In.: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma linguística aplicada Indisciplinar.* São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005. p. 269-279.

NOUROUDINE, A. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-e-SILVA, M.; FAITA, D. (Orgs.) *Linguagem e Trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França.* São Paulo: Cortez, 2002.

PEREIRA, R. C. M.; VITORINO, M. S. V. Reflexões sobre a atividade educacional em EaD: ações (de linguagem) em diários de aprendizagem. In.: REICHMANN, C. L. (Org.) *Diários reflexivos de professores de línguas: ensinar, escrever, refazer(-se).* Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

PEREIRA, R. C. M., MEDRADO, B. P., REICHMANN, C. L. *Letramentos e práticas formativas: pesquisas tecidas nas entrelinhas do ISD.* João pessoa: Editora da UFPB, 2015.

PÉREZ, M. A formação inicial do professor de língua inglesa: análise das práticas como ação formativa. In.: PEREIRA, R. C. M., MEDRADO, B. P., REICHMANN, C. L. *Letramentos e práticas formativas: pesquisas tecidas nas entrelinhas do ISD.* João pessoa: Editora da UFPB, 2015.

POLIVANOV, B. *Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos.* Esferas: Ano 2, nº 3, julho a dezembro de 2013. Disponível em: (inserir link). Acesso em: 27 Jun. 2016.

RIBEIRO, P. B. O outro extremo do uso da linguagem: efeitos representacionais na EaD. In.: ARAÚJO, J.; ARAÚJO, N. (Orgs.). *EaD em Tela: docência, ensino e ferramentas digitais.* Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

SAUJAT, F. O trabalho do professor nas pesquisas em educação: um panorama. In: MACHADO, A. R. (Org.) *O ensino como trabalho uma abordagem discursiva*. Londrina: Eduel, 2004.

SIGNORINI, I. A questão da língua legítima na sociedade democrática: um desafio para a linguística aplicada contemporânea. In.: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma linguística aplicada Indisciplinar.* São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

TARDIF, M. *Os saberes docentes e a formação profissional.* Petrópoles, RJ: Editora vozes, 2002.

TONNETTI, F. A. *Tutor é professor: algumas considerações sobre o trabalho docente na educação a distância*. Anais: Simpósio Internacional de Educação a Distância 2012. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Disponível em http://sistemas3.sead.ufscar.br/ojs/Trabalhos/119-920-1-ED.pdf Acesso em: 03 de Fevereiro de 2017.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: VON SIMSON, O. M. (Org.) *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil).* São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, Enciclopédia aberta de Ciências Sociais, v.5, 1998.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL

1. Nome completo, data de nascimento, cidade onde reside.
2. Ocupação profissional.
3. Onde você cursou a educação básica (escola pública ou privada)?
4. Qual é o seu nível de escolaridade atual. Se mestrando(a) ou doutorando(a) especifique curso, área e linha de pesquisa.
5. Qual sua formação na graduação? Por que escolheu este curso?
6. Em qual instituição você cursou sua graduação? Por quê?
7. Você tem experiência como professor? Se sim, especifique experiências anteriores e atuais (disciplinas, tipo de instituição, nível de ensino).
8. Há quanto tempo você exerce a prática docente?
9. Qual a sua experiência em EaD? (Especifique tempo e modalidade de atuação – se aluno, tutor presencial, tutor virtual, professor formador, etc.).
10. Como e por que você se tornou um tutor?

APÊNDICE B – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Você já teve outras experiências como tutor?
2. Qual a sua concepção sobre a tutoria na EaD?
3. Quais os pré-requisitos necessários para alguém se tornar tutor no curso/disciplina em que você atua? Você acredita que preenche todos eles?
4. Qual a importância do curso de Capacitação para tutores, oferecido pelo IFPB, para o seu desempenho como tutor?
5. Você teve acesso, antes de iniciar o trabalho, a algum documento que indica as atribuições do tutor a distância? Em caso de resposta afirmativa, de que forma este documento tem contribuído com o seu trabalho?
6. Você consegue cumprir com todas as atribuições indicadas neste documento e no curso de capacitação?
7. Com relação a pergunta anterior, o que lhe impede de realizar estas atribuições que você não consegue cumprir?
8. Você acredita que a sua formação, mais especificamente, a graduação, lhe preparou para desenvolver este trabalho? Por quê?
9. Se você pudesse classificar em ordem de importância, qual seriam as principais funções /atribuições do tutor?
10. Levando-se e consideração as condições de trabalho do tutor, a valorização social, remuneração, dentre outros. Como você analisa a atual situação deste profissional de educação?

APÊNDICE C- ENTREVISTA COM A TUTORA ÁGATA

1. P: você já teve outras experiências como tutora?
2. ÁGATA: é::: já atuei na tutoria a distância durante dois anos
3. na disciplina de introdução a informática do curso de segurança no trabalho
4. também é::/ do IFPB
5. P: qual é a sua concepção sobre a tutoria na EaD?
6. ÁGATA: (...) em que sentido?
7. P: é:: o que você acha da tutoria na EaD
8. você acha que é algo necessário?
9. ÁGATA: quanto a tutoria na EaD
10. eu acredito que é de extrema importância o papel do tutor
11. visto que é o tutor que faz o acompanhamento do aluno/do desempenho do aluno
12. quem acompanha a evolução do aprendizado do aluno
13. quando o professor não pode fazer esse acompanhamento de perto
14. é:: e é o tutor que vai tá interagindo diretamente com aluno
15. evitando possíveis evasões
16. tirando dúvidas
17. é:: corrigindo avaliações
18. e conversando com o aluno sobre as possíveis dificuldades que ele tem no curso
19. P: nessas duas experiências que você teve
20. e está tendo como tutora né?
21. essa primeira experiência no curso técnico e agora
22. você acha que a sua atuação como tutora é semelhante
23. com relação as atividades que você desenvolve
24. ou houve alguma diferença?
25. ÁGATA: as atividades ou as disciplinas?
26. P: as atividades mesmo
27. de corrigir provas
28. de interagir em fóruns
29. essas atividades
30. elas são as mesmas ou houve alguma diferença?
31. ÁGATA: bem (...) quanto as atividades
32. elas são as mesmas né?
33. o que agente faz/ fazia no curso de introdução a informática de segurança do trabalho
34. e no de computação
35. são semelhantes
36. embora as disciplinas sejam completamente diferentes
37. então as atividades que eu desempenhava era acompanhar os alunos em fóruns de discursão
38. avaliar respostas de alunos em fóruns avaliativos

39. tirar dúvida de aluno por mensagem
40. por chat
41. é:: correção também de atividade de arquivo/correção de atividade de envio de arquivo único
42. montagem de wikes quando a gente precisava avaliar né?
43. é wikes ou é dicionário?
44. agora não lembro bem
45. acho que é isso
46. P: ok
47. quando você foi atuar como tutora nesses cursos
48. quais eram os pré-requisitos necessários para que uma pessoa chegasse a ser tutor desse curso ou dessa disciplina
49. você lembra o que eles pediam no edital?
50. ÁGATA: bem::
51. pelo que eu me recordo
52. a exigência principal era que o tutor tivesse uma graduação na disciplina/na área da disciplina que ele ia atuar
53. por exemplo
54. no curso de licenciatura em computação
55. eu atuei como tutora das disciplinas de computadores e estrutura de dados
56. então para esse perfil eu tinha que ser graduada em cursos na área de computação
57. então como eu era graduada em licenciatura em computação
58. então isso foi bem mais relevante para seleção
59. porque eu já tinha experiência na graduação
60. e já fui formada para atuar no ensino
61. também isso contribuiu bastante
62. então um dos pré-requisitos era a graduação na área da disciplina que a gente ia atuar
63. e outro pré-requisito importante era se o tutor ele já possuía alguma experiência anterior com EaD
64. então eles estavam dando essa preferência a tutores que já tinham experiência
65. em virtude que o curso era novo
66. tava começando agora
67. tava começando e eles precisavam de tutores com experiência
68. P: então você acredita que preenchia esses requisitos
69. que estavam sendo estipulados no momento?
70. ÁGATA: sim
71. eu acredito que preenchia
72. e: inclusive uma dessas disciplina que eu atuei como tutora
73. eu já havia lecionado
74. então foi bem mais tranquilo
75. P: você lecionou na modalidade presencial?
76. ÁGATA: na modalidade presencial
77. P: Você participou do curso de capacitação para tutores

78. que foi oferecido pelo IFPB
79. você acha que esse curso
80. qual é a importância dele para o seu desempenho como tutora?
81. ÁGATA: bem:::
82. o curso aconteceu em dois dias
83. a parte presencial
84. e houveram dois momentos
85. um teórico e outro prático
86. então nós tivemos também depois algumas semanas de ambientação com a plataforma
87. como eu já havia feito esse curso anteriormente
88. quando eu estava ingressando na EaD
89. no curso de segurança do trabalho
90. no caso
91. o conteúdo do curso foi o mesmo
92. então não houve muita é:::/novidade
93. então assim
94. os recursos que foram oferecidos
95. eu já conhecia por que já tinha recebido essas informações em outra formação
96. e já trabalhava com a plataforma
97. então alguns recursos não foram novidade né?
98. embora uma atividade ou outra tenha se destacado
99. porque nós não utilizamos no curso de segurança no trabalho
100. por exemplo
101. mas eu até falo que no curso de computação
102. muitos dos recursos que foram apresentados no curso de formação
103. nós não utilizamos durante a tutoria EaD
104. do curso de computação
105. é:: o que eu percebo também
106. é que esse curso de formação que os tutores recebem
107. as vezes aparenta que os professores não recebem
108. então assim
109. embora que o tutor eles tenham uma preparação muito bem fundamentada
110. como é que eu vou dizer? (...)
111. tenha muita vontade de “fazer o curso andar”
112. os professores não tem essa formação
113. e muitas vezes não se importam com o andamento do curso
114. com o desempenho do aluno
115. ou postam as mesmas atividades
116. por exemplo
117. eu trabalhei em outras experiências em que o professor ele somente abria fóruns de discussão na semana
118. e uma atividade de envio de arquivo uma vez por mês
119. por exemplo

120. e não sai dali
121. sendo que a EaD oferece vários outros recursos de avaliação
122. outros recursos para que o aluno esteja ali interagindo e aprendendo
123. P: nessas experiências que você teve como tutora
124. essa seleção/escolha de material
125. você participou em algum momento disso?
126. ÁGATA: não
127. em nenhum momento como tutora eu participei da escolha
128. a gente sentia muita falta também
129. eu e outros tutores que trabalhavamos em conjunto
130. de reuniões com os professores
131. então nós não tínhamos reunião com o professor
132. uma reunião durante um ano de curso
133. então isso não era significativo
134. para saber a metodologia que vai adotar e padronizar a correção das atividades
135. por exemplo
136. então em nenhum momento nós participamos de elaboração de material
137. de escolha de material da semana
138. o que os professores pediam pra gente era assim
139. “pesquise vídeo aulas que ajude o aluno”
140. mas qual vídeo aula se adequa mais com a metodologia que o professor usa?
141. então assim
142. atividades avaliativas
143. provas
144. fóruns
145. nada disso a gente participava em como isso deveria ser conduzido
146. P: você teve acesso
147. antes de iniciar o trabalho
148. a algum documento que apresentassem quais eram as atribuições do tutor a distância?
149. ÁGATA: no momento não me recordo
150. mas acho que não tive acesso
151. P: então
152. em sua concepção
153. quais devem ser as atribuições do tutor?
154. levando em consideração as experiências que você já teve?
155. ÁGATA: eu acredito que o tutor ele é muito mais do apenas um professor que corrige atividades avaliativas
156. certo?
157. ou exercícios
158. que vai muito mais além que isso
159. eu acho que o tutor é um profissional que atua como professor na plataforma mesmo
160. então assim

161. acho que a responsabilidade do tutor é também de acompanhar o aluno quanto ao rendimento que ele apresenta no curso
162. a aprendizagem dele
163. então:: ah::: se um aluno tá participando do fórum da semana 1
164. mas da semana 2 ele não participou
165. da semana 3 ele não participou
166. isso representa um indicativo de que ele pode tá começando a desistir do curso
167. por exemplo
168. então eu acho que o tutor é responsável por isso também
169. de chegar e mandar uma mensagem para o aluno perguntando "e aí o que tá acontecendo? Por que você não tá participando?"
170. para mim o tutor também exerce esse papel de profissional que acompanha o aluno
171. acho que um dos principais motivos de evasão na EaD
172. por exemplo
173. hoje é que os tutores não exercem esse papel
174. os tutores derepente acessam a plataforma uma vez por semana
175. vê se o aluno postou alguma dúvida
176. se o aluno postou ele responde
177. se o aluno não postou pronto
178. fica por isso mesmo
179. então acho que o tutor além de/de acompanhar as atividades avaliativas
180. que é o que a maioria dos tutores apenas fazem
181. eles devem
182. eu acredito que a função deles é também acompanhar
183. vê se o aluno é um possível
184. como é que eu posso dizer
185. se ele é um possível candidato a evasão
186. de acordo com a interação que ele está estabelecendo ali no curso
187. naquele momento
188. P: você acredita que a sua formação inicial
189. a graduação mais especificamente
190. ela lhe preparou para desenvolver esse trabalho de tutoria?
191. ÁGATA: não
192. no curso de licenciatura em computação é::
193. nós tivemos uma disciplina de educação a distância
194. então nessa disciplina a gente viu
195. de forma muito rápida
196. em um semestre
197. tudo que é relacionado a educação a distância
198. eu lembro que na disciplina nós participamos de um/ a professora colocou lá um mês do semestre ela dedicou a um curso na plataforma
199. e a gente interagiu num fórum
200. enviou uma atividade por ali
201. mas não foi dada a ênfase necessária para como nós deveríamos agir

ou como profissionais da EaD
então no curso de licenciatura em computação tem uma disciplina de EaD
mas para atuar o curso não prepara
mas não e bem o foco do curso
como é um curso superior
realmente uma disciplina é suficiente
caso haja uma preferência pela disciplina
há cursos de especialização
capacitação para se dar profundidade a isso
P: já que você falou que a graduação não lhe preparou para isso
e que o curso de capacitação não ajudou muito
o que você acha que contribuiu para
em termos de formação
para que você seja a tutora que você é hoje?
ÁGATA: o que influenciou bastante foram o contato com outros tutores mais experientes
e conversas com outros tutores
então quando eu tinha dúvidas
eu procurava algum colega que já exercia a função de tutor a distância a um tempo
então o primeiro critério que me ajudou foi esse
conversar com pessoas que tinham mais experiência que eu
um segundo critério que ajudou bastante também foi a questão de aprender na prática
quanto mais eu usava plataforma
por exemplo
mais eu compreendia os recursos que ela me oferecia
e mais eu entendia como é que eu podia estimular meu aluno
num terceiro momento
o que me ajudou bastante foi desenvolver minha pesquisa do mestrado
na área de EaD
que eu também tive que estudar um pouquinho de EaD no mestrado
para poder preparar minha dissertação
então eu tive que conhecer mais da EaD,
mas sobre outra perspectiva
sobre interações sociais dentro da EaD
é:: e a experiência com a educação presencial
assim que não é como a educação a distância
mas por lecionar no ensino superior
a gente acaba adotando um pouco de metodologias que a gente usa no ensino presencial que também dá para utilizar no ensino a distância
e um pouco mais de segurança com relação ao conteúdo que a gente tá conduzindo na EaD também
P: se você pudesse classificar em ordem de importância
quais as principais funções do tutor

242. da mais importante para a menos importante?
243. ÁGATA: eu acho que a mais importante é o acompanhamento do aluno
244. eu atribuo muito
245. é bem pessoal também
246. eu acho que o aluno desiste do curso
247. lógico que o aluno de educação a distância ele tende a desistir do curso por diversos motivos também
248. as vezes por motivo de trabalho
249. problemas familiares etc
250. mas acho que o aluno ele desiste do curso quando ele não sente a presença de alguém que dê suporte a ele ali
251. então como ele já tá a distância
252. ele não tem a presença do professor na sala de aula para tirar dúvidas
253. por exemplo
254. quando o tutor não interage com o aluno ele se sente sozinho
255. ele "o que é que eu tô fazendo aqui?"
256. então ele vai ter dúvidas
257. vai se sentir desestimulado
258. então em um primeiro momento eu acho que o papel do tutor é acompanhar o aluno
259. não só a aprendizagem dele
260. mas acompanhar mesmo o desenvolvimento dele durante o curso
261. acho que essa é a prioridade
262. o acompanhamento do aluno
263. num segundo momento
264. deixa eu pensar (...)
265. uma outra atividade
266. eu acho que um segundo momento
267. uma outra atividade seria conhecer bem os recursos que o moodlle
268. por exemplo
269. que a plataforma a distância
270. eu cito o moodle mas tem outras
271. o amadeu por exemplo
272. é conhecer bem os recursos que a plataforma oferece
273. para saber usá-los nos momentos do curso
274. então por vezes uma atividade é bem avaliada num fórum e não é num chat
275. então ele tem que conhecer bem a ferramenta dele para poder aplica-la
276. é:: num terceiro momento
277. é a interação professor-tutor
278. não é o inverso
279. no segundo a interação professor tutor
280. e no terceiro conhecer bem a plataforma que ele tá utilizando
281. para poder extrair os melhores recursos para a aprendizagem do aluno
282. P: como é que você analisa a atual situação desse profissional?
283. ÁGATA: bem/ é:: na verdade::

284. o tutor a distância não é visto como um profissional da educação
285. na verdade
286. do ponto de vista bem geral
287. eu acho que a EaD é uma área que tende muito a crescer e favorecer demais o campo de ciência e pesquisa
288. em fim
289. tende muito para isso né?
290. fornecer as pessoas que não tem acesso ao ensino presencial a oportunidade de estudar em casa
291. e ter a sua formação superior
292. mas o profissional de tutoria não é valorizado
293. nem o tutor a distância
294. nem o tutor presencial né?
295. principalmente em termos de valorização salarial
296. por exemplo
297. a EaD
298. eu vou até citar um exemplo
299. tem muitos cursos na UFPB que estão demitindo tutores por que o governo não está dando suporte financeiro para isso
300. então o curso tende a fechar
301. que realmente o que aconteceu no IF((ela se refere ao IFPB))
302. por exemplo
303. eu sai do curso o curso de segurança do trabalho por que não ia ter turma para mim
304. para minha disciplina naquele semestre de 2016
305. então apareceu esse edital de computação e eu fiz
306. aí consegui ficar
307. mas aí o que aconteceu
308. eles começaram a cortar tutores lá no curso de segurança do trabalho
309. por que o governo não tava mandando verba
310. embora tivessem alunos para continuar a turma
311. então eu acho que não é muito valorizado
312. e a tendência é que os cursos de educação a distância diminuam a oferta de entrada de alunos
313. então não é muito valorizado não
314. P: e pelos colegas de trabalho
315. o tutor é valorizado?
316. ÁGATA: Não
317. na verdade eu conheço muitos tutores que trabalham pela bolsa
318. pelo valor que recebem
319. e eles não se sentem muito valorizados também
320. pelo ao menos no grupo onde eu trabalho
321. não recebem um suporte da coordenação de tutoria
322. dos próprios professores
323. não há comunicação

não há um diálogo para poder montar um curso de qualidade
então eles se desmotivam quando não recebem esse suporte da equipe e
quando não recebem as bolsas do governo que atrasam demais
P: e os alunos?
como eles enxergam o profissional de tutoria?
ÁGATA: na verdade
ao menos nos cursos em que eu atuei como tutora
os alunos eles nos tinham mais como professores da disciplina
do que como tutores
então todas as dúvidas que eles tinham eles nunca se reportavam ao professor
embora a gente sempre enfatizasse que o professor da disciplina era fulano de tal
eles/eu acho que eles
realmente dava para sentir
que eles nos sentiam como professores responsáveis da disciplina
então dúvidas de atividades é claro que eles tinham que tirar com a agente
mas o professor ele também pode interagir
por que ele também era responsável por aquela turma
então quando o professor se ausentava
que era o que normalmente acontecia
os alunos eles nos tinham como suporte.

APÊNDICE D- ENTREVISTA COM A TUTORA EVA

P: A primeira pergunta que eu queria te fazer é::
se você já teve outras experiências como tutora
além desta última né?
Que foi quando você realizou o curso de capacitação no final do ano passado
EVA: Fui tutora é::
na UFPB
no curso de letras
então/ em um disciplina optativa
a disciplina de sociolinguística
eu fiquei dois anos na tutoria da UFPB
P: E já que você já teve essa experiência anterior e mais com essa experiência de agora
eu queria que você me falasse um pouco
de qual seria sua concepção da tutoria na EAD?
EVA: Com certeza a figura do tutor é importante
por que nem sempre o professor tá podendo atender a:: demanda dos alunos
então assim
o tutor fica sendo aquela pessoa que assim/
que fica entre o professor e o aluno
e às vezes o aluno se sente mais confiante de conversar com a gente
de solicitar alguma coisa a gente
do que diretamente ao professor
então é um papel importante a tutoria
P: Certo
Quando você se candidatou a essa vaga de tutoria no IFPB
você lembra quais eram os pré-requisitos
que foram exigidos para que você pudesse se tornar o tutor dessa disciplina
que você tá atuando hoje?
EVA: eu lembro que a questão da formação
fazer letras-inglês
ter algum tipo de vínculo com o setor público
então no meu caso
como sou aluna da pós-graduação
ficou sendo esse o meu vínculo
e experiência em magistério
P: então
no caso você atendia a todos esses pré-requisitos
que estavam exigidos lá no edital de seleção, não é?
EVA: Sim.
P: Com relação ao curso de capacitação que foi oferecido pelo IFPB
qual a importância desse curso no seu desempenho como tutora?

41. EVA: com certeza foi muito importante
42. por que assim
43. a professora que ministrou tem várias experiências
44. já até tinha feito outro curso de capacitação com ela na época da UFPB
45. então assim realmente ela entende
46. ela tá em uma área que ela compreende
47. ela procura atender as necessidades da tutoria
48. o que/ que envolve uma tutoria
49. vários aspectos foram abordados
50. para mim foi bastante importante sim o curso
51. o que foi ruim assim
52. foi que tiveram dois encontros presenciais
53. não sei se você vai perguntar ainda sobre isso
54. porque assim
55. foram dois encontros presenciais que não foram agendados com bastante antecedência
56. por exemplo
57. e ai eu só pude ir para um
58. e não pude ir para o outro, sabe?
59. e foi ruim por isso só
60. mas na parte presencial
61. e na parte que elas ficaram fazendo a distância
62. o acompanhamento dos movimentos
63. foi muito importante
64. P: você acha que alguma coisa a mais poderia ter sido abordada nesse curso?
65. já considerando a experiência que você tem com a EAD
66. para os tutores que iriam iniciar pela primeira vez o trabalho como tutor
67. tem alguma coisa que poderia ter sido abordada no curso
68. e não foi?
69. EVA: Olha
70. que eu lembre assim/
71. pessoas que não tinham experiência ainda com a tutoria
72. tinham dificuldade com relação a mexer na plataforma/no Moodle
73. então talvez
74. sei lá::
75. abordar alguma coisa a mais nessa parte
76. de quem nunca teve contato com a plataforma
77. então assim:: um dia para ensinar a mexer mais sabe?
78. elas abordaram isso
79. mas não foi tão profundamente
80. por questão de tempo mesmo
81. P: talvez de uma forma mais prática né::?
82. que abordasse isso?
83. EVA: para mim

como eu já conhecia
Enão foi problema
Foi só conhecer uma outra plataforma
de outra instituição
a plataforma moodle é uma só
então foi tranquilo
P: antes de você iniciar seu trabalho como tutora
e já pensando nessa experiência anterior na UFPB
você teve acesso a algum documento
que indicasse quais são as atribuições do tutor a distância?
você se recorda?
EVA: Sim
tem um documento
acho que até mesmo a professora Marta
eu não tô lembrada bem
que já vai fazer um ano que a gente fez essa capacitação
mas eu lembro que li sim alguma coisa sobre
P: então esse documento
de alguma forma ele norteou o seu trabalho?
EVA: sim
com certeza
P: e pensando nessas atribuições que esse documento apresenta
você acha que quando você atua como tutora
você consegue cumprir com todas essas atribuições que esse documento especifica
e até as atribuições também
que acabam sendo reveladas a partir do curso de capacitação?
você acha que você cumpre com todas essas atribuições
quando você exerce a sua função de tutoria?
EVA: é::: procuro cumprir né?
Agora/ uma coisa que assim/
que:: até entre nós tutores a gente conversa
é a questão que eles colocam 20 horas semanais/
você tem que acessar 20 horas semanais
na prática isso não acontece
porque ou vai ter semana que você ou acessa menos
e semana que você acessa mais
então vai depender da demanda
porque as vezes tá só com o fórum e pronto
e em um dia que eu sento
eu consigo responder tudo
e cumprir minhas obrigações
claro que todo dia eu abro *pra* ver se tem nova mensagem
e assim/nem sempre vai atingir as 20 horas
por outro lado

quando tem muita tarefa
muita coisa *pra* gente corrigir
excedendo as 20 horas
que é uma coisa para ser revista
P: você acredita que a sua formação/
aí a gente vai pensar na sua formação inicial da graduação
você tem graduação em letras não é?
então a sua formação na graduação de letras ela de alguma forma lhe preparou para atuar como tutora?
se sim
como isso aconteceu?
se não
por quê?
EVA: Como tutora não
só a questão do conhecimento teórico mesmo
assim:: quando eu atuei na disciplina de sociolinguística
como eu também já fazia parte de iniciação científica
e já era na área
então isso me ajudou
e com relação ao e-TEC
só a parte da língua mesmo/
da parte do estudo da língua
mas do desempenho como tutor não
eu acho que o curso não prepara não
P: então assim:
a gente sabe que os cursos de graduação/eles tem esse direcionamento para a prática docente mesmo né?
e a atividade de tutoria ela pode ser considerada
não sei se você concorda comigo
você pode até dizer sua opinião
como uma prática docente
então você acha que os cursos de graduação/
eles poderiam voltar esse olhar também para essa nova demanda que é educação a distância
de/ de formar mesmo
de estruir os alunos para esse novo espaço de educação que é/ acontece online
e não apenas presencialmente?
EVA: com certeza
até porque eu lembro
que até durante a graduação tinha professor que fazia assim
usava também a plataforma para complementar algumas atividades
já/já tinha professor que utilizava
e é a demanda do futuro
com certeza o curso tem de pensar nisso

169. e de alguma forma
170. como colocar uma disciplina como optativo
171. ou até na grade mesmo
172. que aborde essa questão da tutoria virtual
173. com certeza
174. P: e se você pudesse assim
175. agora já pensando nessas funções mesmo como tutor
176. aí você pode até pensar é:: no seu trabalho mesmo
177. se você pudesse classificar em ordem de importância quais seriam as principais funções ou atribuições do tutor
178. pensando em uma ordem de importância
179. "esta é a função mais importante essa um pouco menos"
180. você pode me dizer
181. sei lá
182. três/quatro que você considera mais importante das funções que o tutor tem na educação a distância
183. quais seriam?
184. EVA: primeiro assim
185. procurar acompanhar sempre o aluno
186. tentando sempre buscar
187. foi até uma coisa que a professora Marta na capacitação falou
188. da gente sempre mandar mensagem de incentivo
189. procurando saber porque não fez aquela atividade
190. então isso eu procurei colocar em prática mesmo
191. então toda semana um aluno não fazia
192. então eu mandava mensagem para ele
193. "porque você não fez a atividade dessa semana?"
194. e assim::
195. eu acho que essa é uma da/ das primeiras funções
196. porque é muito difícil para o aluno né?
197. ele tá estudando só
198. então assim
199. ele não tem uma figura presente
200. e a gente ainda não tá acostumado com essa questão do estudo a distância
201. então assim
202. infelizmente tem que ter essa função de alguém estar cobrando
203. que isso é importante para o tutor sabe?
204. para motivar o aluno
205. em segundo lugar
206. eu acredito sempre nas correções das atividades
207. mandar um feedback
208. porque assim
209. só corrigir e colocar a nota não diz muita coisa
210. justificar

dar um feedback ao aluno
dizendo que “isso aqui precisa melhorar, isso aqui não foi legal”.
então eu acho que essas duas que vem a cabeça neste momento agora
essas duas atividades na minha cabeça
P: e pensando nas condições de trabalho do tutor
aí a gente sabe que ainda não existe nada mui::to regulamentado com relação a atividade de tutoria
ainda não é considerado um trabalho
uma profissão
mas com relação ao que a gente tem hoje/ de valorização social
e até remuneração mesmo
como é que você analisa essa atual situação do profissional de educação a distância
e mais especificamente do tutor
neste atual momento da educação do Brasil
como é que você enxerga esse profissional?
EVA: eu vou até responder focando na outra pergunta da docência
então vou falar sobre isso também
é até uma questão que a gente discute na pós-graduação
porque a gente enquanto doutorando
tem que ter parte de estagio docência
principalmente quando você é bolsista
e a questão de tutoria lá
eles ainda tão analisando se eles colocam isso
se aceitam ou não
e:: é claro que o tutor/ele tá desempenhando o corpo docente
isso tem que ser aceito
então a gente tem esse problema na própria universidade
o próprio programa tá relutante
que tem que reconhecer isso como uma atividade docente
e colocar no seu currículo
e::: infelizmente a gente não é reconhecido
primeiro que é uma bolsa
então assim
na minha opinião não era pra ser uma bolsa
é uma profissão
e tá se tratando de professor mediador
então já começa aí
é um valor irrisório
do pouco que a gente ganha
e a gente não só tem essa demanda online
a gente tem que ir no polo presencial
você tem que cumprir/tem que atender os alunos lá
então assim
infelizmente não é uma função reconhecida não

que a gente seja bem vista aí não
P: aí pensando nos alunos
como é que você percebe que eles enxergam esse trabalho do tutor?
eles enxergam com a mesma desvalorização que o estado
que o governo
ou você percebe um olhar diferente em relação a isso
com os alunos?
EVA: não
os alunos
pelo menos os que eu tenho contato
eles enxergam bem como professores
eles nos tratam até como professores
"professora" quando manda uma mensagem e tudo
então eles não nos veem como alguém assim abaixo
eu acho que eles veem assim
eles entendem
na minha opinião
que nós somos a pessoa que vai intermediar entre eles e o professor
eu acho que é isso que eles veem
mas eles nos veem como professor
P: e com relação ao seu relacionamento com o professor da disciplina
no IFPB eu não sei se no curso de idiomas é assim que funciona também
porque no curso que eu trabalhei
que eu já trabalhei uma época como tutora
agora não mais
a gente tem o professor formador da disciplina e os tutores né?
lá no curso de idiomas é assim também?
como é o seu relacionamento com esse professor?
EVA: Isso
Assim:: a gente nunca teve contato presencial
mas ela é muito presente
sempre o que a gente mandava pela plataforma ou pelo whatsapp
sempre atendia
compartilhando conosco
reuniões nossas
e aceitou muita coisa
com relação até a nota/como colocar
como seria a divisão da nota
em certa atividade
então assim
ela foi bem presente
apesar de não nos conhecermos pessoalmente
P: então vocês participam dessa construção da disciplina?
EVA: sim

não em questão curricular
que não foi nem a professora que criou
é uma coisa que já vem pronto
P: o material né?
Ah:: entendi
EVA: a gente participou com relação a notas assim
atribuições e como seria
“tantos pontos para tal aspecto”
P: a gente vê que nos documentos que regulamentam a educação a distancia
em alguma coisa que a gente já trouxe para o nosso trabalho aqui
eu percebi que
essa não é uma atribuição do tutor a distância
de colaborar na formação da disciplina
como um todo
nessas questões de opinar em relação a metodologia
mas a gente sabe que isso não acontece em todos os casos
as vezes o tutor não tem essa autonomia de opinar
e essa opinião ser aceita pelo professor da disciplina
mas você acha que isso é interessante e importante nessa relação entre o professor e o tutor
que isso aconteça?
EVA: com certeza
por que no final das contas
somos nós que temos mais contato com os alunos né?
e atendemos a demanda
a gente tá lá mesmo
na prática
e a gente vai vendo como é o desenrolar da disciplina de fato
então eu acredito que seja importante sim
P: então eram essas as perguntas que eu tinha aqui pra te fazer
mas se você quiser falar algo sobre essa sua atividade de tutoria
como você se enxerga enquanto profissional
então você tem aqui esse espaço pra falar
pode ficar a vontade
EVA: porque assim
quando eu entrei no IF
a imagem assim que se passou era de/é muito organizado
em relação a isso
a parte virtual sabe?
só que na prática a gente observou um descaso em relação aos tutores
sabe assim
falta de informação com relação a pagamento
não falo nem em questão de atraso
que acho isso um grande problema também

341. essa questão de atraso de bolsa
342. mas assim
343. não nos informavam
344. ficou faltando muita informação
345. a gente questionava
346. não com o professor
347. com a coordenação geral
348. e:: muitas vezes a gente não obtinha respostas
349. que tinha que todo mundo se juntar e falar mesmo
350. então assim
351. tinha que ter mais atenção conosco
352. mais respeito
353. eu achei que foi uma falta de respeito que tiveram com a gente
354. essa falta de comunicação
355. enquanto tava só na parte de capacitação a coordenação se preocupou bastante com isso
356. de nos informar direitinho
357. entrar sempre em contato
358. no momento em que acabou a capacitação
359. e a gente foi atuar de fato
360. simplesmente a coordenação não ajudou em nada não
361. e até as professoras ficavam assim e não sabiam responder
362. não podiam
363. a gente ia perguntar a elas e elas diziam “não a gente não tá sabendo”
364. e tiveram problemas assim de informação
365. falta de informação com a coordenação
366. então isso foi ruim
367. porque as vezes os alunos vinham perguntar algumas coisas a gente
368. questões técnicas ou administrativas
369. e a gente nunca sabia responder
370. e eles não obtinham respostas quando eles faziam diretamente com o suporte
371. então isso é um aspecto negativo para mim

APÊNDICE E – ENTREVISTA COM O TUTOR DANILO

P: Além da atuação no IFPB, você já teve outras experiências como tutor? Se sim, quais?
DANILO: Não.

P: Fale-me um pouco sobre sua concepção acerca da tutoria na EaD. Se você considera um trabalho útil para a modalidade, por exemplo.

DANILO: Bom, a tutoria de cursos em EaD é de fundamental importância para o desenvolvimento do curso, uma vez que esse profissional está no apoio do discente tirando dúvidas, e fortalecendo o aluno além do apoio pedagógico na promoção do incentivo e estimulação ao estudante, uma vez que nos cursos em EaD os alunos muitas vezes se sentem sozinhos, por falta da presencialidade dos demais.

P: Certo. Vamos a próxima pergunta. Ao se submeter a esta vaga, quais eram os pré-requisitos necessários para alguém se tornar tutor no curso/disciplina em que você atua? Você se recorda?

DANILO: Sim, os pré-requisitos foram 1-Licenciatura e ser aluno de cursos de especialização ou concludente de cursos na área para o qual concorri no caso EaD; 2- cursos de extensão realizados na modalidade EaD; 3-cursos de informática; 4- ser servidor público efetivo.

P: Você preenchia todos eles?
DANILO: Sim, com certeza preenchi todos.

P: Ok. Qual a importância do curso de Capacitação para tutores, oferecido pelo IFPB, para o seu desempenho como tutor?

DANILO: Foi de fundamental importância principalmente porque a plataforma que o IFPB utiliza em seus cursos é diferente das plataformas utilizadas por mim em outros cursos que realizei em EaD. A plataforma do IF é bem avançada em termos de tecnologia, com mais recursos e outras possibilidades de interação.

P: Há algo que você gostaria que tivesse sido abordado no curso e não foi? Que sugestões você poderia dar de melhorias para o curso, que pudessem auxiliar os tutores iniciantes em seu trabalho.

DANILO: Acho que o curso necessitou de um pouco mais de planejamento uma vez que nós tutores não nos reunimos uma única vez com os professores formadores, e isso acredito que foi uma falha dos idealizadores do curso.

P: Entendo. Já que você mencionou, como você avalia o seu relacionamento, enquanto tutor, com o professor da disciplina que você atua/atuava?

DANILO: Bom, eu não participava de nada.
P: Você acha que deveria ser diferente?

DANILO: Com certeza todos os profissionais que vão participar de um determinado curso devem ser envolvidos e participar de forma ativa em um curso, devem participar do planejamento, de reuniões e outros.

P: Ok! Você teve acesso, antes de iniciar o trabalho, a algum documento que indica as atribuições do tutor a distância? Em caso de resposta afirmativa, de que forma este documento tem contribuído com o seu trabalho?

DANILO: Sim, esse documento contribuiu muito para o meu trabalho.

P: E como você teve acesso a ele?

DANILO: Foi durante a capacitação nos foi passado as nossas atribuições enquanto tutor.

P: Sim, sim. Você consegue cumprir com todas as atribuições indicadas neste documento e no curso de capacitação?

DANILO: Sim, com certeza.

P: Você acredita que a sua formação, mais especificamente, a graduação, lhe preparou para desenvolver este trabalho? Por quê?

DANILO: Sim, tanto por que foi em pedagogia que é uma habilitação para o magistério, como também porque foi na modalidade EaD.

P: Se você pudesse classificar em ordem de importância, qual seriam as principais funções /atribuições do tutor, quais ficariam em 1º, 2º e 3º lugares?

DANILO: 1- Motivação para os estudos; 2-Dirimir possíveis dúvidas dos discentes; 3-Feedbak aos alunos.

P: Ok. Levando-se e consideração as condições de trabalho do tutor, a valorização social, remuneração, dentre outros. Como você analisa a atual situação deste profissional de educação no Brasil

DANILO: Infelizmente o Tutor ´é um profissional que não é muito valorizado profissionalmente nem pelo papel que exerce nem também pelo salário que recebe, infelizmente é uma função ainda desvalorizada pelo fato talvez de ser nova no contexto educacional, uma vez que até as legislações acerca da sua profissionalização são escassas, infelizmente ainda precisa-se reconhecer a função do tutor de EaD no Brasil.

APÊNDICE F – PARTICIPAÇÕES DA TUTORA ÁGATA NOS FÓRUNS DO CURSO DE CAPACITAÇÃO

Re: Discussão do grupo COMP-UAB por [TDSTR********] - sexta, 11 dezembro 2015, 23:54

A meu ver, a interação aluno-tutor ocorre através de todas as ferramentas (síncronas e assíncronas) que o Moodle dispõe. Entretanto, conseguimos interagir de forma mais efetiva com o aluno quando o estimulamos a participar (colaborando) dos fóruns de discussão. Com este recurso, estimulamos a construção do conhecimento de forma colaborativa e interativa.

O papel do tutor, nesse caso, é de intermediador! Não, apenas, um tutor que está presente para sanar as dúvidas do aluno referente ao conteúdo estudado na semana, mas como um tutor-mediador que promove a troca e o compartilhamento de conhecimentos.

Re: Debatendo sobre Netiqueta por [TDSTR********] - domingo, 20 dezembro 2015, 23:32

Oi pessoal,

Minha experiência na tutoria a distância me permite dizer que é de extrema importância que eduquemos e alertemos nossos alunos, logo na primeira semana de aula, sobre as regras de netiqueta. Muitos dele, ainda chegam no AVA com a impressão de que estão em um espaço informal. Na verdade, não precisamos apelar para a formalidade, sempre. Mas, a meu ver é importante alertar os alunos sobre algumas regras básicas, como: escrever um texto bem formatado; ao mencionar textos de outros autores, referenciá-los; evitar textos muito longos e cansativos, entre outros.

Vamos nos deparar continuamente com alunos que não atentam para essas regras. Então, cabe a nós, tutores, orientá-los! :D

Abraços.

APÊNDICE G – PARTICIPAÇÕES DA TUTORA EVA NOS FÓRUNS DO CURSO DE CAPACITAÇÃO

Por [TDIDIOMAS****] - sexta, 4 dezembro 2015, 15:32

Boa tarde, colgas.

Após a leitura dos textos disponibilizados, um dos que me chamou mais atenção foi "Preconceito em relação à EAD – Será que as empresas sentem preconceito de alunos de EAD?", de autoria da professora Liliam Silva. O texto me levou a algumas reflexões.

Algo que me chama bastante atenção no que tange a esse tema, são as atitudes discriminatórias para com os profissionais oriundos dessa modalidade de ensino. Atitudes parecidas sofreram muitos colegas que se formavam em universidades particulares. Muitos colegas de profissão se sentiam constrangidos em dizer que haviam se formado em uma instituição privada, pois tinha-se a crença de que profissional bom era aquele oriundo de uma instituição pública. E esse tipo de crença levava à atitudes de discriminação. Felizmente, essa crença negativa perdeu força, devido o bom desempenho desses profissionais. Acredito que o mesmo fenômeno vem ocorrendo com a modalidade a distância. Os excelentes profissionais que se formam nessa modalidade estão saindo com algumas competências extras, como bem mencionou a autora do texto em questão. Qualidades como disciplina, domínio tecnológico, dentre outras, são alguns dos exemplos de habilidades que esses profissionais possuem.

E para vocês, colegas, quais as possíveis causas do preconceito em relação à EAD?

Re: "Preconceito em Relação à Educação a Distância – Será que as empresas sentem preconceito de alunos de EAD?" por [TDIDIOMAS****] - sexta, 4 dezembro 2015, 15:02

Muito pertinente seu comentário, (nome omitido por questões éticas). Quanto ao seu questionamento, no que diz respeito a pensar que a EAD seria inútil, não, não pensei isso, mas quando atuei como tutora em outra instituição, houveram momentos que cheguei a questionar se, de fato, os profissionais que sairiam dali estariam aptos para o mercado de trabalho, devido o desempenho deles durante o curso. No entanto, esse crença minha caiu por terra quando vi os bons resultados. Cheguei a pagar disciplinas, no Mestrado, junta com uma aluna oriundo do curso de que atuei como tutora! Isso me deixou muito feliz.

Re: Debatendo sobre Netiqueta por [TDIDIOMAS****] - sábado, 19 dezembro 2015, 15:35

Boa tarde, pessoal.

Muito pertinente as observações feitas sobre a utilização de caixa alta. No entanto, em alguns momentos, acredito que o uso de caixa alta é pertinente sim, pois pode surtir o efeito de chamar a atenção para algo. Por exemplo, quando eu era tutora de outro curso, o próprio professor algumas vezes utilizava para enfatizar um determinado aviso. Agora, o uso corriqueiro pode sugerir sim grosseria. Acho que sempre devemos analisar os contextos.

Abraços.

Re: Debatendo sobre Netiqueta por [TDIDIOMAS****] - sábado, 19 dezembro 2015, 15:44

Muito pertinente essa observação, professora (nome omitido por questões éticas). Certamente o plágio faz parte da discussão sobre netiqueta. Infelizmente essa prática está presente em nosso meio acadêmico. Na maior parte das vezes o aluno faz isso consciente. No entanto, com a experiência que já tive como tutora, observei que, em alguns casos (poucos, mas constatei) o aluno fazia isso por não entender o que é o plágio de fato. Quando eu dava o feedback falando sobre isso, eles me respondiam: "Mas eu coloquei a fonte nas referências". Eles achavam que o simples fato de mencionar a fonte já era suficiente para não dizer que era um plágio. Então,

acho importante, na primeira semana do curso, disponibilizar algum texto para os alunos que fale sobre isso.

Re: Fórum sobre Situações - Questões de Avaliação na EAD por [TDIDIOMAS****] - quarta, 6 janeiro 2016, 10:40

CASO 3: Como estratégia, inicialmente eu pediria para os alunos entrarem novamente nos fóruns que tratou dos assuntos que cairão na prova, a fim de reverem o que foi discutido e ver se ainda resta alguma dúvida. Em seguida, marcaria alguns encontros no chat para discutir os temas. Marcaria três possibilidades de horários (manhã, tarde e noite), devido sabermos que os alunos acessam em momentos diferentes.

CASO 4: O plágio deve ser analisado caso a caso. Se Pablo fosse um aluno iniciante, eu consideraria o fato de ele não ter conhecimento sobre essa ação. Conforme a professora Moema falou, eu trataria de forma educativa. Daria uma segunda chance. Muitos alunos acham que, o fato de colocarem a referência, já os livram do plágio. Vemos que isso é falta de instrução quanto à essa ação. No entanto, se essa prática for realizada por alunos veteranos, eu veria o histórico do aluno, para ver se essa já é uma ação recorrente e conversaria com o professor da disciplina

Re: Discussão do grupo e-TEC por [TDIDIOMAS****] - quinta, 10 dezembro 2015, 23:55

Pois é, (nome omitido por questões éticas), a humanização deve ser um tema muito pertinente na modalidade a distância. Já que não temos o contato físico com os alunos, devemos, ao menos, tratá-los de forma mais humanizada. Não podemos esquecer que por atrás da tela do computador temos um indivíduo. Por mais breve que esteja sendo esse momento de "aluna virtual", já vivencio muitos dos problemas que um estudante EAD passa. Ter que lidar com internet lenta, mil e uma coisas pra fazer e as atividades propostas. Está sendo muito difícil pra mim com apenas essa disciplina, imagina pra um aluno que tem mais de uma?! Realmente, vamos tentar entender mais nossos discentes.

Re: Discussão do grupo e-TEC por [TDIDIOMAS****] - sexta, 11 dezembro 2015, 00:33

Uma das coisas que mais me chamou a atenção no vídeo do professor Celso foi a visão do tutor como intérprete. No conceito por ele exposto, nós temos a missão de "traduzir". Assim como uma pessoa que trabalha com tradução de línguas, nós transformamos uma determinada informação para a "língua" do aluno. Ao meu ver, não é uma tarefa fácil, pois temos que particularizar, isto é, adaptar os conteúdos para o grupo específicos com quem estamos

trabalhando. No entanto, essa ação faz com que nossos alunos se sintam mais acolhidos e tratados de forma mais humanizada.

Em relação ao segundo vídeo, o que me chamou mais a atenção foi a função do tutor enquanto um elo de ligação entre o aluno e a instituição. Temos a missão estabelecer essa ponte. Todavia, como realizar essa tarefa sem levá-los nas costas? Como construir esse elo tendo que, ao mesmo tempo, incentivarmos a autonomia do estudante nessa modalidade de ensino? Não são perguntas fáceis de responder. No entanto, acredito que deixando claro os critérios de cada atividade, não dar respostas prontas aos alunos, mas sim, levá-los a refletir sobre a própria problemática levantada por eles,são meios de incentivá-los a serem o ator, e não o coadjuvante no processo de aprendizagem virtual.

Considerando os cursos a distância do IFPB, ainda estou conhecendo a instituição. No pouco contato que tive, pude perceber o total comprometimento dos funcionários em ter um ensino de qualidade. Dentre os meios que o tutor dispõe para conseguir uma interação eficaz com os alunos, temos, por exemplo, o envio de mensagens e o chat. As mensagens são uma forma mais particular de tratarmos sobre determinados temas com os nossos discentes. O chat possibilita um contato mais instantâneo com eles.

Por fim, como exemplo de como a interação entre os demais agentes do processo pode ser promovida, temos o grupo do whatsapp que o nosso coordenador, Ivan, criou. Tivemos os primeiros contatos entre os membros do grupo por esse aplicativo, antes mesmo de nos conhecermos! Foi muito proveitoso. Sem falar que o nosso coordenador é sempre muito solícito e atencioso conosco. Me senti (e me sinto) muito bem acolhida e já me acho um membro da família EAD do IFPB!

APÊNDICE H – PARTICIPAÇÕES DO TUTOR DANILO NOS FÓRUNS DO CURSO DE CAPACITAÇÃO

Re: Texto "Liderança e Gestão – Educação a Distância – Avalie o Projeto pedagógico antes de se matricular" por [TDCOMP*******] - quinta, 10 dezembro 2015, 16:53

Boa tarde Cecília e a todos os colegas!

Vejo como primordial para o aluno ingressar em um curso essa questão dele realizar um filtro procurando conhecer o PPP do curso que vai realizar, pois, a partir do conhecimento deste é que o aluno vai ver se realmente ele se identifica com o mesmo, pois todos temos habilidades e interesses específicos, e que acho importantíssimo para qualquer pessoa essa decisão.

Danilo,

Tutor Computação.

Re: Texto "Tecnologias da informação e comunicação (TICS) na EAD" por [TDCOMP*******] - quinta, 10 dezembro 2015, 16:27

Boa tarde Francisco, e a todos os colegas!

A tecnologia deve ser considerada como meio ou recurso não como um fim, pois, o uso da mesmo sem um planejamento anterior não vai trazer muitos benefícios, como exemplo: Na foto abaixo mostra que todos estão conectados, mas, talvez não interajam entre sí, pois cada uma pode estar ligada ao seu mundo de contatos interesses e necessidades individuais, ou seja, estão juntas e separadas ao mesmo tempo. É necessário que faça o uso das tecnologias mas que não perca a noção do espaço e que essa seja usada de forma crítica reflexiva, como como uma ponte ao conhecimento e que esse último exige práticas reflexivas.

Danilo,

Tutor Computação

Re: Texto "Preconceito em relação à EAD – Será que as empresas sentem preconceito de alunos de EAD?" por [TDCOMP*******] - quinta, 10 dezembro 2015, 01:13

Olá pessoa! Bom dia a todos!

Bom gente, quem foi pioneira nesse processo de ensino a distância aqui no Brasil, foram as empresas e elas já acreditavam e inclusive ofereceram os primeiros cursos corporativos em EAD, para formação dos seus quadros funcionais, as empresas e os empresários a muito tempo acreditam no ensino à distância como propulsor de formações consistentes para os seus funcionários, e que a partir dessa atitude das empresas é que essa metodologia foi implantada pelo sistema educacional brasileiro de fato. Na verdade temos o Instituto universal brasileiro que a décadas oferece cursos em EAD, no entanto, o MEC como orgão regulador da educação nacional só depois de algum tempo é que possibilitou a realização de cursos superiores a distância como exemplo temos a Universidade federal do Mato Grosso como pioneira aqui no Brasil na modalidade a distância.

Danilo,

Um braço a todos!

Re: Texto: "Crenças e verdades sobre Educação a Distância" por [TDCOMP*******] - quinta, 10 dezembro 2015, 00:46

Olá Rômulo e colegas!

Sim Rômulo conheço sim alguns mitos sobre EAD um deles é o de que não se aprende através de EAD, e o outro é do medo pelo novo, esse primeiro já está desmistificado pois se pegarmos o Censo/EADBR.2014, temos que a maioria de alunos matriculados em cursos de

ensino superior está matriculado em cursos na modalidade a distância. E que temos um aumento significativo de matriculas de alunos mais jovens nessa modalidade então, isso é um sinal de que a modalidade está crescendo sendo aceita e que essa aceitação é sinal de credibilidade e que realmente se aprende a distância.

Outro mito é o medo pelo novo pois a sociedade sempre foi assim ela sempre teve essa tendência para o medo de enfrentar e aceitar o novo, no entanto, como a modalidade ainda é nova aos poucos vai sendo aceita visto que essa é uma forma de aprender e ensinar mais democrática, inclusiva, interativa, onde possibilita aprendizagens através de vária linguagens seja audio-visual, escrita, sensória e outras, já dizia Gardner que temos várias inteligências ou seja inteligências múltiplas que aprendemos de várias formas onde um aprende lendo, outro escrevendo, outro através da visão e assim por diante e que o ensino presencial é muito preso a essa questão da presencialidade do professor, e que no entanto essa aula expositva oferecida geralmente pelos modelos de cursos 100% presenciais apenas expositiva segundo pesquisadores o conteúdo apreendido pelo aluno após uma aula exclusivamente desse tipo o aproveitamento não passa de 5%.

Re: Texto: "Crenças e verdades sobre Educação a Distância"por [TDCOMP*******] - quinta, 10 dezembro 2015, 15:41

Olá colegas boa tarde!

As grandes empresas não desconsideram o ensino em EAD pelo contrário elas valorizam se assim não fosse elas não seriam pioneiras no ensino à distância de forma corporativa, site para pesquisa sobre o tema "EAD corporativa" Censo/EADBR.2014.

Danilo - Tutor Computação.

Re: Texto: "Crenças e verdades sobre Educação a Distância" por [TDCOMP*******] - sexta, 11 dezembro 2015, 14:54

Olá colegas!

Bom gente, as empresa foram pioneiras aqui no Brasil nos cursos corporativos em EAD, para formação e capacitação dos seus quadros funcionais, as empresas e os empresários a muito tempo acreditam no ensino à distância como propulsor de formações consistentes para os seus funcionários, e que as mesmas já usam as metodologias de EAD, a algum tempo e que com a ampliação e difusão desse uso cada vez maior pelas empresas, esse mito criado **pela sociedade** tende a ser **desmistificado.**

Re: Texto "Consciência global em EAD. Para que tê-la?"por [TDCOMP*******] - quinta, 10 dezembro 2015, 15:21

Boa tarde José e demais colegas!

Concordo com a nossa colega Eliúde vivemos um imperativo tecnológico, aos poucos as pessoas e o próprio sistema educacional vai aceitando essas novas inovações dos processos educacionais visto que a EAD é tendência e que ninguém foge dessa perspectiva ainda que tenha resistência de muitas partes, pois, isso é normal as sociedades sempre tiveram resistência as mudanças e essa nossa sociedade atual não é diferente, é imperativo o uso das tecnologias por todos os povos em um futuro bem próximo uma prova disso é que estamos diretamente ou indiretamente ligados a essas inovações seja em nossa casa, na escola ou na sociedade em convivência estamos constantemente necessitando interagirmos com as tecnologias e isso não foge a regra para o modelo de educação presencial é questão apenas de tempo para que o uso das TIC´S estejam consolidados também na escola, pois na sociedade este já é presente.

Danilo

Tutor Computação.

Re: Discussão do grupo COMP-UAB por [TDCOMP*******] - quarta, 9 dezembro 2015, 20:57

Boa noite Eliúde! E demais colegas,

Concordo com as considerações do prof. Celso, da profa. Luciana e também da nossa colega Eliúde, apenas fazendo também algumas considerações quero dizer que o tutor como ator também desse processo é incubido até de mais atribuições que o próprio professor conteúdista visto que esse deve dominar três tipos de conhecimento: O técnico o pedagógico e o administrativo.

Apenas acrescentando mais alguma consideração com relação aos recursos que a nossa colega citou podemos possibilitar ainda para fundamentar uma melhor aprendizagem marcar com os alunos para atendê-los pelo chat, como também podemos acrescentar links, leituras, filmes, sites, e bibliografias, sempre orientando-os a pesquisa.

Danilo - Tutor Computação.

por [TDCOMP*******] - sexta, 11 dezembro 2015, 15:59

Olá Rômulo, e todos os colegas!

Com certeza Rômulo, devemos considerar as singularidades de cada um, os seus contextos, em um processo de ensino-aprendizagem devemos primeiro conhecer os nossos alunos, os seus anseios e perspectivas os seus pontos fracos e fortes, o aluno é um ser em constante construção, pois, enquanto seres humanos somos sempre aprendizes, então nesse processo é importante considerarmos vários fatores e momentos vividos pelo aluno, pois, esse como ser social é construido histórico-socialmente, onde, os fatores que considerarmos de seu meio social e suas convivências passadas, podem ser relevantes para o seu aprendizado, e que esses serão significativos para um resultado positivo.

Danilo - Tutor à Distância de Lic. em Ciência da Computação.

Re: Fórum sobre Situações - Questões de Avaliação na EAD por [TDCOMP*******] - quarta, 23 dezembro 2015, 18:02

Boa tarde colegas professores!

No caso 03- em que a semana de provas presenciais se aproxima:

Eu particularmente usaria como estratégia estimular os alunos lançando desafios, motivando-os a leitura do material on-line ou impresso (apostila); Trabalharia bastante os temas e tópicos mais importantes no fórum de discussão e também marcaria horários de atendimento no chat para atendimento da turma para tirar dúvidas e socializar os conteúdos através de revisão geral além de instigar os alunos para resolverem soluções situações-problemas lançados no ambiente.

Onde segundo Iranita Sá (1998), o tutor em EAD exerce duas funções importantes: A informativa, provocada pela elucidação das dúvidas levantadas pelos alunos, e a orientadora, que se expressa em ajudar nas dificuldades e na promoção do estudo e aprendizagem autônomos.

Re: Fórum sobre Situações - Questões de Avaliação na EAD por [TDCOMP*******] - quarta, 23 dezembro 2015, 18:28

Quanto a situação 4- O aluno Pablo cometeu "Plágio"

Diante dessa problemática adverteria quanto a situação praticada esclarecendo sobre o "Plágio" copiar material que não é de sua autoria ideias, organização, estrutura, expressões, ilustrações, exemplos, citações, dados, modelos ou outra parte sem a devida referência podemos ser acusados de plágio e essa prática é crime! Orientaria o aluno a consultar o site http://www.abnt.org.br/ e que realizasse o trabalho novamente dentro das normas técnicas ABNT para um novo envio;

Celani (2005) aborda o tema chamando atenção para sua importância, especialmente no que concerne a necessidade de evitar abalos no apoio e credibilidade social à produção científica.

Att.

Danilo, Tutor Lic. em Computação

Re: Debatendo sobre Netiqueta por [TDCOMP*******] - terça, 15 dezembro 2015, 17:43

Boa tarde a todos!

Danilo, tratando de netiqueta concordo com você quando fala sobre o texto corrido, a mesma situação acontecia comigo, como gosto muito de escrever, vou escrevendo e as vezes quando percebemos temos escrito um parágrafo enorme, as vezes essa prática além de ser cansativo para o receptor dificulta o entendimento, tornando a compreensão difícil, no entanto, fica a dica para refletirmos:

1- Escrever fazendo tópicos;

2- Fazer períodos curtos.

Abraços!

Att.

Danilo,Tutor Lic. Computação.

Re: Debatendo sobre Netiqueta por [TDCOMP*******] - terça, 15 dezembro 2015, 17:59

Boa tarde colegas!

Olá Zildarlene! Concordo com você, para que haja uma comunicação eficiente entre participantes e cursistas é preciso usarmos palavras e termos usuais, contudo podemos falar pouco e falarmos tudo, no entanto, fica a dica para refletirmos:

1- Ser objetivo;

2- Ser coeso no discurso;

3- Falar em linguagem usual.

Abraços!

Danilo.

Re: Debatendo sobre Netiqueta por [TDCOMP*******] - quarta, 16 dezembro 2015, 00:12
Olá professora Ester, e colegas tutores!

Acho de fundamental importância referenciar os conteúdos e documentos de acordo com o proprietário da obra, pois se nos apropriarmos do que não é nosso estamos causando plágio e plágio é crime! Pois, todos os autores têm direitos autorais sobre suas obras e assim, devem ser respeitados e nós como profissionais éticos devemos nos apropriarmos dessa condição para não cometermos esse crime.

Abraços, Danilo

Re: Debatendo sobre Netiqueta por [TDCOMP*******] - sexta, 18 dezembro 2015, 22:50
Boa noite a todos!

Olá Marcos, com relação a netiqueta, essa questão do uso da língua é um grande problema que vivemos cotidianamente que é o uso da língua e sua deturpação, pois, em um ambiente virtual devemos usar com nossos interlocutores (alunos) a norma padrão, mas, que sejamos os mais claros e objetivos possíveis.

Para que haja sintonia nos discursos entre emissores e receptores para que evite maus entendidos quando de algumas proposições que venham a ser solicitadas, é importante lembrarmos sempre que falar difícil não vai ajudar, pois somos professores e devemos promover uma sintonia no discurso e que isso só acontece se formos bem didáticos com nossos alunos.

No entanto, não devemos nos exacebarmos com o uso da língua culta, devemos sim usar a norma culta, pois essa segue rigidamente as regras gramaticais, a norma culta conta com maior prestigio social e normalmente é associada ao nível cultural do falante. Mas que devemos sempre que nos atentarmos de ser muito claros e objetivos em nossa comunicação junto aos alunos é isso que a didática orienta.

Abraços a todos!

Danilo.